



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA

**IDENTIDADE E CULTURA: ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DA COMUNIDADE
TRADICIONAL DO MOINHO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS.**

BRASÍLIA – DF

2017

ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA

**IDENTIDADE E CULTURA: ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DA COMUNIDADE
TRADICIONAL DO MOINHO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Geografia, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial.

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA MARÍLIA LUÍZA PELUSO

**BRASÍLIA – DF
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA

FEITOSA, ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS

IDENTIDADE E CULTURA: ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DA COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS / ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA; Orientadora: MARÍLIA LUÍZA PELUSO. -- Brasília, 2017. 159 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Geografia) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. Cultura. 2. Identidade. 3. Etnogeografia. 4. Moinho. 5. Dona Flor. I. PELUSO, MARÍLIA LUÍZA, orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**IDENTIDADE E CULTURA: ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO DA COMUNIDADE
TRADICIONAL DO MOINHO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS.**

ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA

Dissertação de Mestrado submetida ao Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Geografia, área de concentração Gestão Ambiental e Territorial, opção Acadêmica.

Aprovada por:

Profa. Dra. Marília Luiza Peluso - Departamento de Geografia,
Universidade de Brasília (Orientadora).

Prof. Dr. Rafael Sanzio dos Anjos - Departamento de Geografia,
Universidade de Brasília.

Prof. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva – Mestrado em Desenvolvimento Rural
e Meio Ambiente - FUP-UnB Planaltina – (examinadora externo).

Prof. Dra. Regina de Souza Maniçoba - Departamento de Geografia,
Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que nos confunde com seu amor e cuidado, sempre nos proporcionando mais do que pedimos ou pensamos.

À minha família, pela compreensão e torcida contínua, especialmente ao Davi meu filho querido dono de um coração generoso e alma que sempre pensa no próximo, a Emanuelle minha Historiadora da Arte por sua alegria que a todos contagia. A Grazielle por me ensinar o quão imperfeita sou.

Agradeço aos professores do curso de Habilitação ao Magistério, em especial a professora Hilda Siani que através da Filosofia da Educação mostrou-me a importância do Educar para a vida,

Aos professores do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UEG/Formosa, pelo exemplo de quem forma professores éticos e capazes, em especial professora Me. Maria Salete Alves, incentivadora e amiga.

Aos professores do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, em especial professora Dr^a Glória Maria Vargas, quão especial é conviver com quem é apaixonado pelo que faz, ao professor Dr.^o Neio Lúcio de Oliveira, pela ajuda na construção do projeto que originou esta dissertação.

À banca examinadora, em especial à professora Dr.^a Regina Maniçoba de Souza e professor Dr. Rafael Sanzio dos Anjos, pela contribuição significativa que deram corpo e forma a esta dissertação, sem as quais, nada seria construído, meu muito obrigado!

Aos professores do PPGMADER, FUP - UnB - Planaltina, onde por 1 ano cursei as disciplinas como aluna especial, com ênfase à Dr^a Mônica Nogueira, Dr^a Janaina Dinis.

À professora Dr^a Marília Luiza Peluso, minha orientadora, por cada incentivo, ajuda e ponderação lúcida da importância de escrever com excelência, pela gentileza das palavras e companheirismo alegre em cada orientação. Sou grata por me permitir caminhar este percurso em sua companhia.

À professora Dr^a Tânia Cruz, mãe da Tarsila, que me ensinou a perseverar naquilo que meu coração escolheu como objeto de estudo desde o início.

E com muito afeto, agradeço ao meu companheiro, amigo, amante, a melhor pessoa que conheço e de longe quem eu quero permanecer perto sempre, Clawdemy também agora Mestre em Direitos Humanos pela UnB, por acreditar que

conseguiríamos juntos vencer todas as dificuldades, eu te amo até o céu e volta mil vezes!

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás, sejam nativos ou chegantes, povo do Cerrado, guardiões e protetores dos saberes e fazeres tradicionais.



CERRADO DENTRO DA GENTE

Xiko Mendes e Alan Mister

PARTE I

Se o CERRADO é o dentro da gente... Cuide do rio valorizando tuas águas,
Preserve árvores, animais, nascentes...
Vá e volte comigo de MÃOS DADAS!

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Coloque as tuas mãos em movimento:
Faça GESTOS, escreva, grite, TENTE Lutar contra o DESMATAMENTO!

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Não “lave as mãos que nem Pilatos”:
Mude tuas atitudes e se movimente Transformando palavras em ATOS.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Um de seus inimigos é o agronegócio.
Diga não à MONOCULTURA poluente!
Não compre nada com agrotóxicos!

Se o CERRADO é o dentro da gente... Se torne ecologista no próprio quintal: Faça a
FAMÍLIA tornar-se consciente De que Cerrado vivo é fundamental.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
O que fazes de braços cruzados?
Levante-se, erga as mãos, urgente,
Pois não é hora de ficarmos calados!

Se o CERRADO é o dentro da gente... Não fique aí parado de mãos atadas.
Acorde! Acorde e sinta que sua mente
É um amanhecer de vozes indignadas!

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Mude os seus hábitos dentro de casa.
Conheça mais sobre Meio Ambiente!
PRESERVE A PUREZA DA ÁGUA!

PARTE II

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Eu sou como sua Água e seu Ar: Sou o rio da terra sem mar.
Em baixo desse céu de azul anil
PERCORRO QUASE TODO O BRASIL.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Sou caçado e sou caçador.
Sou ave de rapina e roedor,
Onça, sabiá, saruê, tatu,
Tamanduá, anta, cascavel, teú!

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Sou coruja à noite, gavião de dia, O olhar contemplador de nostalgia. Sou tico-tico,
marreco, ema,
Beija-flor, joão-de-barro, seriema...

Se o CERRADO é o dentro da gente... Sou cagaita, araticum, mangaba; Sou jaca,
bacupari, jabuticaba. Em meu solo cresce o buriti.
Na mesa sinto cheiro de pequi.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Sou a imponência do jatobá, A beleza na forma do jacarandá.
Sou do tamanho do jequitibá, Selvagem, indomável como lobo-guará.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Sou a catira, o repente, a embolada.
Sou da Chapada e da Festa das Cavalhadas.
Sou da Folia de Reis e do Divino.
Sou viola cantando no dedo do menino.

Se o CERRADO é o dentro da gente...
Eu sou parte dessa GENTE que agora Escuta, canta, dança, conta HISTÓRIA...
Esse Povo que luta rindo como criança, Cheio de amor a Terra com Esperança!

Ter o CERRADO dentro da gente...
É sentir o sangue como seiva latente
Pulsando Vidas, germinando sementes.
E apesar da fúria de homens inclementes,
O Cerrado está aí: firme, forte, persistente!

RESUMO

A Comunidade Tradicional do Moinho, está localizada no município de Alto Paraíso/GO, e foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 30/12/2015. Seus moradores nativos e chegantes desenvolvem ações que visam à manutenção do modo de vida tradicional, cujo objetivo é garantir e manter a qualidade de vida dos moradores, que se estabelece através do conhecimento ancestral sobre plantas e ervas do Cerrado. O objetivo desta dissertação é analisar como a Comunidade Tradicional do Moinho pôde perpetuar seu Conhecimento Tradicional, sua Identidade e Cultura ancestralmente construída em um contexto social de pouca valorização da sabedoria repassada de geração a geração sobre plantas, ervas e seus usos que integram medicina natural quilombola. A hipótese é que a perpetuação do conhecimento tradicional dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho está diretamente ligada à preservação do bioma Cerrado em virtude da importância das plantas e ervas nativas da região, sem as quais a medicina tradicional, a culinária, hábitos e costumes podem se perder no tempo. Para o desenvolvimento desta dissertação foram realizadas pesquisas bibliográficas, de campo, entrevistas com os moradores e vivências com Dona Flor, parteira, raizeira e principal expoente da medicina tradicional quilombola. Foi utilizado um referencial teórico e conceitual sobre Geografia Cultural, Território, Identidade e Etnogeografia. A realidade da Comunidade Tradicional do Moinho é retratada através dos mapas e registros fotográficos dos elementos que integram o cotidiano dos moradores, trabalho e renda. Concluiu-se que a Comunidade Tradicional do Moinho agora certificada é conhecida pela medicina quilombola praticada pelos moradores mais antigos, o conhecimento tradicional é repassado de geração em geração pela oralidade e convívio. Toda a riqueza cultural expressa na religiosidade, na culinária e na manipulação e formulação de remédios “do mato” está ameaçada pela modernidade caracterizada pela agricultura tecnificada e expansão imobiliária que diminuem o território utilizado para a coleta de ervas. O Moinho é um quilombo próximo à cidade, sofreu mais influência externa que os demais quilombos pertencentes ao Território Tradicional da Chapada dos Veadeiros, que em sua maioria são comunidades de difícil acesso, que os moradores demonstram a importância do Conhecimento Tradicional, dos saberes e fazeres do Cerrado presentes no modo de vida peculiar. As memórias, “causos”, histórias, lembranças de momentos de alegria, tristeza e superação expressam a Identidade e Cultura do povo quilombola e sua relação sinérgica com o lugar, a Etnogeografia quilombola.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Etnogeografia; Moinho; Dona Flor.

ABSTRACT

The traditional community of Moinho, is localized in the municipality of Alto Paraíso/GO, and was certified by Cultural Foundation Palmares in 12/30/2015. Their native residents and chegantes develop actions that aims the maintenance of traditional know-how, whose objective is guarantee and maintain the life quality from residents, that established through the ancestral knowledge about plant and herbal from Brazilian Savanna. The main objective from this Master's thesis is analyzed how the Traditional Community of Moinho could perpetuate his traditional knowledge, his identity and culture ancestrally built in a social context of low appreciation from wisdom repass form generation to generation about plant, herbal and their uses that integrate quilombola natural medicine. The general assumption is that the perpetuation of traditional knowledge from residents of Traditional community of Moinho are directly connected to preservation of Brazilian savanna biome in virtue of importance of plant and herbal natives of the region, without which the traditional medicine, the cooking, habits and costumes may be lost in time. To the development form this thesis, was realized bibliographic research, field research, interviews with the residents and experiences with Mrs. Flor, midwife, raizeira and principal exponent from quilombola traditional medicine. Was used a theoretical frame and conceptual about Cultural Geographie, Territory, Identity and Ethnogeography. The reality of traditional community of Moinho is portrayed through maps and photographic records of elements that integrate the residents daily, work and income. Concluded that the Traditional Community of Moinho now is certified by quilombola medicine practiced by the oldest residents, the traditional knowledge is repass from generation to generation by orality and conviviality. All the cultural wealth express in religiosity, in cooking and manipulation and formulation of medicines "do mato" is threatened by modernity characterized by technology-dependent and real state expansion that reduce the territory used to herbal harvesting. The Moinho is a quilombo next to the city, suffer more extern influence that the others quilombos belonging to the Traditional Territory of Chapada dos Veadeiros that in their general are communities of hard access, that the residents show the importance of traditional knowledge, of know-how from Brazilian Savanna presents in the peculiar lifestyle. The memories, "causos", histories, remembrances of moments of joy, sadness and overcoming express the identity and culture of quilombola people and their relation synergic with the place, the quilombola ethnogeography.

Keywords: Culture; Identity; Ethnogeography; Moinho, Dona Flor.

LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das disposições constitucionais transitórias
DF	Distrito Federal
DST	Doença sexualmente transmitida
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
KM	Quilômetro
ONG	Organização não Governamental
UAB	Universidade aberta do Brasil
UNB	Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fitofisionomia do Bioma Cerrado	40
FIGURA 2 – Imagem de satélite da Comunidade Tradicional do Moinho	69
FIGURA 3 – Etapas da regularização quilombola	86
FIGURA 4 – Logomarca da Associação dos produtos da Comunidade Tradicional do Moinho.	89

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Localização do Povoado do Moinho em Alto Paraíso de Goiás.....	23
MAPA 2 - Principais zonas e sítios de quilombos e Movimentos Sociais de populações africanas	59
MAPA 3 - Microrregião da Chapada dos Veadeiros – IBGE	62
MAPA 4 - Localização das comunidades dentro do Sítio Arqueológico Kalunga.	64
MAPA 5 - Bens Culturais de Natureza Imaterial e Matriz Afro-Brasileira registrada pelo IPHAN	94

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1 – Flor do Pequi.....	39
FOTO 2 – Rio Preto na entrada da Comunidade Tradicional do Moinho	71
FOTO 3 – Reservatório de água da Comunidade Tradicional do Moinho	72
FOTO 4 – Entrada da Fazenda Campo do Meio – entrada da Comunidade Tradicional do Moinho	75
FOTO 5 – Banco de sementes.....	79
FOTO 6 – Forno de adobe de Murici.....	82
FOTO 7 – Bonecas confeccionadas pelas mulheres da Comunidade Tradicional do Moinho, através do projeto da Dr ^a Andrea Alvarenga.	83
FOTO 8 – Sede da Associação Quilombola Povoado do Moinho.	84
FOTO 9 – Igreja Católica – Capela do Menino Jesus	87
FOTO 10 – Igreja Protestante do Povoado do Moinho.....	88
FOTO 11 – Imagem do Menino Jesus.....	91
FOTO 12 – Interior da Capela do Menino Jesus na comunidade tradicional do Moinho.....	92
FOTO 13 – Escola Municipal Povoado do Moinho	96
FOTO 14 – Sala Multiseriada.	98
FOTO 15 – Dona Flor do Moinho.....	107
FOTO 16 – Posto de Saúde da Comunidade Tradicional do Moinho.....	109
FOTO 17 – Placa na entrada da residência da Dona Flor..	111
FOTO 18 – Produtos da farmacinha de Dona Flor.....	112
FOTO 19 – Vinhos Artesanais	113
FOTO 20 – Óleo de mamona – fabricação Dona Flor	114
FOTO 21 – Vermífugo e xarope caseiro.....	116
FOTO 22 – Sabão artesanal e medicinal de tingui.....	120
FOTO 23 – Tingui fruto.....	122
FOTO 24 – Registro fotográfico – Vivências com Dona Flor, conhecimento de plantas e ervas do cerrado realizado na Unidade Com Gaia	129
FOTO 25 – Registro fotográfico – Vivências com Dona Flor, reconhecimento de plantas e ervas do cerrado.....	130

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Produtores de sementes crioulas e mudas	78
TABELA 2 – Legislação territorial de comunidades tradicionais	85
TABELA 3 – Conhecimento de Dona Flor sistematizado – vivencia com Dona Flor	125

SUMÁRIO

Agradecimentos	v
Resumo	x
Abstract	xi
Lista de Siglas	xii
Lista de Figuras	xiii
Lista de Mapas	xiv
Lista de Fotografias	xv
Lista de Tabelas	xvi
APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1. GEOGRAFIA CULTURAL: NOVAS POSSIBILIDADES.	29
1.1 TERRITÓRIO	32
1.2 IDENTIDADE	34
1.3 ETNOGEOGRAFIA: um conceito a descobrir	36
1.4 CERRADO: o bioma que a comunidade tradicional do moinho está inserida.	39
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	42
2.1 Pesquisa Bibliográfica	42
2.2 Pesquisa de Campo em Geografia: Um Laboratório	44
2.3 Método de histórias de vida na Pesquisa Qualitativa	45
2.4 Levantamento de dados primários: os sujeitos da pesquisa, moradores da Comunidade Tradicional do Moinho: os nativos e os chegantes.....	47
2.5 História Oral e Memória: rememorando o cotidiano tradicional Quilombola	49
CAPÍTULO 3. TERRITÓRIO QUILOMBOLA: COMUNIDADE DO MOINHO	53
3.1 Comunidades remanescentes quilombolas na Região da Chapada dos Veadeiros.....	60
3.2 Rural goiano e desenvolvimento territorial	66
3.3 Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás	70
3.3.1 Agricultura Tradicional na Comunidade do Moinho	77
3.3.2 Processo de certificação, resistência e Permanência no território Quilombola	82
3.3.3 Religiosidade: o espaço sagrado	87
3.3.4 Educação	95

CAPÍTULO 4. SABERES E FAZERES DO CERRADO: NARRATIVAS EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO	100
4.1 Conhecimento Tradicional.....	100
4.2 Saberes e fazeres do Cerrado: o conhecimento tradicional, o saber de D ^a Flor	106
4.3 Cerrado uma farmácia natural: os saberes e fazeres de Dona Flor	110
4.4 Conhecimento tradicional de Dona Flor sobre parto e medicina da mulher	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	131
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICES	147
ANEXOS	149

APRESENTAÇÃO

“O trabalho é uma profunda alquimia. Cada pequena ação desinteressada leva embora todo o sofrimento, toda a ansiedade, todo o desgosto, todo o medo e desesperança.” Sri Prem Baba

Compreender a tradição, os saberes e fazeres do Cerrado e o cotidiano de quem vive na Comunidade Tradicional do Moinho foi o objetivo real que mobilizou-me por completo para a realização desta pesquisa. Trabalhar com a memória, sob a perspectiva da metodologia da trajetória de vida de cada morador permitiu compreender o modo de vida peculiar no Cerrado sob a perspectiva dos próprios moradores, mesmo considerando o desafio de integrar-me a um universo novo.

Não retrato nesta dissertação o que pesquisei, vi e observei. Esta dissertação é o produto final de um exercício de escuta atenta, agora não mais desapercibida, orientada pela metodologia que melhor retrata a Identidade e Cultura, a Etnogeografia da Comunidade Tradicional do Moinho.

Na verdade, embora hoje com 41 anos de idade, há pouco tempo descobri entre as conversas e memórias, histórias que ouvi nas visitas a minha avó materna a singularidade contidas nos relatos sobre a vida tradicional dos caiçaras, pescadores artesanais na região de Peruíbe, Itariri e Mongaguá. Minha família que é parte de Santa Catarina, os mais velhos e parte Paulista, os mais jovens se estabeleceram na década de 60 no litoral de São Paulo, e passaram a viver da pesca artesanal.

Antes de falecer, em 2015, Dona Maria, minha avó materna empreendeu um esforço para repassar seu conhecimento, traçar do crochê, renda, receitas, remédios. Em suas conversas rememorava os tempos vividos da pesca artesanal, do cultivo da banana, do viver na praia, com saudade, alegria e tristeza pelo abandono da vida tradicional para viver na “cidade”.

Percebi, então que como povo brasileiro, desconhecemos nossas origens. Não compreendemos a importância do conhecimento tradicional, repassado de geração a geração, pela oralidade e convívio. A Invisibilidade dos povos tradicionais passa pela ignorância do conhecimento produzido a partir da miscigenação com o índio, o negro africano, europeus que construíram a identidade brasileira, e constituíram um conhecimento peculiar atrelado ao bioma em que tais populações estão inseridas.

O desconhecimento e a invisibilidade social fragilizam a permanência de povos tradicionais quilombolas em seu território. Mas é importante aqui relatar o percurso.

Durante o ano de 2014, ainda lecionando no curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, instituição que me formei e me pós graduei, deparei-me com a temática quilombola, alunos cuja origem são os quilombos mais distantes na Chapada dos Veadeiros agora ingressam nas universidades.

Ao cursar as disciplinas do Mestrado em Desenvolvimento Rural e Meio ambiente na UnB de Planatina, como aluna especial tive a oportunidade de Conhecer os geraizeiros, povo tradicional do Cerrado, que vive nas Gerais, conheci assentamentos rurais, e passei a me interessar pelos povos do Cerrado, quilombolas.

O Moinho chegou na minha vida através de uma conversa com Jhonatan Felipe Aires, o Jhon, amigo querido que fez sua monografia de graduação em Gestão Ambiental pela Universidade de Brasília – FUP, Planaltina - DF, orientado pela professora Dr^a Tânia Cruz, abordando a Economia Solidária na Comunidade Tradicional do Moinho, a paixão pelo que ele viveu lá me tocou profundamente.

Conhecer Dona Flor mudou muito no meu ser, creio que isso acontece com todos que a visitam, é difícil passar da casa de Dona Flor sem ter sua vida transformada de alguma forma. Naquele momento eu padecia de uma incurável infecção de urina, e não foram só os remédios do mato que eliminaram o problema, meu ser por completo se modificou pra melhor, cursar o Mestrado na Geografia foi então um projeto de retribuir a esta comunidade gratidão pela acolhida que tive.

Este trabalho alerta para os desafios de desconstruir conceitos e pré-conceitos para oportunizar uma escuta sincera a quem o histórico de silêncio e invisibilidade era a realidade. E acima de tudo de romper com expressões e comportamentos colonialistas arraigados no nosso comportamento, por vezes despercebido, mas presente.

Esta dissertação é um esforço de somar a outras pesquisas existentes a etnogeografia quilombola, a percepção do grupo sobre o território em que estão inseridos a fim de potencializar a necessária visibilidade dos saberes e fazeres tradicionais quilombolas, hoje na Comunidade do Moinho com suas terras certificadas e seus desafios não superados.

O momento que hoje vivemos de retirada de direitos, de barganhas políticas pelo território sinaliza a importância de estudos sobre as comunidades tradicionais quilombolas, espaços de resistência e luta na reafirmação de seus direitos ancestrais de permanência de seus territórios e manutenção de sua identidade e cultura.

INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional repassado de geração a geração sobre plantas, ervas e seus usos são parte da identidade e cultura de comunidades que vivem ancestralmente em seus territórios. Comunidades caiçaras, sitiantes e roceiros tradicionais, comunidades ribeirinhas, babaçueiros, campeiros, pescadores artesanais, grupos extrativistas, indígenas e comunidades quilombola são comunidades tradicionais que tem seu modo de vida ligado diretamente ao bioma onde estão inseridos.

Os quilombolas, povos tradicionais de matriz africana, destacam-se pelo modo de vida peculiar diretamente ligado ao bioma em que vivem. O conhecimento tradicional do uso, manipulação e coleta de ervas e plantas do cerrado como matéria prima dos remédios do mato são utilizados ancestralmente e repassados de geração a geração. Além destes, receitas de doces, geléias, comidas também são repassadas como patrimônio da cultura ancestral que remete ao tempo escravocrata e períodos anteriores.

Formados por descendentes de escravos negros africanos, e fruto da miscigenação do índio e do branco que povoaram o Brasil, as comunidades tradicionais, ou povos remanescentes de quilombos sobrevivem em enclaves comunitários. Muitos destes agrupamentos humanos se estabeleceram em fazendas abandonadas pelos antigos grandes proprietários e estão situadas em várias regiões do Brasil, muitas de difícil acesso. Suas atividades econômicas estão ligadas à agricultura, artesanato, extrativismo e pesca artesanal. O conhecimento é repassado através das gerações, por meio da oralidade e convívio no seu território ancestral.

O quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra política na qual se encontram todos os oprimidos (MUNANGA, 1996). Comunidades remanescentes de quilombos, ao longo da história, vêm desenvolvendo ações para manter suas tradições. Essa luta estende-se desde a conquista do reconhecimento de seus territórios, da liberdade de crenças e identidade religiosa, das práticas de medicina natural e da perpetuação dos saberes e fazeres tradicionais, patrimônio imaterial deste povo.

A agricultura tradicional quilombola está relacionada ao conhecimento do clima, em que o plantio e a colheita levam em consideração os elementos da natureza. Sol, chuva e as oscilações lunares integram o calendário de preparação do solo, plantio e colheita, que demonstrou ser uma alternativa para o desenvolvimento rural sustentável local.

Entre as comunidades quilombolas localizadas no estado de Goiás destaca-se a Comunidade Tradicional do Moinho. Sua localização é em Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros, região Centro Oeste do Brasil, onde predomina o bioma Cerrado que se apresenta de forma contínua nos Estados da Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, São Paulo e Tocantins (Figura 1).

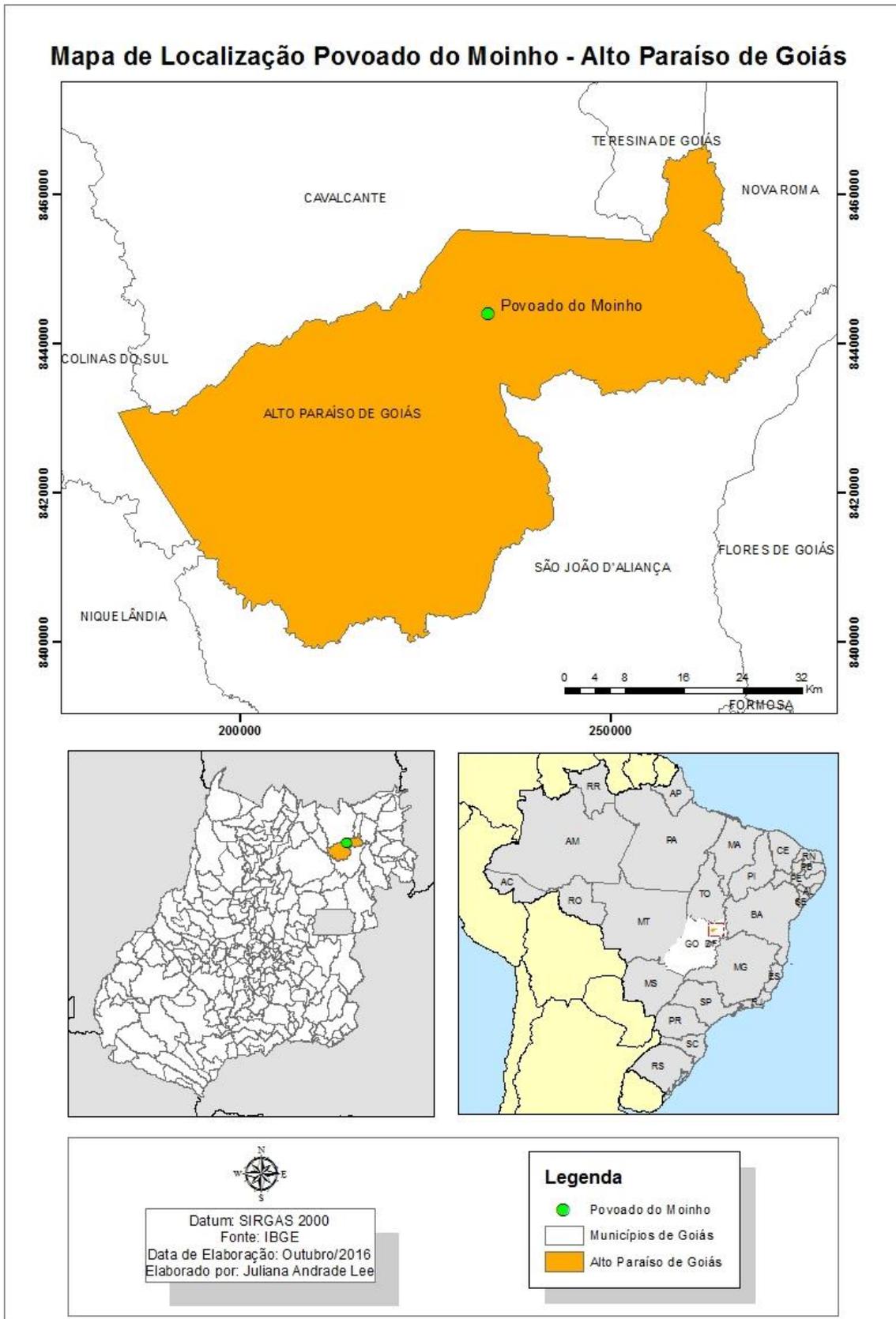
Com cerca de 200 habitantes, a Comunidade Tradicional do Moinho desenvolve ações que visam à manutenção do modo de vida tradicional, e visam garantir e manter a qualidade de vida dos moradores, que se estabelece através da perpetuação do conhecimento ancestral sobre plantas e ervas do Cerrado.

A Comunidade Remanescente Quilombola do Povoado Moinho foi recentemente certificada pela Fundação Cultural Palmares sob processo nº 01420.013360/2014-05, com publicação da Portaria nº. 201/2015 em 30/12/2015. Embora esta Comunidade Tradicional do Moinho não faça parte da área territorial identificada e delimitada como Território Kalunga de Goiás, maior quilombo brasileiro, toda esta região compõem a Unidade Territorial da Chapada dos Veadeiros-Kalunga-Pouso Alegre, e concentra características ambientais, culturais e de ameaças comuns.

Na Comunidade Tradicional do Moinho há uma diversidade significativa de plantas medicinais cultivadas e nativas do próprio ambiente natural do cerrado. A existência de plantas mantém a medicina natural praticada pelos remanescentes quilombolas há muitos anos.

Com um sistema formal de saúde ausente, nativos e chegantes, aqueles que escolheram o Moinho para viver, passaram a buscar tratamentos alternativos e humanizados para diversos males através do uso de xaropes, garrafadas e chás que utilizam cascas, raízes, sementes, folhas, naturais ou desidratadas, elementos que eram abundantes na região e hoje já não estão tão acessíveis à coleta em termos de proximidade das casas.

Mapa 1 - Mapa de Localização do Povoado do Moinho em Alto Paraíso de Goiás.



Fonte: Lee, (2016).

A configuração territorial da região da Comunidade Tradicional do Moinho, recebeu transformações significativas nos últimos anos. Há muitos jardins particulares, horta comunitária, locais de cultivos de plantas e ervas aromáticas, cultivos diversos nos quintais e grande preocupação com conscientização ambiental e com o lixo produzido.

Alguns moradores que optaram por não utilizar defensivos agrícolas em seus cultivos e adotam o uso racional da água que hoje é objeto de preocupação de quem dela depende. Com o aumento da procura por parte dos turistas e da ampliação na área nativa de Cerrado nas plantações de cunho extensivo, ao redor das comunidades rurais, ocorreu o aumento da captação de água dos rios e interferindo no ambiente de forma gradativa e predatória, diminuindo consideravelmente a área de Cerrado natural onde se busca ervas e plantas do Cerrado para matéria prima da medicina tradicional quilombola.

As celebrações religiosas, cantorias, festejos, cortejos e procissões são as manifestações culturais do cotidiano do quilombola. Na comunidade hoje predomina o protestantismo de vertente neopentecostal, embora, a tradição do local seja o catolicismo romano que valoriza os festejos populares. Adeptos de religiões exotéricas, misticismos e terapias holísticas buscam a tranquilidade do lugar para suas práticas desde a década de 1980, quando integrantes do movimento hippie procuraram a região porque acreditam que o lugar sofre influência da cosmologia pela proximidade do paralelo 14¹.

As plantas nativas constituem a matéria-prima da medicina ancestral quilombola. A Comunidade Tradicional do Moinho através de seu conhecimento ancestral pode contribuir com alternativas para o desenvolvimento sustentável de comunidades tradicionais, atrelando preservação ambiental a atividades econômicas preservacionistas e mantendo assim os moradores no território com sua identidade e cultura.

Além do quadro exposto, no que diz respeito à carência de pesquisas sobre comunidades tradicionais de matriz africana, o levantamento bibliográfico preliminar, demonstrou a necessidade de estudos sobre a identidade e cultura através do conhecimento tradicional repassado pela oralidade e convívio sob a perspectiva dos moradores da Comunidade do Moinho. Em outras palavras, significa conhecer a história da comunidade sob a perspectiva dos moradores, o que justifica a pesquisa etnogeográfica, onde o levantamento de dados subsidia a análise do grupo em seu espaço vivido.

¹ A Chapada dos Veadeiros está localizada no Paralelo 14, o mesmo que passa por Machu Picchu, Além disso a região se encontra em cima de uma grande e energética placa de cristal de quartzo.

Frente às questões mencionadas, algumas perguntas são importantes: como a modernidade, caracterizada pela agricultura tenrificada e pouca preservação ambiental pode interferir na permanência dos quilombolas na Comunidade Tradicional do Moinho? Ou ainda, quais fatores sociais, econômicos e internos interferem na manutenção dos saberes e fazeres tradicionais e no modo de vida próprio estabelecido pelos quilombolas na Comunidade Tradicional do Moinho? As histórias de vida, narrativas do cotidiano dos moradores podem ajudar a compreender a importância deste conhecimento tradicional que é repassado de geração a geração na Comunidade Tradicional do Moinho? A etnogeografia quilombola permite uma análise do território considerando quem nele vive, e as implicações do viver no Cerrado? Qual a importância da preservação da memória e identidade expressa através do cotidiano para a perpetuação dos saberes e fazeres tradicionais quilombolas?

Para o percurso metodológico foi eleita para a coleta de dados junto à comunidade a entrevista de Histórias de Vida, que visa compreender como a trajetória daquelas pessoas está ligada ao modo de vida tradicional. A entrevista de histórias de vida e a coleta informações da vida pessoal de um ou vários informantes, pode assumir formas variadas: autobiografia, memorial, crônicas, em que se possam expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos (SEVERINO, 2007).

A entrevista de Histórias de Vida é uma ferramenta de pesquisa qualitativa, que utiliza a técnica de obter informações por relatos, em que os sujeitos podem expressar sua vivência em relação ao objeto pesquisado. Durante o período de pesquisa de campo o mesmo sujeito foi ouvido em vários momentos, através de roteiro prévio, que aqui teve o material editado para integrar a dissertação.

Sob o ponto de vista da Ciência Geográfica é necessário localizar a Comunidade Tradicional do Moinho no tempo e no espaço, caracterizar e ouvir os relatos coletados a partir da metodologia de Histórias de Vida, corroborando com as informações obtidas na pesquisa bibliográfica, a fim de responder a problemática inicial: a identidade e cultura quilombola, manifesta através do conhecimento tradicional passado de geração a geração sobre a manipulação, coleta de ervas e plantas do cerrado, que fazem parte de uma medicina natural ancestral está hoje sob a ameaça de desaparecer devido aos problemas da modernidade, caracterizada pela agricultura extensiva e tenrificada, onde as áreas preservadas são utilizadas para ampliação do agronegócio goiano?

A fim de verificar os problemas levantados optou-se pela pesquisa de campo, que se desenvolveu entre julho de 2015 e janeiro de 2017, em períodos variados, que

acompanharam as festividades na comunidade e na região. Neste processo de aproximação coincidentemente houve a oportunidade de acompanhar o período posterior ao processo de certificação das terras tradicionais ocupadas da Comunidade Tradicional Moinho pela Fundação Palmares e Início do processo de regularização fundiária pelo INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

A pesquisa de campo também verificou o cotidiano dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho, tendo Dona Flor como importante informante, cujo relato é de especial importância para compreender a íntima relação dos quilombolas com o bioma em que vivem, os modos de produção e consumo e sua religiosidade e cidadania. A partir do relato desta foi possível entrevistar outros moradores.

As narrativas destes moradores oferecem uma importante contribuição para a compreensão do conhecimento ancestral na perspectiva dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho, nativos (vindos na época do Movimento Hippie) e chegantes pessoas que escolheram o Moinho para viver de forma natural e holística nos últimos 40 anos.

As narrativas revelaram o conhecimento de forma simples, na fala de quem vive no bioma Cerrado, dando oportunidade de compreender o que cientificamente não enxerga: o não dito, o que ocupa as entrelinhas, a relação do homem no espaço vivido, a etnogeografia quilombola da Comunidade Tradicional do Moinho.

Em paralelo à pesquisa documental e de campo houve a necessidade de monitorar e acompanhar os eventos culturais, sociais e políticos através do convívio. Para isso foram realizadas visitas para certificação das entrevistas, sobretudo em dezembro de 2015 com a celebração da certificação das terras da Comunidade Tradicional do Moinho pela Fundação Palmares e a ampliação do parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, ambos momentos históricos que afetam diretamente a vida dos moradores da Comunidade.

Entre 2015 e 2017 na Comunidade Tradicional do Moinho, durante as festas religiosas e sociais ou através da participação da oficina de medicina tradicional e cuidados da mulher ministrada por Dona Flor, houve a possibilidade de verificar como o conhecimento ancestral quilombola é compartilhado com nativos e chegantes. A experiência de participar das vivências de Dona Flor trouxe a perspectiva de análise social do lugar, compreender a importância do conhecimento tradicional na construção da identidade e cultura, hoje ameaçadas pela modernidade, que os moradores hoje sentem a necessidade de preservar.

No campo, a partir das entrevistas e observações ficou claro e impressionou perceber que os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho identificam facilmente as espécies de plantas nativas. Alguns moradores da comunidade possuem grande habilidade na identificação de espécies de cerrado, referindo-se aos nomes populares e aos variados usos de cada planta, e, sobretudo, a experiência do uso da medicina tradicional.

Através das vivências² de Dona Flor são compartilhados os conhecimentos de forma simples, através de experiências que de geração a geração são mantidas por quem vive na região da Chapada dos Veadeiros, e compreende a riqueza do Cerrado. Este conhecimento tradicional é recebido através dos pais, avós ou parentes próximos, reflexo da construção social da comunidade, patrimônio imaterial.

O objetivo geral da pesquisa é analisar como a Comunidade Tradicional do Moinho pôde perpetuar seu conhecimento tradicional, sua identidade e cultura ancestralmente construída em um contexto social de pouca valorização da sabedoria repassada de geração a geração sobre plantas, ervas e seus usos que integram medicina natural quilombola. A fim de ampliar o estudo definiu-se como objetivos específicos:

1- Analisar como a Geografia Cultural, o território, a identidade, e a etnogeografia podem contribuir para a análise do cotidiano da Comunidade Tradicional do Moinho,

2- Compreender como a História Oral e a memória, construídas através das narrativas dos moradores podem auxiliam na compreensão do conhecimento tradicional quilombola dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho.

3- Verificar como a identidade e cultura de uma Comunidade Tradicional quilombola podem ser conhecidas através da etnogeografia, estudo do território sob a perspectiva de quem nele vive e como elementos culturais e sociais.

4- Conhecer a contribuição dos saberes e fazeres tradicionais, na construção social, nas experiências e na interpretação do mundo vivido através da narrativa dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho, em especial Dona Flor.

A fim de atender ao objetivo geral, levantou-se como hipótese que a perpetuação do conhecimento tradicional dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho está diretamente ligada à preservação do bioma Cerrado e do território em que estão inseridos, em virtude da importância do acesso às plantas e ervas nativas da região, sem

² Oficinas realizadas no Povoado do Moinho ou em Alto Paraíso de Goiás, onde Dona Flor ensina a fazer remédios, identificar plantas, raízes, folhas e seus usos na medicina natural, ver folder em anexo.

as quais a medicina tradicional, a culinária, hábitos e costumes podem se perder no tempo.

A modernidade, que se apresenta pelo avanço da fronteira agrícola, mecanização da agricultura extensiva e especulação imobiliária que diminui o território de coleta de pode diminuir as áreas preservadas de Cerrado limitando o acesso às plantas e ervas medicinais utilizadas pelos quilombolas como matéria prima de remédios contribuindo para a diminuição das atividades tradicionais ligadas à saúde e bem-estar dos moradores da Comunidade do Moinho.

Neste contexto a Geografia Cultura, sobretudo a contribuição de Paul Claval, a identidade, o território e a cultura subsidiam o debate da importância da preservação da Identidade e Cultura quilombola.

A presente dissertação se dividiu em 4 capítulos: no primeiro capítulo apresentou-se a Geografia Cultural e os conceitos de território, identidade, cultura, e o Cerrado, conceitos que constroem a etnogeografia quilombola da Comunidade Tradicional do Moinho.

No segundo capítulo encontra-se a metodologia para a pesquisa etnogeográfica, em que está apresentada a História Oral como método que visa compreender a relação sociedade e natureza que constitui a identidade do morador da Comunidade Tradicional Moinho; a metodologia de relatos que constituem a Trajetória de Vida de cada entrevistado é apresentada como a ferramenta que busca compreender o cotidiano do lugar sob a perspectiva de quem nele vive.

No terceiro capítulo descreveu-se o território quilombola, a Comunidade Tradicional do Moinho, o cotidiano dos moradores e desafios. Não foi utilizada nesta dissertação o termo “povoado” porque entende-se que melhor se aplica o termo comunidade, que descrevemos nos diversos aspectos de organização social do lugar.

No quarto capítulo apresentou-se o conhecimento tradicional, repassado de geração a geração sobre plantas ervas e seus usos praticado em diversos espaços e momentos na Comunidade Tradicional do Moinho em Alto paraíso de Goiás e as narrativas dos moradores sobre o viver na comunidade.

CAPÍTULO 1. GEOGRAFIA CULTURAL: NOVAS POSSIBILIDADES

A abordagem cultural se desenvolveu primeiro através dos estudos sobre as representações (CLAVAL, 2008). A partir da década 1950, pesquisadores já estavam conscientes de que não tinham um acesso direto à realidade. Eles a conheciam somente através das representações e imagens que eles tinham dela. Neste contexto, a geografia torna-se a disciplina das cores, dos sons, do movimento, dos sabores, uma disciplinada da realidade completa.

A publicação do livro do economista Kenneth Boulding, *The Image*, em 1955, inicia uma proposta de reflexão epistemológica nas ciências sociais. A Economia neste período era uma disciplina dominante. As suas interpretações baseavam-se na ideia de que os agentes econômicos tinham uma visão perfeita da realidade e ensaiavam maximizar os seus proveitos ou a sua utilidade,

O enriquecimento veio também do novo interesse pelos problemas de territorialidade. As imagens têm um conteúdo simbólico. O território também. O espaço que os geógrafos estudam não é a planície uniforme e sem obstáculos dos economistas. Diferencia-se pelo seu relevo, seu clima e pelas formas de povoamento. Ele tem histórias variadas, dependendo dos lugares e áreas. As pessoas identificam-se com a área onde moram desde crianças, a área para onde migram, com a área onde trabalham e onde têm amigos. Monumentos e paisagens simbolizam o território: ele existe como representação. Nos anos 1970, o estudo da territorialidade se desenvolve sobretudo nas sociedades mais tradicionais, as que os etnólogos analisam, porque as ligações entre os grupos humanos e o espaço onde eles moram são mais diretas e mais fortes. As formas da territorialidade mudam quando as sociedades tornam-se mais modernas, mas não desaparecem, como os estudos mais recentes o mostram (CLAVAL, 2008, p. 17).

Esta “Nova Geografia Cultural” é marcada pelas relações entre grupos humanos e natureza, mediadas por uma dimensão cultural e identitária, relação de pertencimento com o território, repassadas de geração a geração no espaço vivido. Este aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, know-how, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e da vizinhança e adaptados através da experiência e realidade mutáveis.

A segunda orientação da abordagem cultural se desenvolveu a partir dos anos 1970, com a descoberta da fenomenologia e a nova curiosidade pelo sentido dos lugares. Alguns autores como Eric Dardel na França, William Kirk na Grã-Bretanha e David Lowenthal nos Estados Unidos já tinham proposto ideias nesse campo. Com Yi-fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttimer, o movimento torna-se muito popular e leva a uma mudança de paradigma na disciplina (CLAVAL, 2008, p.19).

O estudo da Cultura é o campo de estudo das ciências humanas, nas quais cada disciplina tem uma abordagem diferente sobre este imenso domínio que é o planeta Terra. O olhar do Geógrafo não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e local onde vivem. Nesse contexto, a geografia humana estuda a repartição dos homens, de suas atividades e de suas obras na superfície da terra. A cultura que interessa aos geógrafos é, pois, primeiramente constituída pelo conjunto dos artefatos do know-how e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio natural (CLAVAL, 2008).

A complexidade da relação homem/natureza se dá pela inexistência de uma conexão direta. Para Claval (1999) os homens vivem em um meio artificial que eles mesmo criaram, vestuário e casa os protegem das vicissitudes do clima, caminhos e vias facilitam a circulação. A vegetação natural é destruída e substituída por florestas cuja composição é controlada, por pastagens ou planícies para alimentar os animais, e por campos onde se desenvolvem as culturas.

A cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas. Cada disciplina aborda este imenso domínio segundo pontos de vista diferentes. O olhar do Geógrafo não dissocia os grupos dos territórios que organizaram e onde vivem; a estrutura e a extensão dos espaços de intercomunicação, a maneira como os grupos vencem o obstáculo da distância e algumas vezes o reforçam estão no cerne da reflexão (CLAVAL, 1999, p. 11).

A Geografia Cultural, como corrente de pesquisa específica, desenvolveu-se no Brasil a partir dos anos 1990, embora os estudos sobre a cultura estivessem presentes na maioria dos estudos publicados a partir da década de 1930, mesmo período em que a Geografia passa a ser disciplina universitária, tendo o primeiro curso na Universidade de São Paulo (USP).

Para Le Bossé (2013) a Geografia Cultural participou dos interesses contemporâneos sobre as questões de identidade e de fenômenos identitários. A noção de identidade foi explorada pelo conjunto de ciências humanas e sociais, por meio de uma grande variedade de abordagens específicas ou interdisciplinares.

Além dos fenômenos identitários a Geografia Cultural como todas as subdivisões da Geografia deve estar ligada à Terra.

Os aspectos da Terra, em especial aqueles produzidos ou identificados pela ação humana, são de grande significado. O estudo destes aspectos geográficos resultantes da ação do homem considera as diferenças entre as comunidades humanas que as criam ou criaram e se refere aos modos especiais de vida de cada uma como cultura. A Geografia Cultural compara a distribuição de outros

aspectos da superfície da terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos a Geografia Cultural distingue, descreve e classifica os complexos típicos de aspectos ambientais, incluindo aqueles feitos pelo homem, que coincidem com cada Comunidade Cultural, considerando-os como paisagens culturais, e procura origens na história da cultura (WAGNER; MIKESSELL, 2000).

A Geografia Cultural fornece suporte teórico, epistemológico para o método da etnogeografia. Imprescindível nos estudos territoriais o geógrafo deve analisar sob o ponto de vista da cultura e da identidade os sujeitos em suas territorialidades sob os aspectos subjetivos e imateriais da cultura.

A natureza e o espaço socialmente produzido, do qual o homem é parte integrante, constituem o ambiente geográfico. Este, contudo, não é vivenciado nem percebido do mesmo modo pelos diversos grupos sociais diferenciados entre si segundo um amplo leque de atributos que se combinam entre si de modo complexo: renda, sexo, idade, as práticas espaciais associadas ao trabalho, crenças, mitos, valores e utopias. A percepção do ambiente tem uma base eminentemente cultural (CORREIA (1995, p. 07).

É objeto de estudo da Geografia Cultural conjuntamente as intervenções humanas no meio ambiente e suas implicações para o bem-estar da comunidade e da humanidade, considerado como ecologia cultural.

Nem todas as sociedades dispõem do mesmo arsenal de conhecimentos e técnicas, e do mesmo registro de interpretações e de motivações. Os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que receberam: a cultura aparece, assim, como uma herança. As modalidades segundo as quais a cultura ou de um lugar a outro, favorecida pelas trocas, pelos deslocamentos de curta duração ou pelas migrações, dependem do meio e do nível técnico, elas contribuem amplamente para a diversidade das sociedades (CLAVAL, 1999, p. 12).

Estes cinco temas: cultura, área cultural, paisagem, cultura, história da cultura e ecologia cultural, constituem juntos o núcleo da Geografia Cultural, que assim como a identidade fazem parte da pesquisa etnogeográfica que visa compreender o homem em seu meio, assim como os elementos que constituem seu território.

Os homens não param de se questionar sobre as razões de sua presença na terra, eles sentem a necessidade de dar sentido à sua existência e ao mundo no qual vivem. É disso que os geógrafos devem partir na sua análise (CLAVAL, 1999, p. 53). Entretanto, outros elementos são importantes para a compreensão da Geografia Cultural na

construção de estudos etnogeográficos: o território e a identidade e o Cerrado, nos estudos de comunidades quilombolas inseridos neste bioma.

1.1 TERRITÓRIO

Uma importante contribuição da disciplina geográfica para as pesquisas em ciências sociais é o território, tanto como conceito como categoria, que orienta a abordagem e a discussão de problemáticas socioespaciais de grupos humanos, a dimensão vivida do espaço.

O território como forma de apropriação social do espaço, é corriqueiramente definido pelo pertencimento: a terra que pertence a alguém, seja através da propriedade, ocupação, uso ou pelo simples enraizamento simbólico. Dessa acepção geral, deriva o enquadramento de caráter jurídico-político, com fundamento na ideologia do Estado (NOGUEIRA, 2017).

O território e a territorialidade, conceitos chave na Geografia serão discutidos aqui a partir das contribuições de Rosenthal (2013), Sack (1986) e Bonnemaïson (2002{1981}). O território possui inúmeros significados, símbolos e imagens que constituem um seguimento de espaço que resulta na apropriação e controle por parte de um agente social, instituição, empresa ou grupo humano organizado. O território é, portanto um importante instrumento da existência e da reprodução do agente social que o criou e o controla.

O caráter político do território se apresenta como elemento essencial desta dissertação de Mestrado: o território quilombola é um território de resistência e luta expresso no cotidiano de quem nele vive. Permanecer no território quilombola implica em uma organização social de construção coletiva, onde a economia do lugar está diretamente ligada à tradição e cultura.

As relações de poder que se estabelecem no território remontam as mais antigas civilizações, nas quais a dimensão espacial já era reconhecida como instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder (ROSENTHAL, 2013). A territorialidade proposta por Sack (1986) é definida como uma estratégia de controle vinculada ao contexto social que se insere. É uma estratégia de poder e manutenção independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter quantitativo do agente dominador. Nesse

contexto a territorialidade deve ser reconhecida como uma ação e uma estratégia de controle.

A organização interna dos territórios quilombolas é dinâmica, e se estabelece a partir do conhecimento tradicional dos sujeitos que nele vivem. A ancestralidade, a cultura e a relação com o meio ambiente são determinantes para o uso e as reconfigurações do território.

Território não é constituído apenas pelo espaço sob ação direta de um grupo, o território é a área onde ações, relações e acessos são controlados por um indivíduo ou grupo restringe território ao espaço de ações diretas dos indivíduos, excluindo lugares pouco ou não vivenciados da possibilidade de comporem, mesmo em um plano simbólico, o território de um grupo (HOLZER, 1997).

O território possui lugares com centralidade valorativa. Para o quilombola a tradição remete que a cachoeira é o lugar de encontro familiar, encontro das mulheres de outros lugares que no lavar da roupa conversam e aconselham as mais novas. A igreja, lugar sagrado, onde se tem acesso aos sacramentos. A roça, lugar de prosperidade e trabalho, onde o homem se reafirma e repassa seu conhecimento sobre ciclos da natureza: tempo de plantio e tempo de colheita.

As sociedades inspiram significados e sentimentos em relação aos lugares. Os lugares remetem aos sonhos, conforto, devoção (RISSO, 2014) “em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém – com todo o significado afetivo da palavra” (TUAN, 1980, p. 130).

Os espaços ocupados na comunidade: a horta, a escola, o posto de saúde, a igreja são espaços de apropriação social. Para Raffestin (1993) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço, é uma produção, a partir do espaço.

Quem melhor define território sob a perspectiva dos estudos de culturas tradicionais, é Bonneimason (2002, p. 101): “onde território é um tipo de relação afetiva e cultural com uma terra, antes de ser um reflexo de apropriação ou de exclusão do estrangeiro”. O espaço passa a ser ao mesmo tempo espaço social e espaço cultural, e configura uma representação simbólica, onde a cultura tradicional está associada ao território.

A ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço (BONNEIMASON, 2002 p. 102).

A cultura tradicional quilombola penetra no espaço, assim o território se constrói, ao mesmo tempo, como um sistema e um símbolo (BONNEIMASON, 2002). Um sistema porque a comunidade se organizou através de uma associação para reivindicar direitos, e um símbolo porque os espaços ocupados são polos geográficos que determinam sua visão de mundo, onde a Igreja e a escola são geosímbolos, e sua possível ausência não apagaria a representatividade nestes locais na vida cotidiana da comunidade quilombola, ao contrário fazem parte da identidade construída.

1.2 IDENTIDADE

Identidade é uma construção social resultante de perguntas e respostas como: o que é? Quem são eles? Quem somos nós? Envolve sempre uma relação entre semelhança e diferença entre pessoas e grupos sociais (ROSENTHAL; CORREIA, 2013). É um conceito relacional que pode ser desconstruído e reconstruído, tornando o complexo e fragmentado e não mais claramente delineado como aponta Stuart Hall (2005).

Joel Bonneimason em seu texto *Viagem em torno do território de 1981*, traça uma compreensão do conceito de identidade construído a partir do conceito de território, classificando-o em três tipos: identidade individual, social e cultural. Referência em pesquisa cultural em Geografia, o autor discute território como valor cultural. Noções como grupo cultural e etnia, análise geocultural, espaço símbolo e espaço vivido estão presentes em sua discussão teórica sobre território.

O conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e fluidez, remetendo, primeiramente, à questão abrangente de identidade social. A identidade social extrapola o indivíduo, pois o grupo também é dotado de uma identidade, definindo seu papel e sua inserção no conjunto social. Identidade cultural é o sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico (RISSO, 2014, p. 316).

A identidade se constrói e reconstrói, constantemente, no interior das trocas sociais. No processo de identificação, é importante estabelecer o conhecimento das fronteiras (sociais, simbólicas, construídas, subjetivas) entre nós e os outros. A pertinência da noção de identidade e sua riqueza conceitual facilitam a convergência de perspectivas temáticas diversas, não somente entre as ciências humanas e sociais, mas também na área específica da Geografia Cultural (LE BOSSÉ, 2013).

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas (WOODWARD, 2014).

A identidade é marcada por meio de símbolos. São características essenciais de um grupo que não se altera ao longo do tempo. A identidade é na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (WOODWARD, 2014). É o que Stuart Hal (1997) denominou de conceito central. É preciso examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Na esfera global, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas, em contexto local (WOODWARD, 2014).

Para Le Bossé (2013), o atual interesse pelas questões identitárias pode ser inscrito de maneira bastante ampla nos debates teóricos travados entre os defensores da “modernidade” e os advogados da “pós modernidade”. A partir da década de 1980 as políticas de identidade passam a ser objeto de notoriedade. As identidades sociais, de caráter sociocultural tornam se focos de resistência.

Assim, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais, ela é dinâmica, “um processo no tempo e no espaço” (RETAILLE, 1995). Assim a identidade é multidimensional, visto que nenhum grupo está fechado para uma identidade unidimensional, antes, pertence a outros grupos sociais (RISSO, 2014).

No Brasil, o projeto de desenvolvimento e modernização do espaço rural levou a uma construção de uma “cosmovisão da modernidade” entre o novo/moderno/velho e o tradicional, sustentada na ideologia do progresso e do fundamentalismo de um novo capitalismo, o qual serviu de aparato para justificar a subalternização das populações tradicionais historicamente domiciliadas nos “sertões brasileiros” o Cerrado e a Amazônia (RODRIGUES; DEUS; BARBOSA, 2014, p. 04).

Nesse contexto de interesse pelas questões identitárias, as comunidades tradicionais quilombolas passaram a ter valorização e resgate progressivos de sua identidade ancestral. Tais populações correspondem, a comunidades pautadas em outras temporalidades históricas e configuradas em outras formas de temporalidade econômicas e ambientais com saberes e fazeres diferenciados da realidade capitalista (CRUZ, 2007).

Estas populações lutavam e ainda lutam, contra diversas formas de subalternização, de cunho material e simbólico, carregadas de preconceito e estigmas, através da própria afirmação de suas identidades a partir dos modos de vida tradicional (RODRIGUES; DEUS; BARBOSA, 2014). Cruz (2007, p. 95) ressalta nesse sentido que

as populações tradicionais não apenas lutam para resistir contra os que as exploram, dominam e estigmatizam, mas por sua identidade, “e também por uma determinada forma de existência, um determinado modo de vida e de produção, por diferenciados modos de sentir, agir e pensar”.

A comunidade quilombola se apresenta como um grupo que desenvolveu práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar, cuja identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados (ARRUTI, 2005).

1.3 ETNOGEOGRAFIA, UM CONCEITO A DESCOBRIR

A partir da década de 1970 os estudos da diversidade cultural de comunidades tradicionais quilombolas foram incorporados através de investigações e práticas científicas pela Academia e também pela Geografia. Tal interesse se deu inicialmente pela simbiose entre populações tradicionais de matriz africana e o meio ambiente em que vivem.

A distribuição espacial das comunidades remanescentes de quilombos compreende todo o território nacional. A Geografia é a ciência do território e o território é o melhor instrumento de observação do que está acontecendo no espaço geográfico por apresentar a diversidade regional, as desigualdades espaciais, as potencialidades da natureza e a heterogeneidade da população. Nesse contexto a Geografia se apresenta como uma área do conhecimento que tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para a sociedade (ANJOS, 2014).

Os geógrafos estudam há muito tempo a orientação praticada por diferentes povos e as expressões verbais ou gráficas feitas por eles (CLAVAL, 1999). Ao propor um estudo etnogeográfico, chama-se a atenção sobre um domínio da Geografia Cultural e a raridade do uso deste termo pelos geógrafos.

A etnogeografia se ocupa das representações que uma sociedade faz do mundo, da natureza, das espacialidades e das relações culturais e identitárias. E, neste sentido, o estudo sobre a Comunidade Tradicional do Moinho procurou, sobretudo, evidenciar a etnoterritorialidade, na qual se destaca a estreita relação de uma cosmologia com o lugar, como o ambiente é concebido e vivido pelos homens.

Para fins desta dissertação entende-se etnogeografia como o estudo e a análise da distribuição geográfica de povos e etnias e seu comportamento em relação ao meio

ambiente em que vivem. A compreensão dos modos de vida peculiares, inter-relação com o território, fauna, flora e biodiversidade ampliam a perspectiva da pesquisa geográfica. É preciso entender o homem em seu meio, não dissociando a simbiose existente entre as comunidades quilombolas da Chapada dos Veadeiros do bioma em que estão inseridos: o Cerrado.

A etnogeografia possui e possibilita uma base teórico-conceitual e metodológico-instrumental que permite ao pesquisador ampliar suas perspectivas de apreensão das realidades estudadas quando procura conhecer junto aos sujeitos pesquisados as dimensões simbólicas e afetivas de suas espacialidades. O lugar enquanto categoria da Geografia passa a ser analisado sob a perspectiva de quem nele vive, e os sujeitos e seu patrimônio material e imaterial são observados não dissociados do contexto e território em que vivem.

Dessa forma, com o intuito de um estudo etnogeográfico dessas comunidades é preciso haver o entendimento da territorialidade como elemento fundamental que ao mesmo tempo deve compor e influir diretamente na identidade daqueles grupos étnicos (OLIVEIRA, 2014).

O estudo etnogeográfico possibilita compreender e contribuir inclusive com as próprias comunidades pesquisadas no sentido de resgatar, de certa forma, as memórias relativas à construção de suas identidades e do significado que, ao longo de sua história, atribuíram ao território em que estão situados (OLIVEIRA, 2014). É o que Paul Claval descreve como curiosidade Geográfica, fenômeno que cresce assim como a Geografia da Cultura, ampliando o campo de análise e pesquisa.

Lendo os trabalhos etnológicos, os geógrafos descobriram a importância das ideias que os povos primitivos tinham de seu meio ambiente, de suas estruturas sociais ou de suas relações com outros mundos. Os geógrafos não podem ignorar a análise da topografia da aldeia Bororó que Claude Lévi- Straus produziu e interpretou. Da mesma maneira, eles sentem que a metafísica dogon condiciona a forma geral de suas aldeias, e a maneira pela qual é percebida (CLAVAL, 1999, p. 69).

Inúmeras são as pesquisas que representam as geografias concebidas e praticadas por diversos grupos. Os estudos de grupos humanos e sua simbiose com o território que ocupam fazem parte também de fontes de conhecimento que promovem políticas públicas direcionadas à estas comunidades.

A etnogeografia permite o levantamento de dados que subsidiam a análise do grupo em seu espaço vivido. Há duas importantes razões para o seu estudo: o mundo que se estuda é o resultado de uma ação humana marcada por diversos saberes, desejos

e aspirações; em segundo lugar: porque a geografia somente adquire um estatuto de um saber universal se souber incorporar plenamente essa diversidade em suas construções (CLAVAL; SINGAREVELOU, 1999).

O estudo etnogeográfico de uma comunidade quilombola, em um determinado território, implica que se compreenda os princípios que nortearam os primeiros indivíduos, as razões estabelecidas na escolha do lugar ocupado, e as intervenções culturais estabelecidas.

O método etnogeográfico primeiramente reconstrói a percepção que os homens têm do mundo. Aprofunda aquilo que pode explorar e para nos valores que norteiam sua ação. O espaço que modelam reflete em parte estes dados simples. Mas é preciso observar-se da ingenuidade. As convicções, os valores e as aspirações habitualmente não se traduzem diretamente no espaço, isto é verdade para os países desenvolvidos como também para as sociedades tradicionais. A vida social coloca em funcionamento mecanismos, como por exemplo os de mercado, que fazem desaparecer muitos sonhos. Mas mesmo o mercado implica regras que se diferenciam de uma cultura para outra. (CLAVAL, 1999, p. 73).

Com os estudos etnogeográficos, a ênfase é dada na diversidade de organizações espaciais delimitadas pelos padrões culturais (ALMEIDA, 2008). A identidade e cultura dos sujeitos são reveladas em sua inter-relação com o espaço vivido, através das manifestações de partilha e comunhão vivenciadas. Crenças, valores, símbolos, mitos e o conhecimento tradicional são diretamente ligados ao lugar de vida.

Desse modo, o sistema cultural é interpretado como um sistema tanto de formação e produção intelectual como de transformação material. As representações se dão ainda em contextos reflexivos como o significado de atos de civilização, formando culturas que combinam elementos naturais com elementos culturais e materiais, construindo identidades e etnias sociais significativas, o que chamamos de etnogeografias (CLAVAL; SINGAREVELOU, 1999).

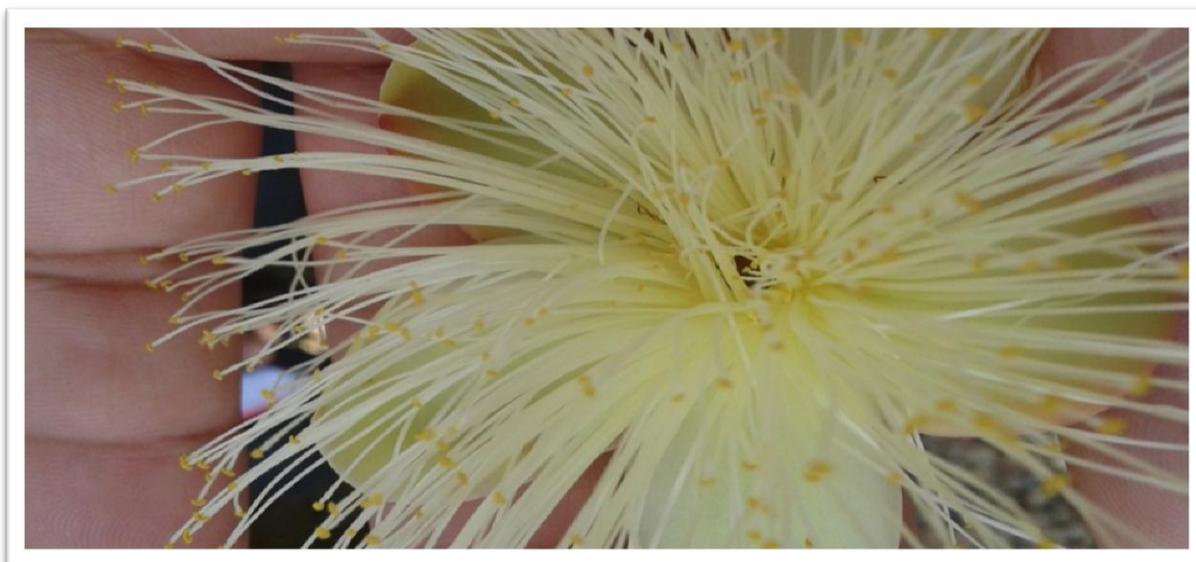
Com os estudos etnogeográficos, a ênfase é dada na diversidade de organizações espaciais delimitadas pelos padrões culturais. Compreende-se que a diversidade de normas que presidem a organização do espaço é bem maior do que deixam supor os modelos dominantes na geografia econômica e na geografia política. Assim, a etnogeografia busca penetrar na intimidade dos grupos culturais, o vivido pelos homens, concretizado em crenças, valores e visão de mundo. Esta cultura vivida é, ademais, o objeto de estudo da etnogeografia e motivou este ensaio no que concerne a buscar explicar a diversidade de organizações espaciais no sertão brasileiro (ALMEIDA, 2008, p.332).

1.4 CERRADO: O BIOMA QUE A COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO ESTÁ INSERIDA

O Brasil é considerado como um dos países de maior diversidade biológica por abrigar cerca de 10% das formas viventes no planeta. A diversidade biológica é estimada em 15 milhões de espécies existentes de vertebrados, invertebrados, plantas e micro-organismos distribuídos nos ecossistemas florestais e não florestais (AGUIAR; MACHADO; MARINHO-FILHO, 2004).

Representando cerca de 30% da biodiversidade brasileira, o cerrado é um bioma brasileiro bastante peculiar por sua constituição em mosaicos de formação vegetal que possui variações desde um campo aberto até formações densas de florestas e que podem atingir a 30 metros de altura. Com uma extensão de 1,8 milhão de km², é o segundo maior bioma brasileiro, suas riquezas de espécies tanto da flora quanto da fauna são muito expressivas. Nele são encontrados uma rica biodiversidade em fauna e flora, em que diversos povos tradicionais utilizam o bioma para manutenção de suas atividades e sua sobrevivência (SARAIVA, 2012).

FOTO 1 – Flor do Pequi.



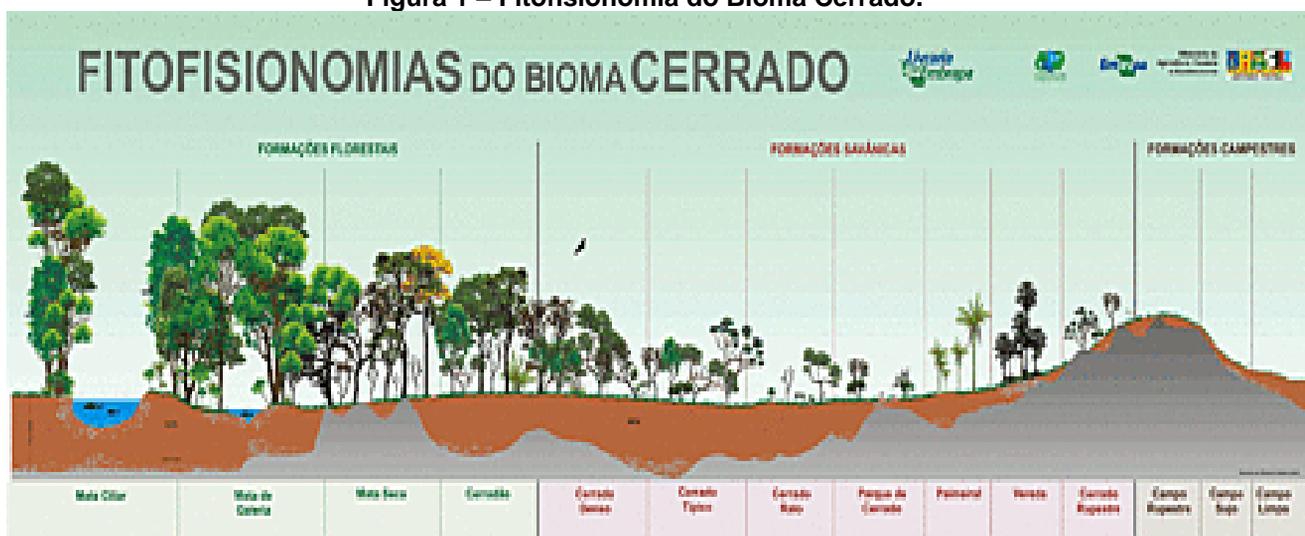
Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, coleta da flor do pequi, Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

O bioma Cerrado, ou os “Cerrados”, como melhor os definimos, é uma região biogeográfica de riquezas e belezas incalculáveis que até bem pouco tempo atrás era

pouco valorizado economicamente, o que justifica sua ocupação rarefeita no período anterior a construção da Capital Federal no Planalto Central. As áreas ocupadas eram as restritas ao subsistema de matas, áreas florestadas do sistema, que estão quase sempre associadas à melhor fertilidade natural. As demais áreas, que constituem as maiores extensões, como o cerrado em sentido estrito, o campo, as veredas e os ambientes alagadiços eram ocupados por um criatório extensivo, que tinham como suporte as pastagens nativas.

Sabe-se hoje que o Cerrado é uma das regiões de maior biodiversidade do planeta e cobre 25% do território nacional. Estimativas apontam mais de 6.000 espécies de árvores e 800 espécies de aves, além de grande variedade de peixes e outras formas de vida. Calcula-se que mais de 40% das espécies de plantas lenhosas e 50% das espécies de abelhas sejam endêmicas, isto é, só ocorrem nas savanas brasileiras. Devido a esta excepcional riqueza biológica, o Cerrado, ao lado da Mata Atlântica, é considerado um dos “hotspots” mundiais, isto é, um dos biomas mais ricos e ameaçados do planeta.

Figura 1 – Fitofisionomia do Bioma Cerrado.



Fonte: WWF Brasil disponível em <
http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/bioma/cobertura_vegetal/>
 acesso em 20 de março de 2017.

O termo “Cerrado” tem sido utilizado em acepções diferentes que podem ser complementares. O primeiro refere-se ao bioma brasileiro, cujo termo é escrito com letra maiúscula. Em sentido amplo tem-se “cerrado” que é a reunião de formações campestres e savânicas do bioma que se estendem desde o cerradão que é caracterizado pela

aparência cênica de floresta até o campo limpo. O segundo significado se refere à fitofisionomia presente na formação savânica do bioma, (RIBEIRO, *et al*, 2001).

O Cerrado ocupa aproximadamente 200 milhões de hectares na região central do território brasileiro, com zonas de transição e contato com todos os estados limítrofes e algumas áreas sem concordância absoluta sobre seu domínio e pertencimento.

Para Mazzetto (2009) há divergências, especificamente, no que diz respeito à extensão da área do domínio do Cerrado. Áreas como o centro e o nordeste do Estado do Maranhão, a projeção que vai do oeste do Mato Grosso até o leste de Rondônia, assim como a projeção sul do Cerrado que vai até os estados de São Paulo e Paraná, razão pela qual o Cerrado é um bioma de contato.

Historicamente as unidades de paisagens eram manejadas sem impactos ambientais, seja através da coleta de frutos e outros recursos da natureza, ou do cultivo de espécies de ciclo curto em áreas húmidas. Dessa maneira, as comunidades tradicionais dos povos do Cerrado viviam das riquezas do bioma mantendo cultura e integração permanentes tanto no aspecto sociocultural e nas vivências, como no conhecimento do uso medicinal de plantas e frutos ou ainda em relação à extração e conservação de recursos, mantidos de geração em geração.

O Cerrado é uma formação do tipo savana tropical, com extensão de cerca de dois milhões de km² no Brasil Central, com uma pequena inclusão na Bolívia. A fisionomia mais comum é uma formação aberta de árvores e arbustos baixos coexistindo com uma camada rasteira graminosa. Existem, entretanto, várias outras fisionomias, indo desde os campos limpos até as formações arbóreas (BRASIL, 2007).

Este bioma tem em sua composição vários tipos de vegetação, mata ciliar, matas de galeria, cerrado sentido restrito, campo sujo e campo limpo. Fatores climáticos, condições ambientais, nutrientes do solo, propensão a queimadas, proximidade do lençol freático e quantidade de água são fatores determinantes na vegetação da área (FERREIRA, 2013).

Os povos tradicionais mantêm um estilo de vida modesto dentro do Cerrado. Deste bioma conseguem extrair diversos recursos para o atendimento de suas necessidades, manutenção dos seus saberes, replicação das suas crenças e o desenvolvimento de suas famílias (FERREIRA, 2013).

A comunidade Tradicional do Moinho, como remanescente de povos tradicionais também tem seu estilo de vida ligado ao bioma Cerrado, do qual extraem recursos e maneiras de viver, hoje ameaçadas pela modernidade. A ligação com o Cerrado, a

transmissão dos saberes tradicionais, hábitos e costumes serão desenvolvidos nos capítulos a seguir, depois de apresentada a metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Pesquisar implica em selecionar fontes confiáveis. As ferramentas utilizadas para levantamento de dados na pesquisa foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, pesquisa documental, entrevista. A coleta de dados na pesquisa etnogeográfica visa compreender o lugar considerando seus atores sociais.

Na construção desta dissertação a pesquisa bibliográfica³ se dividiu em duas etapas: a primeira procurou verificar a produção científica no nível de Mestrado e Doutorado sobre a temática quilombola e a comunidade do Moinho; posteriormente, na segunda etapa, verificou-se a bibliografia sobre a temática quilombola e os subtemas que compõem a contextualização desta dissertação, política quilombola, formação dos quilombos no estado e Goiás, Educação do Campo e sustentabilidade, Geografia Cultural, Território, a fim de responder às perguntas norteadoras da pesquisa inicial.

A pesquisa bibliográfica é fundamental na construção da dissertação, imperativo um planejamento de leitura, resumo e preenchimento de fichas de leitura a fim de obter as citações pertinentes com o máximo de fidelidade possível. Arelada a pesquisa bibliográfica esteve a pesquisa documental. É nas fontes bibliográficas que identifica-se quais documentos já foram consultados, e assim planejar a investigação e análise dos documentos recentes ou ainda não analisados.

Poucos estudos etnogeográficos foram encontrados no levantamento bibliográfico, verificou-se também a ausência da tradução publicação de Paul Claval e Singarevelou, o livro *Etnogeographie*, que após sua aquisição iniciou-se um processo de tradução e leitura para incorporar nesta dissertação uma fonte importantíssima.

O estudo etnogeográfico necessita de análise documental. Documentos cartorários, registros, certidões possuem informações sobre a delimitação territorial e populacional e são fontes de informações importantes e contribuem para a análise do espaço e do território pesquisado, segundo Santos (2013):

³ A pesquisa bibliográfica é feita com base em documentos já elaborados, tais como livros, dicionários, enciclopédias, periódicos, jornais e revistas. Além de publicações como comunicações e artigos científicos, resenhas e ensaios críticos. Há muita semelhança deste tipo de pesquisa e o de estudo exploratório (SANTOS, 2013).

A pesquisa documental é trabalhada com base em documentos que não receberam tratamento de análise e síntese. Embora se identifique com a pesquisa bibliográfica, esta só se realiza sob documentos analisados e pertencentes a autores que deram o estudo pronto e acabado. As vantagens deste tipo de pesquisa são a confiança nas fontes documentais, como essenciais para qualquer estudo, o baixo custo e o contato do pesquisador com documentos originais. (SANTOS, 2013, p. 198).

Foi feita uma visita ao Cartório de registro Cível de Imóveis, Títulos e Documentos ⁴ teve a finalidade de levantar informações sobre a área destinada à Comunidade Tradicional do Moinho e confirmar a origem do Povoado a partir de uma fazenda produtora de trigo.

Além do cartório, foi pesquisada a SR 28, divisão do INCRA que trata especificamente da regularização do território quilombola naquela região, onde foram analisados os documentos normativos que são imprescindíveis para a compreensão do embasamento legal que trata das terras quilombolas desde o processo inicial de auto identificação até a regularização fundiária das terras.

A pesquisa na Fundação Palmares foi indispensável para analisar a certificação da Comunidade Tradicional do Moinho e as ações do Programa Brasil Quilombola que atende a comunidade. Lá foi obtida a cópia do processo de auto reconhecimento da comunidade do Moinho e a cópia da ata da criação da Associação Quilombola Povoado do Moinho (ANEXO 1).

Hoje muitas informações estão disponíveis na internet, entretanto ao visitar o órgão responsável se percebe os contextos em que a validação ou certificação ocorreram, pois os técnicos que cuidam destes processos possuem a vivência dos contextos envolvidos.

Evidenciou-se a importância do trabalho das organizações sociais junto à comunidade, no trabalho de conscientização, informação organização social, que são as origens dos processos de certificação.

A pesquisa documental requer uma análise minuciosa de materiais escritos, estatísticos e iconográficos. Nesse sentido de investigação, há algumas vantagens, como a possibilidade de estudos de pessoas às quais não tem mais acesso físico, a capacidade de conseguir informações sobre longos períodos de tempo e a originalidade da forma como os dados serão apresentados. Sabemos, porém, que existem dificuldades para fazer este tipo de pesquisa, como a falta de acesso aos acervos, a complexidade da codificação das informações e a ausência de comportamentos não verbais. A análise do conteúdo tem sido um instrumento bastante utilizado pra suprir as dificuldades encontradas (SANTOS, 2013, p.57).

⁴ Situado à rua 11, quadra 07 lote 13 em Alto Paraíso de Goiás.

A fim de compilar os dados de fonte primária, das entrevistas e observações o trabalho de campo norteou e definiu as escolhas de ferramentas e sujeitos da pesquisa. A pesquisa etnogeográfica possibilita a análise “do lado de dentro” da problemática levantada no início da pesquisa, não dissociando o grupo dos contextos sociais, ambientais e econômicos do lugar onde habitam.

A escolha dos entrevistados se deu pelo grau de importância do sujeito para a compreensão do objeto pesquisado. Escolher a quem entrevistar implica em verificar o que se precisa conhecer ou descrever. Nesta pesquisa a escolha também se deu pela disponibilidade do morador, alguns não permitiram o acesso, naturalmente se esquivaram em responder a pesquisa, outros após um período de convívio na comunidade permitiram o depoimento. Um critério determinante foi o tempo de convívio e relação de pertencimento com a comunidade.

2.2 PESQUISA DE CAMPO EM GEOGRAFIA: UM LABORATÓRIO

A pesquisa de campo ocorreu entre 2015 e 2017, e visou também participar do cotidiano da comunidade, eventos culturais como a I Festa do Moinho, Feira de sementes e Vivências de Dona Flor. Estas atividades foram incorporadas ao planejamento da pesquisa de campo a fim de compreender o cotidiano, sob a perspectiva de quem vive no lugar.

O objetivo é tornar notório o modo de vida peculiar do povo quilombola, não somente conhecer, mas, viver o cotidiano dos saberes e fazeres tradicionais de um povo que vive no Cerrado e a partir dele. Para tanto, conviver com os sujeitos pesquisados para com suas narrativas atribuir voz aos moradores da comunidade e a oportunidade destes contarem suas histórias, permitindo nesta dissertação a compreensão do cotidiano dos moradores, a partir da perspectiva deles, uma etnogeografia identitária e cultural da Comunidade Tradicional do Moinho.

O trabalho de campo pode ser entendido como laboratório geográfico. Trata-se de um recurso importante para desvendar a realidade empírica. Desvendar no sentido de interpretar os múltiplos significados de uma paisagem. Entretanto, o trabalho de campo não pode constituir-se apenas um exercício de observação da paisagem, visto que deve partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico num processo

mediado pelos conceitos geográficos (THOMAZ JÚNIOR, 2005) (ALENTEJANO; ROCHA LEÃO, 2006).

Na pesquisa de campo, o objeto fonte é abordado em seu meio próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim, diretamente observados sem intervenção ou manuseio do pesquisador (SEVERINO, 2013).

Na ciência geográfica, nos estudos a partir de uma problemática, realidade ou fenômeno a pesquisa de campo torna-se ferramenta fundamental, trata-se do movimento na direção do que necessita ser interpretado e representado (HISSA; OLIVEIRA, 2004)

A pesquisa de campo, ou trabalho de campo é um procedimento que vem sendo utilizado pela Geografia ao longo da evolução do pensamento Geográfico. Da sistematização da Geografia como ciência até meados do século XX, o trabalho de campo baseava-se na observação e descrição dos fenômenos nas paisagens e resultava, portanto, numa prática descritiva. Com o advento da geografia crítica, passou a incluir, além da observação, a interpretação e a compreensão (MATOS; PESSOA, 2013, p. 161).

A pesquisa de campo permitiu a aproximação com os moradores e compreender a dinâmica de vida peculiar da Comunidade e perceber os atores sociais específicos para as entrevistas. A seleção das entrevistas se deu ao longo de todo o período da pesquisa de campo. Interessante que na fala dos depoentes, não raro ouvir: “você falou com quem? Falou com “fulano”? você precisa falar com esta pessoa, ela está aqui a muito tempo e viu como eram as coisas aqui antigamente, tudo era muito difícil!”.

O campo permitiu compreender a importância da identidade e cultura dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás, sob a perspectiva dos moradores, conviver, conversar, partilhar e ouvir cada entrevistado em seu lugar de viver, possibilitou a construção de uma etnogeografia quilombola.

2.3 MÉTODO DE HISTÓRIAS DE VIDA NA PESQUISA QUALITATIVA

A metodologia eleita para coleta de dados junto à Comunidade Tradicional do Moinho, entre os moradores nativos e chegantes foi a entrevista de História de Vida. Seu objetivo é compreender como a trajetória de determinadas pessoas está ligada ao modo de vida tradicional.

A entrevista de História de Vida coleta as informações da vida pessoal de um ou vários informantes, selecionados pelo grau de importância e conhecimento sobre o objeto

de estudo e seu contexto (SEVERINO, 2013). Pode assumir formas variadas: autobiografia, memorial, crônicas, em que se possa expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos. As entrevistas foram gravadas por entender os relatos como um documento a ser analisado, revisitado e passível de edição para compor a narrativa da dissertação.

Da mesma forma que a História Oral é ferramenta da pesquisa qualitativa, a metodologia de histórias de vida está intrinsicamente ligada a ela. Paulilo (1999) reitera que “a História de Vida está no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias”.

Um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais, ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para compreensão do componente individual dos fenômenos históricos (PAULILO, 1999 p. 142).

A utilização da História de Vida como abordagem metodológica vem evoluindo continuamente. Foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de coleta de dados do homem no contexto das relações sociais (CHIZOTTI, 1991).

É através da entrevista que a história de vida de uma pessoa é obtida de forma mais natural. No período em que aconteceram as entrevistas, buscou-se o melhor momento para colher os depoimentos. Marcado o encontro, no momento prevaleceu a sensibilidade de permitir ao depoente a liberdade para falar o que pensa e sente. É no momento da conversa, da partilha e do encontro entre depoente e pesquisador que se compreende o cotidiano sob a perspectiva de quem vive, sendo, o método de Histórias de Vida muito interessante para o desenvolvimento de pesquisas etnogeográficas, por permitir compreender as relações dos grupos humanos com o cotidiano no lugar em que vivem, através de suas narrativas. O sujeito reflete sobre si enquanto relata sua História de Vida.

Na atualidade, muitos pesquisadores buscam dados por meio da história de vida, para uma investigação relacionada com a antropologia, a sociologia, a ciência política e em outras áreas do conhecimento. Os dados são levantados por meio de entrevistas que exploram aspectos que envolveram a vida dos entrevistados, procurando reconstruir a sua vida até o presente. Pode também ser entrevistado indivíduo que conheça a pessoa da qual se interessa pesquisar. Esta técnica é bastante usada nas pesquisas participantes e em pesquisas que utilizam do método dialético, em estudos sociais e políticos em grupos sociais (SANTOS, 2013 p. 264).

O número de relatos a ser colhidos depende da qualidade das informações obtidas. Nesta pesquisa ouviu-se vários moradores para compor as narrativas, com o intuito de demonstrar a percepção da comunidade sob a perspectiva de quem nela vive.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com os indivíduos, seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador. No relato de história de vida importa ao pesquisador o ponto de vista do sujeito, ou seja, o que o morador do Moinho pensa sobre o que é viver nesta comunidade quilombola recém-certificada e com tantos desafios. Esta metodologia de pesquisa tem por objetivo aprender e compreender o cotidiano vivido a partir do que é relatado pelo ator (SPÍNDULA; SANTOS, 2003).

O uso dos métodos qualitativos e da entrevista, foi e ainda hoje é tido como um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades (POUPART, 2012).

A pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas (RAMIRES; PESSOA, 2013).

2.4 LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS: os sujeitos da pesquisa, moradores da Comunidade Tradicional do Moinho: os nativos e os chegantes

A Comunidade Tradicional do Moinho é composta de três grupos sociais importantes: os nativos, aqueles que ali nasceram, descendentes quilombolas, os chegantes iniciais, oriundos do movimento hippie, que chegaram a partir da década de 80 e procuraram no Moinho a possibilidade de uma vida alternativa e saudável, distante do capitalismo e da agitação dos grandes centros urbanos e outros chegantes, aqueles que por diversos motivos escolheram o Moinho para viver e estabelecer moradia, onde o descanso, a prática de meditação e da medicina alternativa estabelece, outra relação com o lugar, a natureza e o cotidiano.

O entrevistado deveria contribuir, para uma maior compreensão dos contextos envolvidos na pesquisa. Dentre os moradores ouvidos, selecionou-se dentre os três

grupos sociais para a coleta de dados, o que demonstraram ser determinantes para compreender a identidade e cultura dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho. Chegou-se assim aos relatos de trajetória de vida de 6 moradores que aqui denominaremos com nomes de frutos do cerrado para assim preservar suas identidades.

BACUPARI: moradora do Moinho desde a década de 1980, empresária, integrante da Comunidade Flor de Ouro, trabalha com terapias holísticas, vivências e hospedagens. Buscou no Moinho uma oportunidade de vida alternativa, totalmente integrada com a natureza e a força da floresta inspirada na filosofia do Movimento Hippie.

PACARI: vive no Moinho há mais de 30 anos. Ganhou a casa onde mora com o neto e o companheiro de um parente. É evangélica e faz bolos, geléias, e comida caseira para os turistas. Tem como companhia seu neto Tales, que é autista. É uma grande defensora da escola quilombola do Moinho.

BURITI: nasceu no Moinho, hoje vive com a esposa e 2 filhos. Trabalha como jardineiro e caseiro. Realiza pequenos reparos e consertos, instalações e construções em adobe. É sobrinho de Dona Flor e reconhece e coleta diversas plantas do Cerrado, e onde estas se situam próximo da comunidade.

PEQUI: pedagoga, alfabetizou quase todos que passaram pela escola do Moinho. Hoje aposentada permanece ainda ensinando os netos e demais crianças com dificuldade de aprendizagem na comunidade. Trabalhou 30 anos como professora e hoje tem como grande preocupação a possibilidade de fechamento da escola do Moinho.

MURICI: nasceu no Moinho, doceira, cozinheira, comerciante, nasceu no Moinho, é irmã de Nelson, sobrinha de Dona Flor. Herdou da mãe o talento de fazer roscas e biscoitos, bolos e outras delícias. Serve açaí e refeições encomendadas aos turistas.

ARTICUM: nasceu no Moinho, artesã e pastora, liderança religiosa feminina, é mãe de Noabio, que atualmente é o presidente da Associação Quilombola do Moinho. Ela tem uma preocupação com a geração de renda e trabalho das mulheres da comunidade.

O período de convívio com os moradores, contribuiu para a aproximação e estabelecimento de uma relação de confiança, fundamental na pesquisa etnogeográfica, sem a qual não poderia conseguir as narrativas que esclarecessem sobre o objeto de estudo.

Além dos entrevistados está Dona Flor, parteira, raizeira, conhecedoras das ervas e plantas do Cerrado, que é nossa informante, dada a sua importância como líder feminina na comunidade, principal expoente da medicina ancestral quilombola.

As entrevistas ocorreram entre julho de 2015 a janeiro de 2017, em períodos curtos, finais de semana, feriados, dias de festa. A aproximação com os depoentes não

foi difícil. Entretanto, ganhar a confiança dos entrevistados ocorreu ao longo do período de campo. Parte das entrevistas não ocorreu no primeiro contato, quando posteriormente, procurou-se o melhor momento para a coleta da narrativa, na casa do entrevistado.

Ao entrevistar, no primeiro momento se apresenta a importância do estudo ao entrevistado, o objetivo da pesquisa e as implicações de sigilo e confiabilidade que são necessárias. Após a autorização para gravação e registro fotográfico o roteiro foi seguido não de forma cartesiana e metódica, mas como um norte para uma conversa que se propõem a conhecer sob o ponto de vista do entrevistado o que se pretende pesquisar.

A trajetória de Vida é, portanto muito interessante para o desenvolvimento de pesquisas na área da etnogeografia, por conciliar a aproximação dos sujeitos da pesquisa, o lócus da pesquisa e o pesquisador. A própria percepção sobre o lugar e maneira de interagir com o lugar pesquisado ganha a cientificidade necessária quando os instrumentos de coleta de dados estão alinhados com a metodologia eleita para a pesquisa. O olhar do pesquisador se modifica quando analisa os dados coletados. O lugar ganha a dimensão do vivido, na perspectiva do grupo social que nele vive.

2.5 HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: remembering o cotidiano tradicional Quilombola

Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.

Lewis Carol, Alice no País das Maravilhas

A História Oral é um método oriundo da História, e agora também muito utilizado em outras áreas do conhecimento inclusive na Geografia utiliza-se deste como processo de recordar fatos importantes da identidade e cultura de grupos humanos. No contexto desta dissertação é através da memória que procura-se compreender as relações de sociedade/natureza e os costumes e identidades dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho.

A oralidade, como recurso de testemunho, é utilizada desde a Antiguidade, contudo, desde o século XVIII (quando a História começou a se constituir enquanto disciplina acadêmica, e a escrita também ficou evidenciada) passou a ser usada como

registro como o registro do que é rememorado, passando a ter importância na compreensão da sociedade.

Rememorar, contar e recontar histórias faz parte do cotidiano de comunidades tradicionais e também das comunidades de matriz africana. Os quilombolas tem na tradição oral sua perpetuação de saberes, ampliação da relação de convívio e partilha e reafirmação da sua identidade e cultura e a tecnologia moderna facilita a pesquisa.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de Fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do Século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005, p. 155).

A metodologia da pesquisa oral deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma *fonte oral*. Orienta-se a transcrição das entrevistas, uma vez que a transcrição se transforma em documento, estando na forma de texto. Deve-se analisar a fonte oral como qualquer outro documento a ser analisado, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa (SILVEIRA, 2007).

O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à etnogeografia, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, comum no paradigma tradicional ou marxista. A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de história oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz. Contudo, citam-se algumas observações convergentes nas obras de Thompson (1992), Alberti (2009) e Zago (2003) que orientam o pesquisador na produção de entrevistas no método da História Oral.

Entretanto, a técnica e forma de conduzir as entrevistas deve priorizar estabelecer uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado (SEVERINO, 2013). No caso específico dos moradores da comunidade do Moinho, é grande a procura do lugar para pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, o que torna enfadonho para o entrevistado responder as mesmas perguntas sem verificar uma finalidade para tanto.

Portanto, as pesquisas com comunidades tradicionais quilombolas devem estabelecer a repartição de benefícios, escuta atenta aos problemas, desafios e dilemas da comunidade, respeitando o tempo de cada entrevistado e as negativas quando este não se coloca à disposição para a entrevista. Deixar claro a importância do estudo também é importante e acima de tudo devolver a comunidade o “produto” da pesquisa, trazer visibilidade e discussão sobre o contexto social de quem é pesquisado.

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. As narrativas de memória refletem a identidade do entrevistado e como ele se vê e vê o mundo, como ele se percebe enquanto sujeito e em coletividade. Nesse sentido, “a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História” (ERRANTE, 2000, p. 142).

Ao optar pela metodologia da História Oral, o pesquisador deve levar em conta as seguintes perguntas: O que determinadas memórias significam para o(s) entrevistado(s)? Quais as relações existentes entre o que está sendo rememorado com determinados indivíduos, grupos, ideias ou símbolos? Que sentimentos e/ou valores a memória está externalizando? Quais os contextos vividos onde a memória traz à tona e qual a relação com o indivíduo e o grupo?

A História Oral em pesquisas etnogeográficas surge para valorizar as memórias dos indivíduos, resgatando assim a tradição oral como importante instrumento na manutenção do conhecimento vivido por atores sociais singulares em seu território, como os moradores da comunidade quilombola, no lugar em que vivem.

A cerca da memória, a narrativa da lembrança é uma forma de comunicar ao outro uma informação. É o que Jacques Le Goff descreve como caráter comunicativo intrínseco na memória. Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que os resultados de sistema dinâmico de organização. No ato de rememoração fundamental é o comportamento narrativo (LE GOFF, 2003).

Nesse sentido, o cotidiano das pessoas é rememorado através das narrativas coletadas por meio da metodologia de entrevista de Histórias de Vida. Cada entrevista realizada na Comunidade Tradicional do Moinho foi uma oportunidade de conhecer o lugar sob a perspectiva de quem nele vive. Cada relato demonstrou o apreço ao lugar e a sabedoria ao lidar com a vida e os problemas cotidianos. Tristezas, alegrias e superação estão contidas nas palavras ditas e nas não ditas, no olhar e nas expressões silenciosas de quem no horizonte pausa o pensamento.

O cotidiano de uma comunidade tradicional quilombola é repleto de significações, de situações vivenciadas no dia a dia, percebidas coletivamente ou não, que conta e reconta a história de um grupo social, sob a perspectiva dos sujeitos integrantes, construindo a perspectiva social e histórica do povo, sempre no contexto do território em que vivem.

Para compreender a formação dos quilombos no Planalto Central, esta metodologia demonstrou a técnica e a sensibilidade necessárias para contar estas histórias,

rememorar o vivido e assim perpetuar o conhecimento tradicional de geração a geração, construído na Comunidade Tradicional do Moinho.

Os moradores contaram em suas narrativas o que não se encontra nos documentos cartorários. A chegada ao Moinho, quem veio primeiro, como se deu a aquisição dos terrenos, seja por doação ou pelo processo natural de fixação humana, como era a compra de lotes antigamente, quando a farinha, o feijão e dias de trabalho eram a moeda local.

Na pesquisa se evidenciou um importante fato social que deu origem ao Moinho: a doação de terras. No esforço de ter a ampliação da ocupação humana, a doação de terras foi uma alternativa ao isolamento, onde a necessidade de ter “vizinhos” e com quem partilhar o trabalho pontual de plantio e colheita subsidiou a implantação de um sistema comunitário.

CAPÍTULO 3. TERRITÓRIO QUILOMBOLA: COMUNIDADE DO MOINHO

O “Brasil Africano” conhece pouco a África e a ‘África Brasileira’ ainda precisa conhecer o Brasil. Esta talvez seja a nossa maior pendência secular e ancestral. Por isso, as ações consequentes são emergenciais.

Anjos, (2014)

O Brasil é a segunda maior nação com população ascendente africana e o maior importador de mão de mão-de-obra forçada durante os séculos XVI e XIX ultrapassando a casa de quatro milhões de seres humanos forçadamente transportados (ANJOS, 2014). Esta realidade é fruto da diáspora de africanos para estas terras, tornando-se uma das mais rendosas atividades econômicas dos negociantes europeus. “A tal ponto de se tornar impossível o número de negros africanos retirados de seu habitat, com sua bagagem cultural, a fim de serem, injustamente incorporados às tarefas básicas para a formação de uma nova realidade” (ANJOS, 2011 p. 262). Tal fato histórico e geográfico nos ajuda a compreender a construção de uma sociedade marcadamente racista e excludente.

Alguns fatores foram determinantes para o processo de escravização do negro africano como um modelo econômico lucrativo e atraente para o europeu, a habilidade na agricultura, o ofício de ferreiro, o conhecimento em mineração e a construção em pequena e grande escala, entre outros saberes que os faziam mão de obra adequada para a colonização de um novo mundo, bem como os interesses econômicos das nações colonizadoras (SILVA e SILVA, 2014).

A riqueza das populações remanescentes quilombolas está no conhecimento dos meios básicos de subsistência e o convívio autêntico com seus pares e com a natureza. Este conhecimento nobre e sagrado se manifesta por meio das cantigas, da religião, da comida feita no fogão a lenha. Revela-se no feitio das roupas simples e coloridas, na produção artesanal, na pesca e na caça, no trabalho na roça, nos remédios de raízes e chás caseiros (ANJOS, 2006).

Para Anjos, (2006) as comunidades remanescentes quilombola de matriz africana mantêm ainda tradições e tecnologias que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura e a medicina, religião, mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, a fabricação de utensílios de cerâmica e palha, a linguagem que sobreviveu pelo uso dos dialetos no cotidiano das famílias, a relação sagrada com a terra, a culinária, a importância da vida comunitária.

A luta pela preservação e reconhecimento legal das terras que residem os descendentes dos moradores dos antigos quilombos foi um desafio ao longo do século XX. Mesmo antes da promulgação da Constituição Brasileira de 1988 alguns dos remanescentes dos quilombos já enfrentavam demandas judiciais em alguns estados do Brasil visando evitar que fazendeiros e empresas conseguissem judicialmente ou pelo uso da força, as terras historicamente ocupadas por seus antepassados quilombolas (SILVA e SILVA, 2014 p. 195)

Segundo Baiocchi (2013), a historiografia brasileira apresenta apenas dois movimentos sociais que expandiram se em todo o território nacional e tornaram se permanentes: o Movimento pela independência do Brasil (1822) e o Movimento Quilombola, que se inicia no século XVII, com Palmares, e somente fecha seu ciclo de lutas nas últimas décadas do século XIX, com a abolição da escravatura (1888).

O quilombo como forma organizacional – Movimento Quilombola – registra se como o mais longo fato histórico brasileiro, com duração de 258 anos: 1630 (Palmares) a 1888 (Abolição). Da ilha do Marajó à região continental do Amazonas, Mato Grosso, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Maranhão, Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo, o movimento atinge o Rio Grande do Sul e pontilha o solo nacional. Assim os quilombos formados transplantam a África para o Brasil, para a América Latina (Movimento dos Chimarrones), recriando sua cultura a partir dos espaços americano e brasileiro. Os testemunhos histórico-físicos chegam até nossos dias (Kalunga, Ribeirinho, etc) (BAIOCHI, 2013, p. 42).

Estudos sobre remanescentes quilombolas remetem a formação do povo brasileiro e dos processos de escravidão que buscavam a mão-de-obra para desbravar e fazer produzir estas terras do “Novo Mundo”. Nesse contexto, a África é um dos continentes mais importantes no suporte e manutenção da estruturação das Américas nos últimos cinco séculos.

Povos e territórios que existiam e se mantêm sobreviventes, embora de maneira marginal, não oficial em sua plenitude, constituem o que Anjos (2014) chamada de a “Geografia da exclusão”, que integra a formação do povo brasileiro, e que retrata o desconhecimento da origem e ancestralidade dos remanescentes quilombolas que integram o Brasil, onde o histórico de invisibilidade social hoje começa a se modificar.

O tráfico demográfico forçado do continente africano para a América foi demarcado espacialmente e temporalmente por distintos “tratados” durante quase quatro séculos a tal ponto de se tornar impossível precisar o número de africanos retirados de seu habitat, com sua bagagem cultural, a fim de serem incorporados às tarefas básicas para a formação de uma nova realidade. O grande triângulo dos fluxos econômicos – comerciais do século XV ao XIX envolvendo a Europa, a

África e a América tinham o Oceano Atlântico como um grande espaço de ligação (ANJOS, 2014, p. 336).

Em terras brasileiras os povos africanos se tornaram conhecidos como negros guinês, minas, congos, cabindas, benguelas e muitos outros nomes, que geralmente designavam o porto de embarque no momento em que estes ingressavam nas fileiras do tráfico. Da costa oriental africana vieram outros negros que ficaram conhecidos como Moçambiques e do noroeste africano povos chamados de gêgês, nagôs e iorubas (BRASIL, 2001). Importante ressaltar que cada uma destas nações tinha e tem cultura, identidade e sistema social próprio.

Todos estes povos tinham também costumes diferentes e crenças religiosas muito elaboradas. Entre os povos chamados de angolas, ou congos, cada grupo de famílias cultuava seus antepassados, pois acreditavam que vinha deles a força que sustentava a vida de todos os membros do grupo. Eles os chamavam de inquices. Os deuses dos povos chamados de iorubas eram os orixás, ligados aos elementos e as forças da natureza. Havia divindades do fogo, do ar, água e terra. Havia deuses e deusas das matas e dos rios, da chuva, da tempestade, dos raios e do trovão, do arco íris. Havia um deus dos metais, da agricultura e das armas de guerra e outro que protegia as pessoas das doenças (BRASIL, 2001, p. 28).

O africano no contexto socioeconômico brasileiro representou para Portugal uma das pilas na implantação das empresas açucareira e de mineração, e, conseqüentemente, na engrenagem da estrutura colonizadora do reino (BAIOCCHI, 2013). Entretanto, o interesse da Europa moderna pela África era os seres humanos, essenciais aos colonizadores para o cultivo e exploração de minas. Instaura-se assim um novo período de escravidão humana, associado a acumulação de capitais, estruturado em um sistema político, jurídico e econômico que permitiu o desenvolvimento e expansão do capitalismo (ANJOS, 2014).

O fenômeno quilombola ocorreu em todo o período escravista, através dos mais de três séculos, uma população de milhares de homens e mulheres viveu por um maior ou menor tempo aquilombadas. Muitos nasceram e morreram em comunidades de produtores livres, camponeses. As Comunidades quilombolas resistiram até o período abolicionista, dando origem a comunidades de camponeses negros” (AMARO, 2005).

A construção do conceito de quilombo entre os brasileiros foge à origem (acampamento, em quimbundo) para assimilar as representações transmitidas pelo dominador, pelo poder, pelo sistema colonial. Essas representações refletem a ideologia da época, em que se classifica o escravo fugitivo como “elemento provocador e “criminoso”, um perigo para o país”, “um atentado contra o reino

português. Daí a conotação do termo sempre ligada a um sentido de guerra (Quilombo de Palmares, Ambrósios, entre outros.) (BAIOCHI, 2013, p. 41).

A palavra quilombo, de origem “banto”, tronco linguístico de muitos idiomas falado na África, significa acampamento ou fortaleza. Foi um termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativeiro. No Brasil, esses espaços eram chamados de arranchamentos, mocambos ou quilombos e seus membros eram conhecidos como Callombolas, quilombolas ou mocambeiros (SILVA e SILVA, 2014).

Os quilombos constituem formas organizacionais em que o africano, em um processo extremo de defesa e afirmação, parte da passividade e resignação, tão decantadas, para posições de resistência contra o esfacelamento de sua identidade, de seu grupo (BAIOCHI, 1983).

A importância do “quilombismo” consiste no referencial que ele representa para a trajetória do africano em terras brasileiras no processo escravocrata, notadamente, no que diz respeito à luta pela liberdade. A contribuição do movimento se faz sentir, também, na construção da diferença, na formação do povo brasileiro, ao despertar para a solidariedade como algo indispensável à sobrevivência em um país continental (BAIOCHI, 2013, p. 42).

O termo “quilombo” que tenta reconstruir nosso passado enquanto nação, hoje representa a identidade e cultura de um povo, marcado pela invisibilidade social e luta por seu território. A partir da Constituição de 1988, o termo “quilombo” adquire significação jurídica, pois no artigo 68, dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), confere-se direitos territoriais aos remanescentes de quilombos que ocupam suas terras, assegurando a titulação definitiva.

Das costas do Golfo de Guiné, dos litorais de Angola e Moçambique milhares de negros escravizados eram enviados para trabalhar na lavoura canavieira e em outras atividades e passaram a fazer parte da sociedade colonial constituída por negros escravizados e escravizadores. Emergiram dessa relação dois fenômenos decorrentes do sistema escravista: a fuga e a organização de quilombos (MOURA, 1993, p. 13).

A identificação de quilombos no meio rural brasileiro contemporâneo fez rever a conceituação e conotação tradicional atrelado a fuga e resistência escravista. Pesquisas demonstraram que a formação desses grupos ocorreu também por doações de terras, por abandono dos escravos pelos senhores e por terras doadas a santos (CARRIL, 2006).

Em todo o território brasileiro há comunidades remanescentes de quilombos. A geografia é a ciência do território, e o território é o melhor instrumento de observação do que está acontecendo no espaço geográfico. Ela expõe a diversidade regional, as desigualdades espaciais, as potencialidades da natureza e a heterogeneidade da população. Não se pode perder de vista que a geografia é a área do conhecimento que tem o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para a sociedade (ANJOS, 2014).

A organização espacial dos quilombos se deu em duas configurações: alguns grupos se estabeleceram no litoral brasileiro; outros grupos procuraram o interior do país para fixar-se. A grande extensão dos povoados “livres”, com uma forma de organização territorial de matriz africana, que vão se desenvolver nas margens brasileiras do Oceano Atlântico, tem em comum a referência de um espaço seguro e protegido, não necessariamente isolado, com igualdade de condições na maioria das relações comunitárias, de liberdade de acesso à terra e de uma base possível de ter confrontos e guerras pela manutenção do espaço dos (ANJOS, 2014).

O termo quilombo ou remanescente de quilombo, usado, como comentado para conferir direitos territoriais, evoca o que O’Duryer, (2004) classifica de “identidade histórica”, que pode ser assumida e acionada na forma da lei e que reflete o processo de resistência e luta pela permanência em seu território original.

Os quilombos desenvolveram uma relação específica com a natureza, de escravos eles se transformaram em camponeses. Passaram a plantar e cuidar de pequenos animais nas terras que ocuparam. Desenvolveram conhecimento sobre o ciclo das chuvas e época ideal de plantio e colheita, interpretando os sinais da natureza e repassando este conhecimento às suas gerações.

O relacionamento humano com a terra tornou-se fundamental como meio de sobrevivência na sociedade escravista. Viver nos quilombos equivale a arar e cultivar a terra para dela extrair os recursos necessários à vida e também dela fazer sua moradia e nela reconstruir seu suporte cultural, numa perspectiva de auto sobrevivência (CARRIL, 2006).

No artigo 68, do ADCT, o termo “remanescente” também emerge para resolver a difícil relação de continuidade e descontinuidade com o passado histórico, em que a descendência não parece ser um laço suficiente. De forma semelhante à dos grupos indígenas, o emprego do termo “remanescente” remete a expectativa de encontrar nas comunidades atuais uma forma recente dos antigos quilombos, assim como a

continuidade das práticas desenvolvidas no início do Brasil escravocrata, nas palavras de O'Duryer:

Este aspecto presencial focalizado pela legislação tem levado antropólogos a seguir o princípio básico de fazer o reconhecimento teórico e encontrar o lugar conceitual do passado no presente'. O fato do pressuposto legal estar referindo a um conjunto possível de indivíduos ou atores sociais organizados segundo sua situação atual permite conceitua-los, de acordo com a teoria antropológica mais recente, como grupos étnicos que existem ou persistem ao longo da história como um tipo organizacional', por meio de processos de exclusão e inclusão que permitem definir os limites entre os considerados de dentro e de fora (O'DURYER, 2004, p. 183).

Grupos de remanescentes africanos se estabeleceram e constituíram comunidades tradicionais, hoje reconhecidamente em todo o território nacional (MAPA 2), procurando manter a "pequena comunidade". A comunidade é o lugar das relações face a face, de uma vida social em pequena escala regada por valores e gramáticas de direitos e deveres resultantes das relações contratuais pessoalizadas, internegociadas e consensualmente aceitas, mais do que impessoais e impostas (BRANDÃO, 1985).

A cerca da relevância do Brasil no contexto escravista como receptor de migração humana forçada e a influência deste fato social na formação do povo brasileiro destaca Anjos (2014):

O Brasil é o mais importante país contemporâneo com registro das referências do continente africano "fora" da África. As referências estão gravadas, principalmente nos seus territórios (urbano, rural, religioso, agrícola, comercial, cultural, tradicional, dentre outras dimensões possíveis de territorialização) e sobretudo na sua população e na língua que falamos (ANJOS, 2014 p. 18).

MAPA 2 – Mapa das principais zonas e sítios de quilombos e Movimentos Sociais de populações africanas



Fonte: ANJOS, Rafael Sanzio dos. O brasil africano de Jorge Amado: territórios, cartografias e fotografias. Revista Amerika, 2014. Disponível em: < <https://amerika.revues.org/4694> > acesso em: julho de 2015.

Segundo Carril (2006) a condição de ser negro contém novas possibilidades como pertencer a um grupo antigo, com ancestralidade e identidade atrelada a uma tradição cultural. Nesse contexto, o quilombo parece garantir a possibilidade de viver na terra, fazendo parte da comunidade onde se apresenta uma nova identidade, ou a reafirmação da identidade do grupo.

3.1 Comunidades remanescentes quilombolas na Região da Chapada dos Veadeiros

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população

O processo de formação de quilombos procurou o isolamento entre vales, rios e vãos do interior do país. Áreas de difícil acesso, aproveitando a topografia do lugar e os acidentes geográficos que de certa forma “protegeram” comunidades remanescentes de quilombos. A escolha da interiorização contribuiu para a invisibilidade social destes povos. Em ambas as configurações de ocupação territorial as comunidades quilombolas vivem e dependem diretamente do bioma no qual estão inseridos.

Na década de 1980, nos municípios de Cavalcante e Monte Alegre, a antropóloga Mari de Narazé Baiocchi indicou a presença do Povo Kalunga, o qual se encontrava, segundo seus estudos às margens do rio Paranã, Bezerra e seus afluentes.

Não somente os Kalungas, mas outras diversas comunidades de remanescentes quilombolas resistem hoje na região da Chapada dos veadeiros como demonstra o mapeamento de Anjos (2005), sobre a identificação de grupos quilombolas no Brasil, oficializada pela Fundação Cultural Palmares. O mapeamento demonstrou que além do território Kalunga, havia onze comunidades da mesma natureza, situadas em seis municípios do Nordeste Goiano.

A Comunidade Remanescente Quilombola do Povoado Moinho, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares sob processo nº 01420.013360/2014-05, com publicação da Portaria nº. 201/2015 em 30/12/2015.

A Comunidade Tradicional do Moinho não faz parte da área territorial identificada e delimitada para objeto de titulação do Território Kalunga de Goiás. O território Kalunga possui área dentro dos limites dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre.

Essa região faz parte da Unidade Territorial da Chapada dos Veadeiros-Kalunga-Pouso Alegre, e concentram características ambientais, culturais e de ameaças comuns. O lidar com a terra, proporcionou a sistematização da cultura negra Kalunga, pois para Claval (1995), as distintas formas de interação do sujeito com o natural configuram uma cultura a partir do modo de enraizar-se no território (TEIXEIRA, 2015).

Mesmo com estudos sobre grupos remanescentes quilombolas no Brasil e no estado de Goiás, algumas comunidades permanecem sob a invisibilidade social, ou em processo de auto definição e reconhecimento de seu território, o que se modifica a partir de dezembro de 2015 com o reconhecimento de diversas comunidades. A Comunidade Tradicional do Moinho está inserida neste contexto.

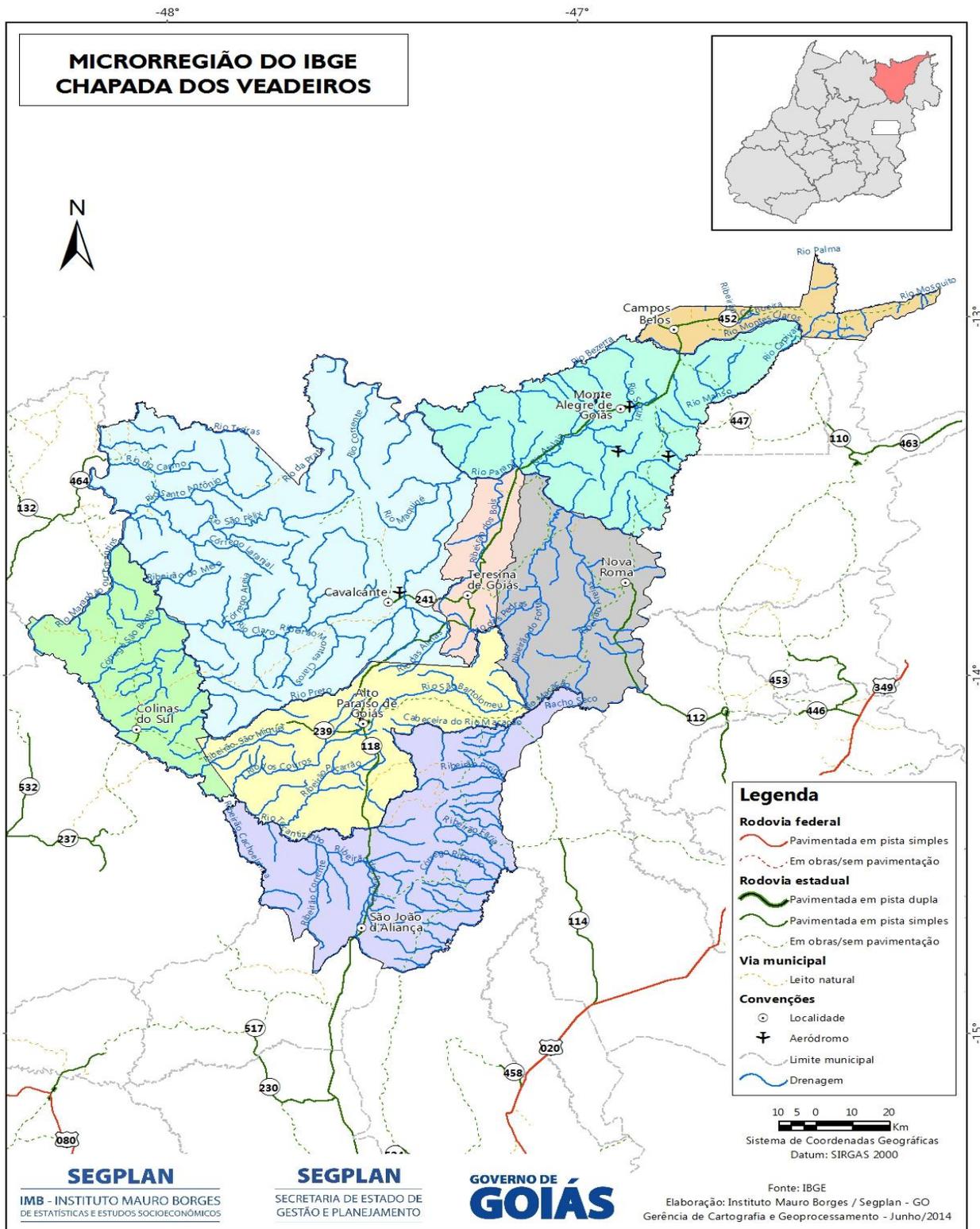
A história dos remanescentes quilombolas da região da Chapada dos Veadeiros remete a 1722. Nesse ano, Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, e João Leite da Silva Ortiz desencadearam um processo de povoamento através da colonização e implantação do processo minerador, as “Minas dos Goyazes” (BAIOCCHI, 2013). Nesse processo, a sede do ouro movia a todos, nacionais e estrangeiros, enquanto as populações autóctones como os Acroá, Xacriabá, Capepuxi, Caiapó, Xavante, Karajá, Avá Canoeiro e outras são submetidas, destruídas ou procuram outro habitat (CHAIM, 1973).

A partir do século XVIII, africanos e seus descendentes começam a abrigar se nos platôs e vales serranos às margens do Rio Paranã, afluente do Tocantins que juntamente com o Rio Araguaia vai aumentar o volumoso Amazonas. A região compreende aproximadamente as seguintes coordenadas geográficas: de 13°20` a 13°27` de latitude sul e de 47°10` a 47°20` de latitude oeste de Greenwich. Com a divisão do Estado de Goiás e a consequente criação do estado de Tocantins em 1998, alteram-se o espaço geopolítico e a localização dos “municípios” dos denominados Kalunga. Hoje eles situam-se na microrregião homogênea Chapada dos Veadeiros, ao Nordeste do Estado de Goiás. Localizada a 600km de Goiânia e a 330 km de Brasília, DF, a região limita-se com os municípios de Arraias (TO), Monte Alegre de Goiás (GO), Teresina de Goiás (GO) e Cavalcante (GO). O acesso a ela faz-se por rodovia asfaltada (GO), pela via fluvial (Rios Paranã e Almas), por estradas a cavaleira ou ainda por aeronaves, de preferência helicóptero. Hoje a região conta com algumas estradas, como a do Riachão. (BAIOCCHI, 2013, p. 36).

Diretamente ligado à formação do povo brasileiro, alguns quilombos surgiram a partir do ciclo da mineração no Brasil, como opção de mão-de-obra na geração da economia da época, sobretudo no estado de Goiás, onde a economia se baseou na extração de riquezas naturais (MAPA 3).

No Nordeste goiano, Cavalcante era o núcleo urbano, político e administrativo. A cidade foi fundada em 1741 e denominava-se como Chapada de Cavalcante, Chapada dos Veadeiros.

Mapa 3 – Microrregião da Chapada dos Veadeiros – IBGE.



Fonte: Disponível http://www.imb.go.gov.br/down/mapas/microrregioes%20-%20ibge/microrregiao_da_chapada_dos_veadeiros.jpg acesso em março de 2017.

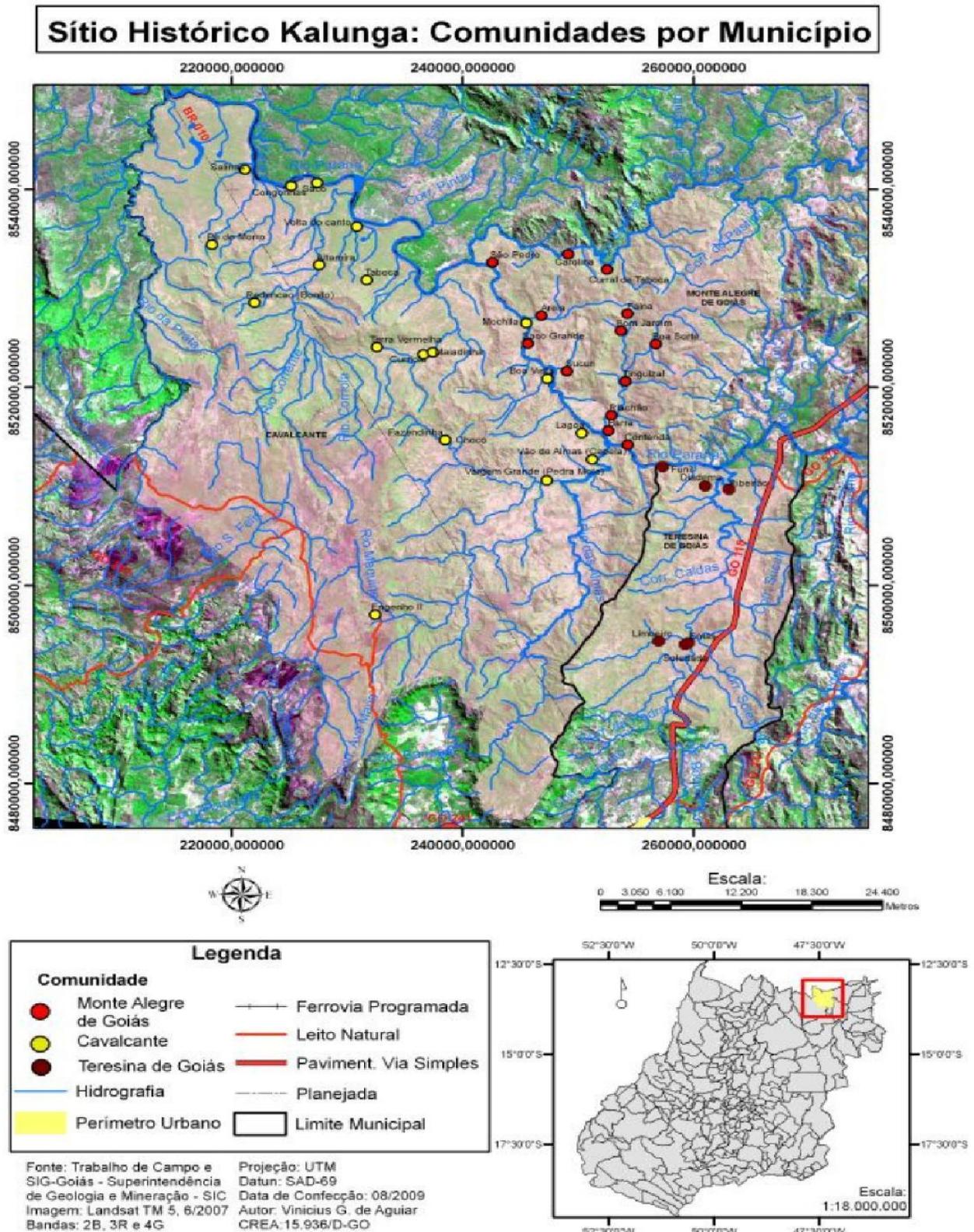
Na década de 1980, a Chapada dos veadeiros apresentava uma população aproximada de 50.592 indivíduos na zona urbana e 125.754 na zona rural. A população Kalunga nesse período oscilou entre 3.000 e 3.600 habitantes, dependendo da mobilidade especial, que acompanha a rotatividade da lavoura e o movimento de ocupação de território, o qual desaloja centenas de pessoas das terras ancestrais (BAIOCCHI, 2013).

Em uma superfície de 253.000 hectares, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é formado por cinco núcleos principais: Contenda, Kalunga, Vão das Almas, Vão do Moleque, Ribeirão dos Negros ou Ribeirão dos Bois. Esses núcleos principais, grupos (comunidades) ou municípios, subdividem-se em quase uma centena de agrupamentos com denominações locais, entre eles destacam-se:

Contenda, Barral, Riachão, sucuriú, Curral de Taboca, Saco Grande, Tinguizal, Boa Sorte, Bom Jardim, Areia, São Pedro, Faina, Olho D'água, Vão das Almas, Caiçara, Jataroba, tarumã, Saco, Mochila, Boa Vista, Lagoa, Volta do canto, Terra Vermelha, Congonha, Altamira, vargem, Ema, Taboca, Fazendinha, Maiadinha, Morro, Choco, Buriti Cumprido, Córrego Fundo, vargem grande, Borrachudo, Guarió, Limoeiro, Caldas, Sicury, Vargem Redonda, Ouro Fino, Brejão, Ribeirão, "Cauçara" ou Caiçara Soledade, Raizama, Funil, Porcos, Prata, Maquiné, capela, entre outros (BAIOCHI, 1984).

A região é peculiarmente acidentada, formada pela: Serra do Mendes, Serra do Mocambo e o Morro da Mangabeira, situam-se as margens do Rio Paranã. Há também as Serras da Boa Vista, Contenda, Bom Jardim, Bom Despacho, São Pedro, Moleque, Maquiné e Ursa (MAPA 4). O lugar é uma das rotas de entrada da região dos Kalungas, uma das mais íngremes, chegando a 800 mts de altitude em alguns pontos. A beleza da paisagem com 90% de mata nativa, completa o cenário deste habitat, palco da resistência do povo Kalunga (BAIOCCHI, 2013).

MAPA 4. Localização das comunidades dentro do Sítio Histórico Kalunga.



Fonte: artigo SÍTIO HISTÓRICO KALUNGA (GO): RELEVO E SUA RELAÇÃO COM O USO E A OCUPAÇÃO DAS TERRAS - de Vinicius Gomes de Aguiar. Disponível em https://odonto.ufg.br/up/133/o/vinicius_territorio.pdf acesso março de 2017.

As comunidades da Chapada dos Veadeiros, bem como de todo o norte do Estado de Goiás, afastadas do eixo viário que se dirige a São Paulo, ficam submetidas a um total isolamento, reforçando o processo de formação e desenvolvimento das pequenas comunidades sertanejas do território brasileiro. (ALBUQUERQUE, 1998).

O Sítio Histórico Kalunga (SHK), assim como áreas de quilombos existentes no Brasil, é representante de uma das maiores expressões de luta pela terra organizada no país que resiste ao sistema colonial-escravista, além de atuar sobre questões estruturais, nos diversos períodos histórico-culturais brasileiros, orientada e liderada por africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil (AGUIAR, 2011).

O Cerrado respondeu por décadas à sobrevivência dos sujeitos nas comunidades Kalunga, com seu modo particular de se apropriar dos recursos. A princípio, os usos se faziam necessariamente para assegurar a subsistência, mesmo que o excedente tivesse destino certo; a troca a partir da rota determinada pelo curso do Rio Paranã, este tinha a função de interligar o nordeste do Estado de Goiás à região norte do país (TEIXEIRA, 2015).

O lidar com a terra, proporciona a sistematização da cultura negra Kalunga, pois para Claval (1995), as distintas formas de interação do sujeito com o natural configuram uma cultura a partir do modo de enraizar-se no território (TEIXEIRA, 2015).

Os meandros estabelecidos pelos vales revelam singularidades do território Kalunga, especificidades culturais, sociais, religiosas, econômicas e políticas que legitimam a relação recíproca existente entre o eu Kalunga e a sua terra, representada necessariamente pelo cenário cerradoeiro (TEIXEIRA, 2015).

O povo Kalunga é uma comunidade de negros originalmente formada por descendentes de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há muito tempo atrás, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da Chapada dos Veadeiros. Toda a área que eles ocupam foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro (TEIXEIRA, 2015).

Os Kalungas não conheciam a escrita, considerada como símbolo da civilização e superioridade de um povo dentro do conceito linear de evolução. Para o repasse de sua tradição, para a preservação de sua memória histórica, de sua identidade étnica e de sua cultura, a sociedade Kalunga, em sua original visão de mundo, lança mão da tradição oral: histórias, provérbios, adivinhas, poesia e música. Sua ciência é repassada pelos mecanismos informais, como a família e os anciões, de forma a expressar os valores e pensamentos que normatizam sua vida social. (BAIOCHI, 2013 p. 43).

Através da História Oral os kalungas registram sua trajetória desde o início: os primeiros moradores, as migrações sucessivas, a posse da terra, a miscigenação com o indígena.

A identificação Kalunga, no âmbito regional e nacional, surge após a divulgação de sua existência pelo projeto Kalunga: Povo da Terra nos meios de comunicação e eventos científicos, culminando com a criação do Sítio Histórico pela Lei 11.409. Os “moradores” saem definitivamente da invisibilidade, embora, paradoxalmente, sua identificação como Kalunga se fortaleça. Em geral, eles passam a identificar se como tal: sou da Contenda, do Riachão, das Areias, do Moleque, do Ribeiro etc. (BAIOCHI, 2013 p. 46).

De reconhecida beleza cênica, a região da Chapada dos Veadeiros, apresenta as condições ideais para a agricultura extensiva e mecanizada que concorre com a necessidade de preservação de extensões de terra significativas, terras estas que abrigam mata de galeria e protegem rios e córregos, assim garantindo água e espécies nativas, plantas e frutos diversos e a vida peculiar de quem escolhe o lugar para viver, os povos do Cerrado que encontram no viver rural a continuidade de sua tradição e cultura.

Importante ressaltar aqui que a Comunidade Tradicional do Moinho não está inserida no território Kalunga devido sua aproximação com Alto Paraíso de Goiás, 12 km, acesso mais acessível e interferência social externa mais expressiva, tendo inclusive moradores não quilombolas em seu território, características que distanciam-se da realidade das comunidades inseridas no Território Kalunga.

3.2 Rural goiano e desenvolvimento territorial

No Brasil, a globalização e a modernização da agricultura trouxeram como correlatos do desenvolvimento econômico e tecnológico, a degradação e o esgotamento dos recursos naturais, bem como a concentração fundiária e de renda, conseqüentemente a exclusão e a violência no campo (DUARTE, 1998).

A partir da transferência da Capital Federal para Brasília, a região dos Cerrados recebeu um fluxo migratório de trabalhadores e investidores do agronegócio, utilizando-se da mais moderna tecnologia, com insumos químicos e mecanização o Cerrado passou a desempenhar um importante papel na dinâmica da economia rural brasileira (BURSTYN, 1998). E para isso muito contribuíram as políticas públicas de fomento, programas

especiais como o *Prodecer* e as pesquisas desenvolvidas pela Embrapa Cerrados, em Planaltina DF.

O Brasil central, denominação geográfica até recentemente mais usual do que Cerrados, foi sendo ocupado sob o estigma de eldorado, foco de migração de trabalhadores que buscavam o promissor mercado de trabalho na região. A incorporação de terras de Cerrado à agricultura, entretanto, ao contrário da pecuária extensiva tradicional, implica a utilização de práticas que provocam mudanças no meio rural (BURSTYN, 1998).

A expansão da economia dominante em direção ao Centro Oeste ocorreu como opção de desenvolvimento, de forma induzida, atraída pela oportunidade de investimento com baixo custo inicial e incentivos. O objetivo da ocupação da região era integrá-la de forma significativa, à economia nacional com vistas a favorecer o novo modelo sócio econômico e político que acabava de ascender ao poder (FARIA, 1998).

A área geográfica da Chapada dos Veadeiros corresponde a 6,3% de Goiás. De acordo com o Censo Demográfico (2016), a população total da Chapada dos Veadeiros equivale a 62.684 habitantes, sendo que 32,8% deles residiam em domicílios rurais, configurando-se na segunda maior concentração rural dentre os demais territórios induzidos em solo goiano. A região da Chapada dos Veadeiros compreende os municípios de Alto paraíso, Campos Belos, Cavalcante, Monte alegre de Goiás, Nova Roma, São João da Aliança e Teresina de Goiás.

Passando São João da Aliança, município de referência no Agronegócio goiano, ainda na GO-118, vê-se as imensas fazendas de soja, grandes propriedades rurais, extensões com criação de gado, que ao longo dos anos promovem as transformações no território, seja pelas queimadas ou por novas frações de terra desmatadas onde dantes era cerrado e hoje quase deserto (FEITOSA, 2016).

Ao avançar a GO-118, no sentido Brasília - Alto Paraíso é marcante a presença de chapadões e formações rochosas que descortinam a beleza do bioma Cerrado por meio das diversas fitofisionomias que se apresentam no caminho.

Marcando significativamente a Região da Chapada dos Veadeiros está a cidade de Alto Paraíso de Goiás, localizada a 230 km de Brasília-DF, possui 2.593,905 km de extensão territorial e, segundo o IBGE, pelo Censo (2016), em torno de 7454 habitantes.

Alto Paraíso de Goiás, localizado próximo às nascentes do rio Tocantzinho, foi fundado por volta de 1750, quando da penetração dos primeiros desbravadores nas regiões circunvizinhas de Arraias e de Paranã. Segundo estudos da Fundação Indur, na segunda metade do século XVIII, foi iniciada por Francisco de Almeida a construção de uma fazenda na qual foram agrupando lavradores para o cultivo da terra. Esses primeiros grupos foram formando um núcleo de colonização que recebeu o nome de Veadeiros, por ser um espaço, um habitat de grande quantidade de veados campeiros, cujos caçadores suscitaram a denominação (SILVA, 1998, p. 202).

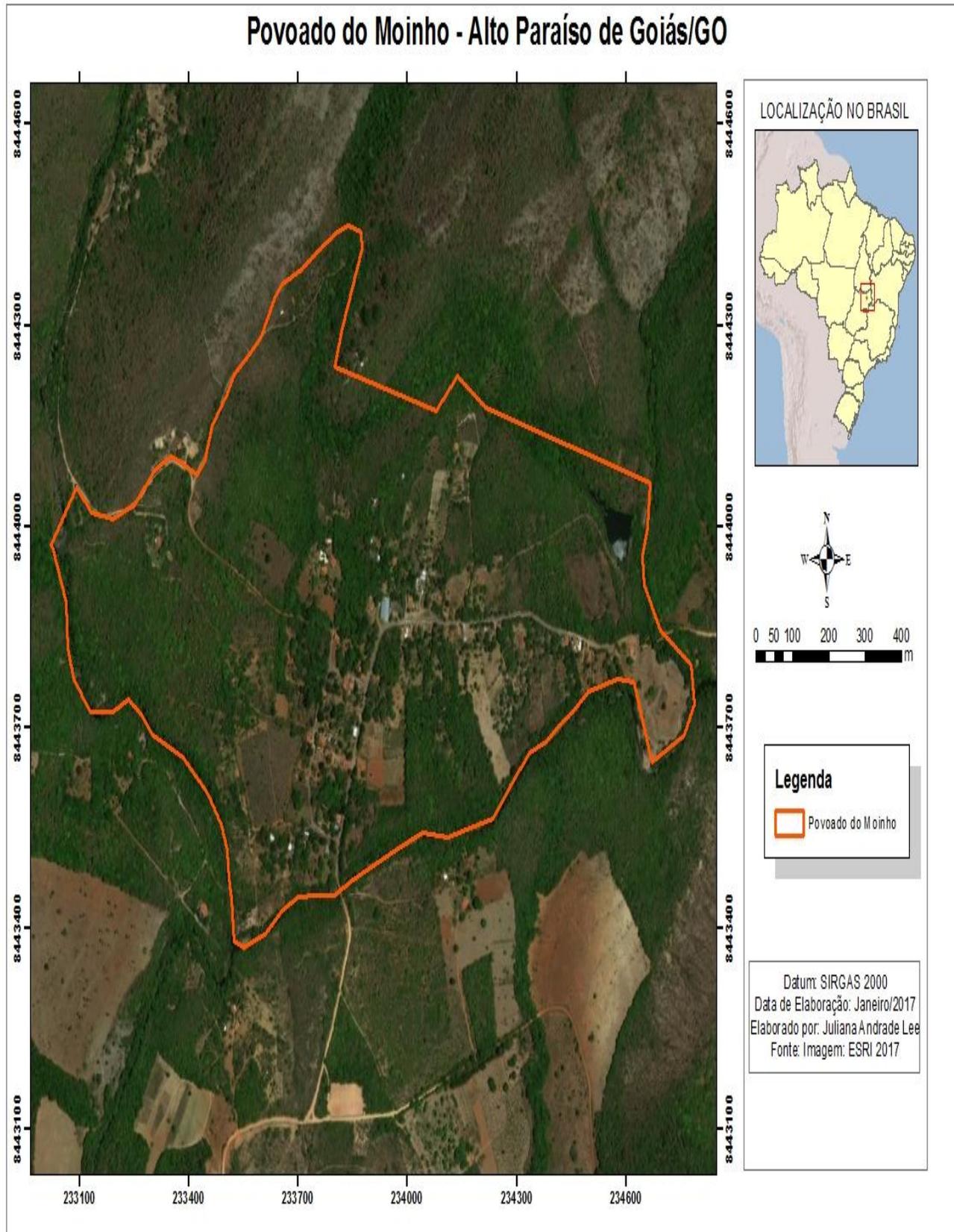
A economia da região da Chapada dos Veadeiros está baseada na agricultura e pecuária de pequena à grande escala. O turismo cresceu significativamente nos últimos 20 anos. Pousadas, chalés, *camping*, hotéis e acomodações simples coletivas como o *hostel* oferecem hospedagem a diversos valores.

A cidade de Alto Paraíso de Goiás conta com escolas públicas municipais, estaduais e particulares, se destacando a Escola Vila Verde pela proposta de Educação Holística. Alto Paraíso possui ainda um Polo da Universidade Aberta do Brasil, UAB – UnB, que oferta cursos superiores a distância de Graduação e Pós-Graduação e a UnB Cerrado, um importante centro de pesquisas do cerrado, que desenvolve cursos de extensão beneficiando em especial a juventude da região.

Nos anos 1950, assistimos a uma nova reorganização administrativa do território do Estado de Goiás, na qual numerosos municípios são constituídos, entre os quais figuram os de São João da Aliança e Veadeiros. A evolução demográfica do Município de Alto Paraíso de Goiás mostra claramente a dinâmica do desenvolvimento municipal. Até o início dos anos 1980, a distribuição espacial da população indicava a predominância da localização rural. A partir desse momento, ocorreu a inversão drástica desse quadro e, rapidamente, o município adquire uma feição urbana moderna (ALBUQUERQUE, 1988 p. 239).

As casas da avenida principal deram origem a inúmeros comércios e prestadores de serviço. Muitos chegam em busca de lugares intocados, com pouca ou nenhuma interferência humana, santuários ainda preservados, destacando-se entre eles a 12 km do centro da cidade a Comunidade Tradicional do Moinho (FIGURA 2).

FIGURA 2 – Imagem de satélite da Comunidade Tradicional do Moinho.



Fonte: elaborado por Juliana Lee (2017).

Próximo à cidade de Alto Paraíso de Goiás está o Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, que recentemente teve sua área ampliada de 65 mil para 240 mil hectares. A expansão do território do parque contribuiu significativamente para a preservação de plantas endêmicas, plantas raras, espécies da flora e fauna locais de rara beleza. A ampliação da área do parque é uma reivindicação importante para o processo de preservação do Cerrado.

3.3 COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS

Permeado por rios e córregos, a partir do rio São Bartolomeu, que nomeia o vale próximo a Comunidade Tradicional do Moinho, há o rio Preto, atrativo turístico da região, muito procurado em dias quentes e o rio Santo Antônio. Há ainda o córrego Manhã, de onde se capta a água utilizada no povoado que chega por gravidade as casas, método inteligente de distribuição do recurso hídrico, criado pelos moradores, onde desemboca no rio São Bartolomeu.

As águas do rio São Bartolomeu são relativamente limpas, devido ao contato com as águas do município de Alto Paraíso. Suas nascentes estão muito próximas à cidade e o rio recebe as águas pluviais, comumente carregadas de resíduos nas ruas da cidade. (LARANJEIRA, 2012).

FOTO 2 – Rio Preto na entrada da Comunidade Tradicional do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, entrada do Moinho, janeiro de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Logo às margens do Rio São Bartolomeu, afluente do Rio Paranã, na bacia do Rio Tocantins está o Rio Preto, afluente do Rio São Bartolomeu que alimenta a cachoeira Anjos e Arcanjos, principal atração turística da comunidade do Moinho. O Povoado do Moinho se apresenta ao fim da estrada de terra que descortina um vale com serras e chapadões de rara beleza cênica. (LIMA, 2001).

FOTO 3 - Reservatório de água da Comunidade Tradicional do Moinho



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, reservatório de água da Comunidade, janeiro de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Joaquim Rodrigues, popularmente conhecido como “Capitão Mor” era proprietário da fazenda Bom Sucesso, com sede onde hoje se localiza a Fazenda Campo do Meio, a dois quilômetros do povoado. Quando aqui chegou, apaixonou se por uma jovem e com ela teve mais uma filha. A fim de oferecer conforto e bem-estar a criança, desmembrou meia légua de terra de sua propriedade, escriturou e deu de presente a sua amada (LARANJEIRAS, 2012).

O vale do rio São Bartolomeu é um acidente geográfico e ambiental extremamente importante regionalmente. Constitui a maior bacia hidrográfica que nasce na Chapada dos Veadeiros e verte no sentido leste em direção ao rio Paranã. Com cerca de 30km de extensão, e cobrindo um desnível de cerca de 1000m, é a passagem de menor declividade entre as terras altas da Chapada e o Vão do Paranã. Dessa forma, é um corredor natural da biodiversidade entre os ecossistemas quentes do Vale amazônico do Paranã e os ecossistemas temperados da Chapada. Essas características transformaram o vale em caminho natural para a entrada que liga os povoados do Vão aos da Chapada (ALBUQUERQUE, 1998, p. 234).

Logo às margens do Rio São Bartolomeu, afluente do Rio Paranã, na bacia do Rio Tocantins está o Rio Preto, afluente do Rio São Bartolomeu que alimenta a cachoeira Anjos e Arcanjos, principal atração turística da comunidade do Moinho. O Povoado do

Moinho se apresenta ao fim da estrada de terra que descortina um vale com serras e chapadões de rara beleza cênica. (LIMA, 2001).

Joaquim Rodrigues, popularmente conhecido como “Capitão Mor” era proprietário da fazenda Bom Sucesso, com sede onde hoje se localiza a Fazenda Campo do Meio, a dois quilômetros do povoado. Quando aqui chegou, apaixonou se por uma jovem e com ela teve mais uma filha. A fim de oferecer conforto e bem-estar a criança, desmembrou meia légua de terra de sua propriedade, escriturou e deu de presente a sua amada (LARANJEIRAS, 2012).

Segundo Albuquerque (1998) o ambiente húmido e abrigado do vale, a abundância de cursos de água de sua micro bacia e, sobretudo, os solos férteis de seus platôs compunham o cenário ideal para a instalação de fazendas policulturais. Duas fazendas, cujas origens remontam ao período colonial, são referências históricas na sua ocupação: Bonsucesso e Moinho. O Moinho tornou se uma pequena comunidade e foi o núcleo urbano do vale até o século XX.

Segundo (ATTUCH, 2006) o relato de uma moradora da Comunidade Tradicional do Moinho, que ali chegou na década de 80, e reproduz a história contada pelos antigos moradores coincide com o conteúdo histórico dos textos da região que indicavam que, no século XIX, ali teriam existido duas grandes fazendas, dedicadas prioritariamente ao cultivo de trigo, quais sejam: Bonsucesso e Moinho. Os donos teriam doado lotes a seus escravos mais próximos e as famílias desses escravos passaram a residir ali desde então

O historiador Luiz Lima, um profundo conhecedor da geografia e história da Chapada dos Veadeiros descreve com riqueza de detalhes o lugar:

Na grande curva que costeia a serra, descortina se, a norte, o grande e profundo Vale do Moinho, com vila minúscula e escondida no arvoredo de quintais frondosos. Lá em baixo, já na cota mil, os sítios com singelas casinhas de adobe, evocam sutis encantamentos. Nesta panela feérica e temperada, o rio São Bartolomeu, pra lá e pra cá, vai intercruzando as pontes do caminho, banhando como Nilo benfazejo, as terras que outrora vicejou pepitas de ouro, e depois dourados trigais. (LIMA, 2001, p. 43)

A vocação turística se apresentou naturalmente para o lugar, a riqueza de nascentes e chapadas, com as diferentes fitofisionomias do Cerrado, variedade de plantas e animais, aves de diversas espécies, lugares ainda de natureza quase intocada. A chegada a Comunidade Tradicional do Moinho é permeada pela beleza de um lugar bem cuidado, as ruas asfaltadas, casas simples de alvenaria e quintais com galinhas criadas

soltas. Há uma simplicidade bucólica misto da profundidade do vale e da ocupação humana no lugar.

Sobre a Comunidade Tradicional do Moinho detalha Lima (2001):

As avenidas Ary Ribeiro e João Bernardes, convergem paralelas ao caminho do Passa Tempo - São Bartolomeu, na direção do Bom Sucesso e do Moinho. No novo vale que vai se formando na cota mil, os sítios e seus nomes lembram a magia sutil: Órfãos, Urubu, Guarda-Mor, Oco, Campo do Meio, Flor de Ouro, Maiana e outros. O pé de Serra em falésias monumentais projeta na zona meridional do vale os paredões da serra Geral do Paranã, soergimento exemplar do Planalto Central Brasileiro. Nestes sítios, povoados de quintais, o cerco das serras, tal como muralha, contornando os flancos da Vila, oferece como única visão de saída, a mesma que Arysinho aponta e que o Rio São Bartolomeu busca: o grande sertão do Vão do Paranã, a leste (LIMA, 2001, p. 43):

Os pequenos sítios estão na entrada da Comunidade Tradicional do Moinho, gado, verduras e legumes, pequenas criações são a vocação destas propriedades, A Fazenda Campo do Meio se dedica ao plantio da mandioca e preparação da farinha, alimento base da população da região. Doces, compotas e geleias também são produzidas pelos sítiantes, a princípio para consumo local, porém com potencial para produção em escalas maiores, sendo muito procurados pelos turistas.

FOTO 4 – Entrada da Fazenda Campo do Meio – entrada da Comunidade Tradicional do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, entrada do Moinho – Fazenda Campo do Meio, janeiro de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

O termo Moinho, dado a povoação, relaciona-se a um outro elemento importante da ocupação regional: o trigo. Esse cereal acompanha os povos mediterrâneos por onde possa medrar. O clima temperado, devido á altitude e a sazonalidade das chuvas, próprio da região permitiu que se desenvolvesse um cultivo importante de trigo na Chapada dos Veadeiros. O caminho de entrada do trigo aponta um aspecto da composição social da região, a predominância de nordestinos, principalmente baianos que se instalaram na região, sobretudo em Alto Paraíso e Cavalcante. A Chapada está localizada na mesma latitude da Bahia.

A fazenda onde hoje está demarcado a Comunidade Tradicional do Moinho abrigava um moinho de engenho de trigo que deu nome ao lugar. A mais de 200 anos se fazia a moagem do trigo Veadeiros⁵, o que o tornou adaptado e produtivo na região. Há hoje uma proposta em que a semente do trigo Veadeiros está sendo novamente produzida na região, trazendo novas possibilidades de renda às famílias residentes com o apoio da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, através do Banco de Germoplasma Vegetal.

Na Comunidade Tradicional do Moinho as residências são organizadas por famílias, nativos e chegantes; têm sua economia diretamente ligada aos alimentos produzidos localmente e às belezas do lugar. É por meio do ecoturismo e da comercialização de produtos como artesanato, verduras orgânicas e preparados como xaropes e garrafadas que o dinheiro se movimenta no território. Produtos orgânicos e artesanais podem ser adquiridos na feira local, nos comércios da região e na própria comunidade.

Nas relações comerciais familiares os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho ainda estabelecem o sistema de trocas, ajuda com partilha na produção e da “meia”, forma como é chamado o acordo de dividir a produção entre quem produziu, independentemente de quem financiou a produção, os assim chamados “meeiros”. Tanto para suas próprias terras quanto no trabalho em fazendas próximas, a lógica comercial local é estabelecida de acordo com o que se pode pagar.

Attuch (2006), definiu três grupos sociais que vivem na Comunidade Tradicional do Moinho:

Aqueles considerados “de dentro” da comunidade são pessoas que lá residem há muitos anos. Elas podem ser descendentes consanguíneos das antigas famílias proprietárias de fazendas onde se cultivou trigo nas redondezas, durante a primeira metade do século XX, tal qual a família Bernardes. Podem ser parentes dos Kalungas – e isso não é explicitado espontaneamente -, tal qual a família Moura, e podem ainda ser membros vindos de outras cidades do interior de Goiás ou de outros estados, como a Bahia, os quais se casaram com alguém que já residia na região, tornando se parte do grupo. É importante notar que os três grupos que distingo são tipificações criadas. Eles não se encontram de modo puro, mas famílias com os quais trabalhei, sendo muito comum o matrimônio entre as três categorias (ATTUCH, 2006, p.37).

⁵ Variedade altamente produtiva na região, havia desaparecido e foi resgatada graças às ações de conservação de recursos genéticos da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, em Brasília, que possui um banco de germoplasma vegetal.

A Comunidade Tradicional do Moinho alterou-se muito nos últimos anos. As construções rústicas de “pau a pique”⁶, características de habitações rurais, deu lugar às casas de alvenaria em conjunto com o adobe. Integrado à casa está o quintal, com diversidade de frutas e animais domésticos. As galinhas são criadas soltas, e o cultivo de flores predomina nas habitações. Cada família busca uma estratégia de produção ou prestação de serviço para aumentar a renda familiar. Alguns moradores dedicam-se à construção civil, auxiliando na reforma e ampliação das casas dos vizinhos e familiares; outros, optaram por oferecer serviços aos turistas.

“A gente não dava valor a terra, sabe o adobe, meu pai fez fogão de adobe, mas era sem jeito. A gente foi aprendendo que o adobe pode ficar bonito, tem a forma de madeira, as primeiras casas fazia a parede, hoje a gente faz o tijolo de adobe, ai a parede fica uma beleza, e pinta, antes a gente não pintava o adobe. No Moinho as casas são de adobe, a gente também aprendeu a valorizar o que a terra é. Não que a gente não valorizava, mas hoje a gente vê que tudo isso tem muito valor” **BURITI**.

A modificação na configuração das moradias tradicionais construídas com materiais coletados no cerrado, de taipa, madeira, com piso de terra batida e pouca ventilação pela alvenaria e esquadrias de ferro reflete o desenvolvimento local que pretende atender o turismo. No povoado ainda há algumas construções de adobe, de terra crua, uma das matérias-primas mais antigas do mundo e hoje muito valorizada pela sustentabilidade e conforto térmico que proporciona. A técnica de adobe nas residências remete às origens da região, a rusticidade característica da vida no campo e a memória ancestral dos moradores.

3.3.1 Agricultura Tradicional na Comunidade do Moinho

A localização geográfica da Comunidade Tradicional do Moinho possibilita as belezas naturais e o alto poder produtivo do solo da região. Situado em um vale, semelhante a um útero, o clima da região é classificado como tropical de altitude, o qual possui peculiaridades: as noites costumam ter baixas temperaturas o ano todo, o que

⁶ Pau a pique, também chamado de taipa de mão, é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si por cipós.

favorece a germinação de determinadas sementes, e traz peculiar beleza às flores. A variedade de flores, ervas e frutos do Cerrado é determinante para quem vive no Cerrado.

“Aqui tem pequi, tem tingui, tem fruta do Cerrado, tem cagaita, tem buriti, tem muita coisa boa, tem copaíba que é um remédio, agora tem que saber usar, vem muita gente para aprender sobre as plantas do mato no Moinho, então estas coisas tem valor! Mas qual o valor que nós damos para a terra?” **BURITI.**

A qualidade do solo e a geografia do lugar permitem o cultivo o ano todo. A agricultura familiar é a base da economia da região. Especialmente no Povoado do Moinho a agricultura de baixo impacto ao meio ambiente é difundida há muitos anos. A preocupação com a qualidade da água e com a produção de alimentos de forma sustentável é modelo para outras comunidades, a exemplo da produção de sementes crioulas.

Tabela 1 - Produtores de sementes crioulas e mudas.

Nome do morador	Semente produzida pela família
Morador 1	Mexerica, abóbora, quiabo, feijão de corda, batata baroa, jiló, algodão, mandioca, banana, cana, chuchu, cereja, acerola, pimenta, lima, abacate, caju, maracujá, fava, tomate, café e romã.
Morador 2	Alface, couve, feijão,
Morador 3	Rúcula, alface, nabo, cebolinha, alho, quiabo e jiló.
Morador 4	Cenoura, alface, couve e repolho
Morador 5	Mostarda
Morador 6	Alface, erva doce, rúcula, couve, brócolis, coentro, quiabo, abóbora, mamão, jiló, chuchu e pepino.

Fonte: adaptado de Laranjeira (2012, p. 21).

As sementes crioulas produzidas no Povoado do Moinho se tornaram uma alternativa de renda e trabalho na comunidade. Estas sementes não receberam alteração seja pela biotecnologia ou por processos de melhoramento genético. Apesar do grande avanço da agricultura moderna o cultivo de sementes crioulas é mais difundido nas comunidades tradicionais, fruto da agricultura tradicional quilombola que mantém um banco de sementes próprio.

Foto 5: Banco de sementes.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, banco de sementes, junho de 2016.
Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

A Comunidade Tradicional do Moinho é a maior produtora de rapadura, açúcar mascavo e melado do município de Alto Paraíso de Goiás. O grande valor da produção está no cultivo da cana de açúcar sem uso de agrotóxico e no preparo artesanal, que acontece em casa e com a utilização de materiais rústicos, receita centenária que perpassa as gerações, ofício de homens e mulheres.

*“Este ano a gente não tem rapadura porque não tem cana para Moer eu acho que rapadura só vai ter no ano que vem se melhorar chuva esse ano foi muito fraco de cano No tempo dos meus pais a gente tinha cana duas vezes por ano dava trabalho cortar toda a cana o inverno era mais tempo e quando terminar ver aquela belezura” **MURICI.***

Segundo Bevillaqua *et al.* (2014), os agricultores familiares e suas associações são responsáveis pela manutenção de um patrimônio importantíssimo para a humanidade, que é a conservação das sementes crioulas e tradicionais de várias espécies, apesar do grande avanço da agricultura moderna. É grande a procura por sementes tradicionais, especialmente pelos produtores da região, essencialmente integrante da agricultura familiar, a troca de sementes faz parte da tradição dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho.

A produção e comercialização de sementes crioulas, começou com a troca entre membros da própria família, criando um banco de sementes e procurando a cada ano novas culturas. Cada indivíduo oferece suas sementes para iniciar uma “roça” e oferece as melhores sementes que possui.

O princípio de priorizar boas sementes aos vizinhos segundo **BURITI**, se estabelece através da necessidade de valorizar a polinização: *“O vento leva a semente, o vento leva pra cá e pra lá. A semente boa precisa estar em todo lado porque a gente não sabe qual vai vingar, a vida é como a semente, o vento leva tudo e bom que você faz, e o que faz de ruim também, você não sabe o que vai vingar”*.

A produção e a utilização de sementes crioulas visa exatamente ao resgate e ao aumento na utilização da biodiversidade local frente ao processo da agricultura moderna, por meio da riqueza da seleção natural. A conservação das sementes crioulas faz parte do processo de soberania dos povos como estratégia de segurança alimentar, a conscientização ambiental está presente nos relatos dos moradores, como **BURITI**:

Feijão não deu este ano (2016), cana também não deu muito. Não fizemos rapadura nem açúcar mascavo porque não tinha cana. Milho deu um pouco, mas não o suficiente para fazer pamonha para vender na feira. O que deu ficou aqui mesmo. Sabe, as chuvas estão diminuindo. Antes chovia de novembro até março, a gente cansava de ver chuva, quando acabava era uma belezura, tinha muita fruta e coisa pra colher aqui no Moinho.

A tradição e a cultura na Comunidade Tradicional do Moinho também se refletem nas festas e celebrações da região. A Feira de Sementes e mudas da Chapada dos Veadeiros, criada em 2011, permite a troca de sementes do Cerrado para a recomposição de áreas de preservação permanente, para o sustento da agricultura familiar através do cultivo de sementes tradicionais e manutenção da tradição ancestral de guarda deste patrimônio biológico.

Para os quilombolas da região, a feira da oportunidade da troca de experiências entre diferentes comunidades valoriza a dos saberes e fazeres tradicionais e conscientização do valor do patrimônio genético produzido pelas famílias agricultoras. A ampliação das sementes produzidas no Povoado do Moinho se dá também pela troca nas feiras anualmente. A rica biodiversidade do Cerrado oferece raízes, cascas, resinas, óleos, folhas, argilas, água, e outros diversos recursos naturais que são primorosamente manejados por suas populações para a prática da medicina popular (DIAS; LAUREANO, 2009).

A variabilidade do solo da Comunidade Tradicional do Moinho permite a implantação da agricultura e criação de gado vacum nas pastagens naturais, principalmente às margens dos rios Pretinho e São Bartolomeu. A riqueza hídrica da região é historicamente relatada pela quantidade de rios e córregos, a beleza cênica das paisagens entre vãos e vales, topografia significativa.

O sistema agrícola quilombola se caracteriza pelo cultivo de alimentos em ambiente florestal. O que determina onde se planta determinado cultivo é o etnoconhecimento repassado de geração para geração. O quilombola conhece onde determinado cultivo deve ser plantado, a época da lua correta para lançar a semente e os sistemas de preparo da terra como o corte da vegetação, a manutenção da camada inicial da terra que conservam nutrientes e a queimada que nutre os solos por meio das suas cinzas preservando o banco de sementes que irá regenerar a área no futuro.

“Se tem chuva, a roça dá! Mas a gente planta e logo agora (julho) agosto, a gente vê se a roça vai pra frente ou não. O que tinha que chover, já choveu. Nesta época de seca a gente sabe o porque da fruta aqui dá o ano todo, cada tempo uma fruta, certinho. Agora é jaca, mole, jaca dura tem muito. A roça acompanha isso, tem ano que dá feijão, outro ano só dá milho. Antes tudo dava, e dava muito. Hoje a gente planta porque confia em Deus, e tudo dá porque Ele quer!” BURITI.

A agricultura quilombola sempre preserva uma parte da produção para a fauna local. O sistema agrícola quilombola é itinerante e o solo assim será regenerado, preservando o território. A organização coletiva do trabalho, seja familiar ou coletiva, por meio dos mutirões é um aspecto importante da agricultura quilombola. No mutirão, a alimentação é fornecida e o trabalho é comemorado com festas, músicas e danças tradicionais, onde quitutes locais são servidos, como doces e biscoitos assados em forno de adobe.

FOTO 6 - Forno de adobe de MURICI.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, entrada do Moinho, janeiro de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

3.3.2 Processo de Certificação, Resistência e Permanência no Território Quilombola.

A organização social da Comunidade Tradicional do Moinho é composta pela liderança compartilhada composta pela contribuição intuitiva de Dona Flor, do jovem Noabio, presidente atual da associação E ARTICUM líder religiosa do lugar e da Dra. Andrea, médica que atende voluntariamente os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho e desenvolve oficinas de confecção de bonecas de pano na comunidade. Ela

cultiva ervas aromáticas com o objetivo de fornecer mais uma opção de trabalho e renda. As bonecas confeccionadas no Moinho remetem a tradição quilombola, a reafirmação de suas identidades e ao processo de autoconhecimento.

FOTO 7 – Bonecas confeccionadas pelas mulheres da Comunidade Tradicional do Moinho, através do projeto da Dr^a Andrea Alvarenga.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, bonecas de pano, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

A criação da Associação⁷ foi necessária para o processo de certificação das terras, é um movimento político e conta geralmente com esforços de entidades governamentais e não governamentais na reafirmação da identidade quilombola, na coleta dos registros de memória da comunidade e no trabalho de conscientização do grupo (ANEXO 8).

⁷ O primeiro passo para a certificação de terra quilombola é a organização social de uma Associação de Moradores. No bio que é nascido no Moinho

A Associação comemorou a certificação através da implementação de ações de geração de renda e trabalho na comunidade. A preocupação com a juventude do Moinho se apresenta como algo significativo para a liderança que busca sempre parcerias a fim de desenvolver o potencial dos jovens quilombolas, reafirmando sua identidade e cultura, em um processo de resistência e luta.

Para a certificação é essencial que a própria comunidade se auto reconheça como “remanescente de quilombo”. O amparo legal é dado pela Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho, cujas determinações foram incorporadas à legislação brasileira pelo Decreto Legislativo nº 143/2002 e Decreto nº 5.051/2004 (ver no anexo XX cópia do documento de auto declaração dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho).

FOTO 8 – Sede da Associação Quilombola Povoado do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, fachada da Associação Quilombola Povoado do Moinho, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

A partir da criação da associação, são coletados os relatos dos moradores mais antigos, fotos, filmagens e outras fontes que esclareçam a formação da comunidade e a chegada dos primeiros moradores. Todas estas informações são anexadas ao processo. Contato e assinatura dos moradores que se auto declaram remanescente quilombola também são parte do processo. Cabe à Fundação Cultural Palmares emitir uma certidão sobre essa auto- definição. O processo para essa certificação é regido por norma específica desse órgão (Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 98, de 26/11/2007).

O INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária é o órgão responsável por estabelecer os procedimentos para identificação, delimitação, demarcação, desintração, titulação e registro de terras tradicionalmente ocupadas, certificadas pela Fundação Palmares como terra quilombola, observando a legislação que norteia todo o processo:

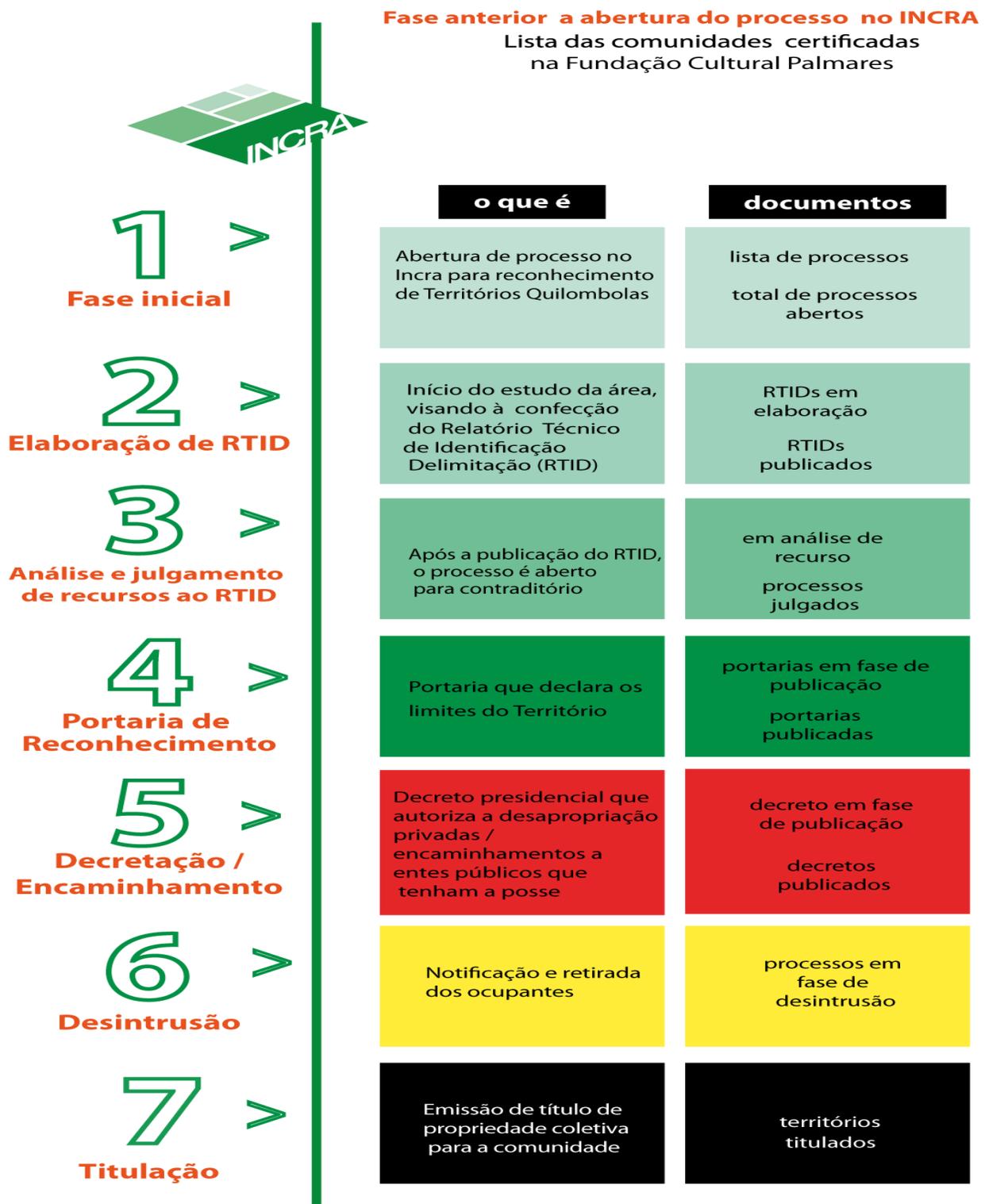
Tabela 2 – Legislação territorial de comunidades tradicionais.

INCRA/ Instrução normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009	Regulamenta o procedimento para identificação, delimitação, demarcação, desintração, titulação e registro de terras tradicionalmente ocupadas, certificadas
Decreto 4887/2003	Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.
Norma de Execução Conjunta INCRA DF/DT/nº03/2010	Estabelece procedimentos administrativos e técnicos para a edição de decreto declaratório de interesse social das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos e para a desintração de ocupantes não quilombolas inseridos nos perímetros objeto do decreto, visando a regularização de territórios quilombolas.
Constituição Federal de 1988 – Artigos 68, 215 e 216	É conferida às comunidades quilombolas propriedade definitiva, direito à manifestação cultural e tombamento de documentos e resquícios da cultura e memória quilombola, patrimônio imaterial e material.

Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa. Mestrado em Geografia, Brasília, 2016.

FIGURA 3 – Etapas da regularização quilombola.

Etapas da **REGULARIZAÇÃO QUILOMBOLA**



Quadro Geral da Política de Regularização Quilombola

Fonte: site do INCRA disponível em < <http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>> acesso em junho de 2017.

3.3.3 Religiosidade: o espaço sagrado

O espaço sagrado faz parte das diversas comemorações coletivas da religiosidade e representa o lugar destinado à prática dos rituais. Distribui-se por todos os núcleos de moradias e municípios. Para os rituais maiores, os espaços são fixos e, para os menores, os espaços são móveis (BAIOCHI, 2013).

FOTO 9 – Igreja Católica - Capela do Menino Jesus



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, Igreja Católica da Comunidade, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

As festas no quilombo são precedidas das folias⁸, e acontecem o ano todo, celebram os santos, as colheitas, o lugar e a vida cotidiana. O sagrado e o profano representam práticas de toda a comunidade e concorrem para o fortalecimento das relações sociais (BAIOCHI, 2013).

⁸ A folia antecede as festas e romarias com a finalidade de divulgar a festa e arrecadar doações. São grupos de até 15 pessoas que visitam as casas anunciando a festa que se aproxima.

Remanescentes quilombolas como os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho ocupam e usam, de forma permanente ou temporária, territórios tradicionais e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Para isso são utilizados conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição, entre estas a religiosidade.

Comunidades quilombolas de matriz africana criaram uma interdependência e simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir do qual se constrói seus modos de vida e cultura. A religiosidade dos quilombolas está ligada ao plantio e a colheita, ao sincretismo religioso que envolve o Catolicismo e religiões como o Candomblé e Umbanda.

Nos últimos vinte anos somaram-se os adeptos das religiões protestantes, em especial da Assembleia de Deus, denominação que mais cresce anualmente em número de membros no Brasil. Na Comunidade Tradicional do Moinho se destaca a Igreja CEPRODEUS, criada pelo Bispo Mariano de Almeida Falcão⁹ e liderada por ARTICUM, reconhecida como pastora, líder comunitária, artesã e conselheira.

FOTO 10 – Igreja Protestante da Comunidade Tradicional do Moinho.



**Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, igreja local, dezembro de 2015.
Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.**

⁹ O Bispo Mariano de Almeida, ex-policial, é nativo do Povoado do Moinho e exerce a liderança da denominação em Alto Paraíso, sede da Igreja.

ARTICUM, pastora e líder comunitária, hoje dirige os cultos e trabalha com artesanato com as mulheres da Comunidade Tradicional do Moinho. Ela relata que a vida no Moinho melhorou muito nos últimos anos, as casas, os cultivos e a economia da comunidade hoje oferecem mais recursos para a permanência das pessoas, antes o trabalho na cidade, seja em Brasília ou Goiânia era a opção dos mais jovens.

A diversidade religiosa se consolidou naturalmente. Embora o maior número de seguidores seja de religiões protestantes as reuniões com os adeptos das religiões alternativas atraem turistas e seguidores nos eventos que realizam, potencializando o comércio local seja através da hospedagem, alimentação, serviços de guia ou na venda de produtos do Moinho, rapadura, tapetes, cestos, bonecas, panos de prato, tecidos feitos no tear, geleias, pães, roscas e biscoitos levam a marca do Moinho (figura 06).

FIGURA 4 – Logomarca dos produtos da Comunidade Tradicional do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, logomarca utilizada na comercialização dos produtos da comunidade, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Para os frequentadores da Comunidade Tradicional do Moinho o lugar é mágico e sagrado. O espaço sagrado faz parte das diversas comemorações coletivas da religiosidade e representa o lugar destinado à prática dos rituais. Distribui-se por todos os núcleos de moradias e municípios. Para os rituais maiores, os espaços são fixos e, para os menores, os espaços são móveis (BAIOCCHI, 2013).

Nas comunidades tradicionais as festas e romarias representam um momento significativo para a vida comunitária. Durante a pesquisa de campo no início de 2016 logo após a certificação da Comunidade Tradicional do Moinho pela Fundação Palmares as comemorações pela certificação e garantia do território foram marcadas por missas, cultos e celebrações ecumênicas, demonstrando uma religiosidade singular praticada no lugar.

*Quando tem festa o Edson que é da igreja católica nos ajuda muito, a gente do mesmo jeito quando tem festa lá a gente também ajuda todo mundo. Todo mundo junto a gente se ajuda, a gente não quer que a Igreja Católica acabe porque a gente casou aí, batizou filhos aí, a nossa história tá aí eu queria muito que tivesse um projeto para ter mais coisas nessa igreja mas isso não foi para frente, **MURICI**.*

Considerar a questão da territorialidade quilombola é essencial no estudo de suas manifestações culturais e religiosas, visto que é no espaço vivido que essas manifestações se dão, e no território que se definem as identidades com suas idiosincrasias (HAESBAERT, 1999). O território não significa necessariamente propriedade ou posse, mas se traduz por um sentido de pertença, que estabelece relações de poder e defesa de uma cultura adquirida ou em construção.

Em conversas com os moradores no período da pesquisa de campo foi possível constatar que sua identidade se estabelece nas relações de pertencimento estabelecidas em virtude de ser o lugar de nascimento, o lugar de batismo, o lugar onde os sacramentos foram recebidos e onde os filhos estão sendo criados e a experiência de viver no Cerrado.

*Até hoje tem dado muito certo essa medicina com as plantas da região. Na minha casa mesmo tem muita planta que é remédio, eu dou muita casca de laranja seca com café sem doce para vômito aí a pessoa melhora, meus filhos estão em Alto Paraíso eu moro aqui com um irmão meu que sofreu muito depois da morte dos meus pais e aí eu fiquei com ele, **PEQUI**.*

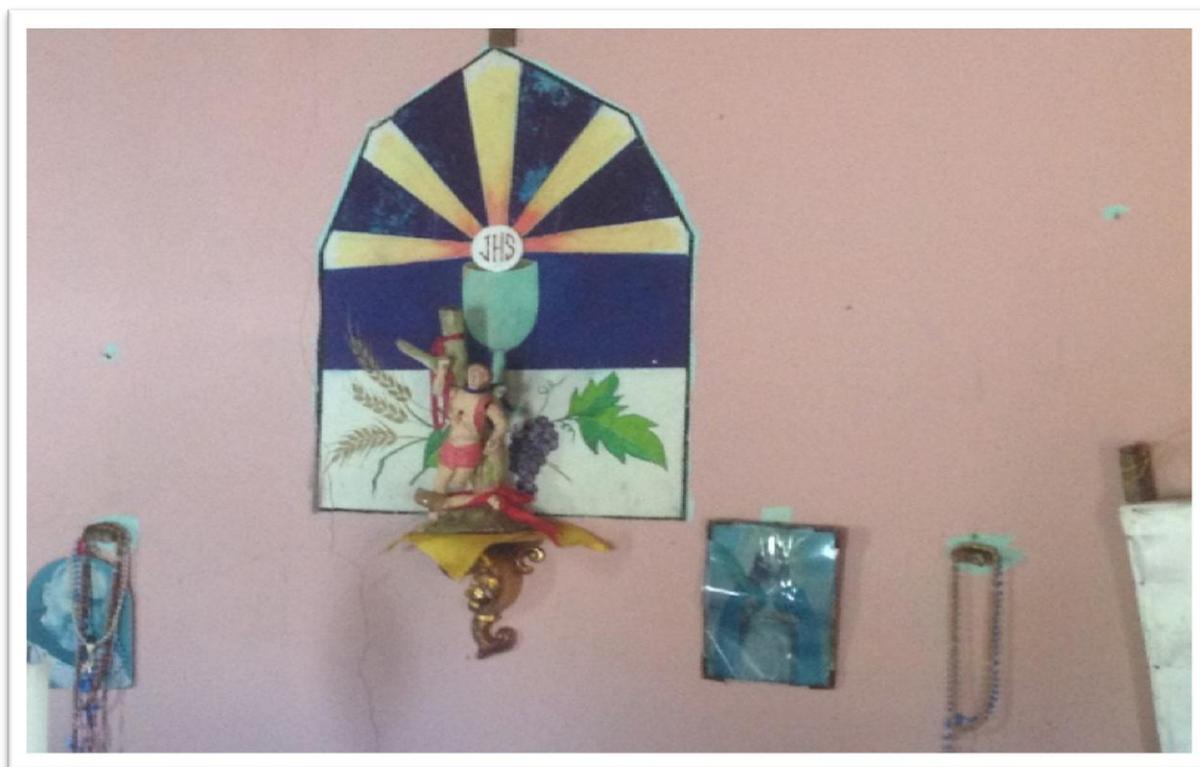
Observa-se que a identidade quilombola foi construída a partir da coletividade e do sentimento de pertencimento. A relação da comunidade com a terra e com as representações dos rituais simbólicos são transmitidos, produzindo memórias coletivas (LIMA; NAZARENO, 2012).

Segundo Lima e Nazareno (2012) os quilombolas, de uma maneira geral, se autodenominam católicos, mas por manterem certa autonomia em relação à igreja, pode ser considerado um catolicismo independente, com práticas diferentes das exercidas na liturgia da Igreja. São devotos de vários santos e possuem um calendário festivo em homenagem a eles que se realiza durante todo o ano, em diversas áreas em todo o território, contemplando as seguintes festas: São João, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora d'Abadia, Nossa Senhora do Livramento, São Sebastião, Santo Antônio, Folia de Reis, Folia do Divino Espírito Santo, São Gonçalo e Nossa Senhora de Aparecida.

As festas no território quilombolas são ponto de encontro onde às famílias se organizam para receber turistas e partilhar do convívio dos parentes que não vivem na comunidade. A principal motivação para os festejos é o encontro, onde se revela o misto do sagrado e do profano nas práticas religiosas e na expressão de fé.

Os aspectos religiosos e culturais dos povos remanescentes quilombolas se assemelham aos das religiões tradicionais africanas. A cultura africana é substancialmente impregnada de religião, ou seja, a religião não era apenas um traço característico da sociedade, mas a maneira vital dela expressar, de modo coletivo sua essência (NEVES, 2007).

FOTO 11- Imagem do Menino Jesus.



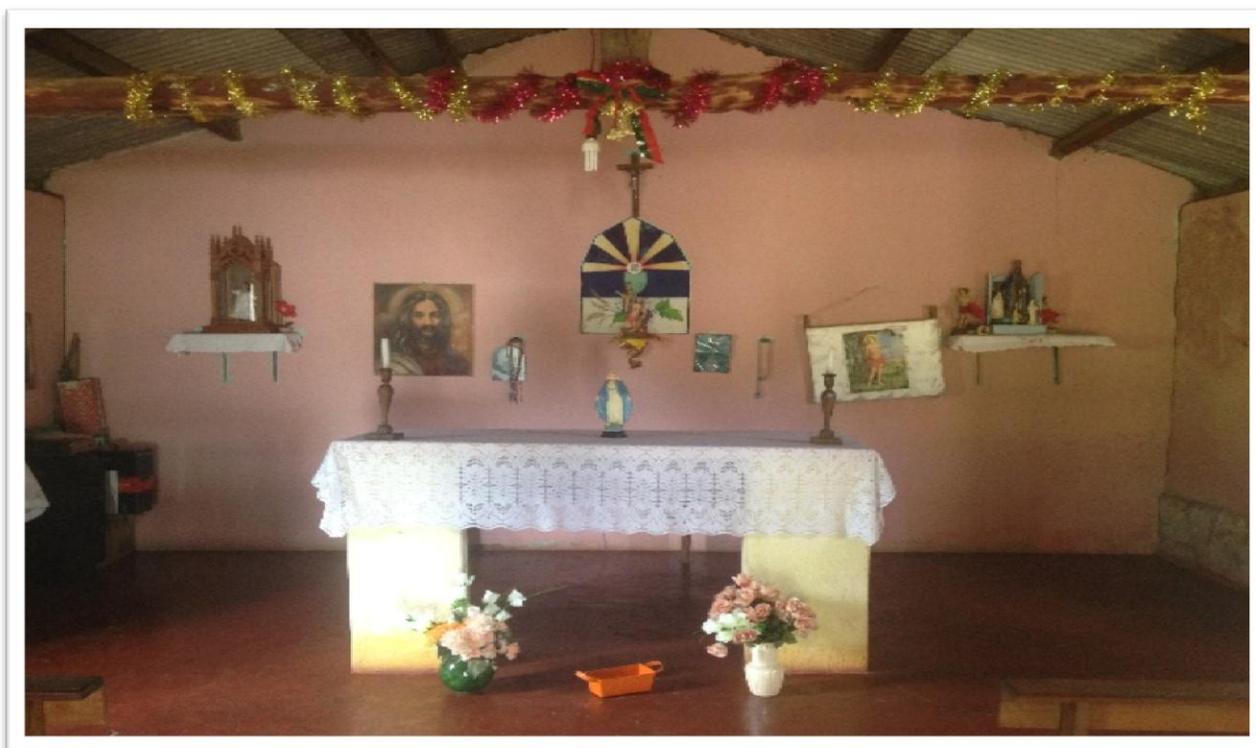
Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, parte interna da capela, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

As celebrações da Igreja Católica de forte tradição na região, se concentram em alto Paraíso com a participação da comunidade, há celebrações na igreja, dirigidas pelo Pe. Joacir Soares d'Abadia, da Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Alto Paraíso, ligada à Diocese de Formosa hoje liderada por Dom José Ronaldo Ribeiro. Há um esforço para manter as celebrações e sacramentos na Comunidade Tradicional do Moinho Povoado do Moinho, resistindo assim a expansão do protestantismo e aos adeptos das religiões espiritualistas que também integram a comunidade hoje.

Os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho partilham seu conhecimento sobre a natureza e seus ciclos, identificando os períodos de seca e chuva, ideais para plantio e colheita, refletindo sobre a elaboração e estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral e celebrado nas festas populares, festas dos Santos e dias Santos, onde a família toda se reúne e comemora a produção de frutas do Cerrado, hortaliças, ervas, e os produtos feitos a partir de matéria prima local, cada família possui uma vocação natural.

A minha família não mexe com planta e erva do Cerrado não, a gente usa o remédio do mato, que minha tia Fulô faz. A gente mexe mais com mandioca planta a cana, o feijão, o arroz eu herdei os tachos e virei a farinha da família meu pai fazia a rapadura. Eu tenho casa farinha, **PEQUI**.

FOTO 12- Interior da Capela do Menino Jesus, na Comunidade Tradicional do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Há um fluxo de visitantes, turistas e moradores da região em época de festas. As celebrações e festas católicas ocorrem em datas que foram estabelecidas pela diocese. A festa celebra a divindade e o encontro, movimentando a economia local e possibilita o encontro familiar, com a típica comida Goiana e o sabor da “roça”. Os Festejos na Comunidade Tradicional do Moinho estabelecem a relação de pertencimento, do povo com o lugar, do indivíduo com o sagrado e com sua devoção ancestral, marcada pelo sincretismo religioso que agrega tanto elementos das religiões africanas como o catolicismo romano.

Para Lima e Nazareno (2012) a semelhança com a forma de celebração dos africanos, simultaneamente à apropriação dos rituais e da fé católica de maneira tão constante e fortalecida ao longo do tempo, pode ser analisada como uma tentativa de reaproximação étnica para construir a própria identidade.

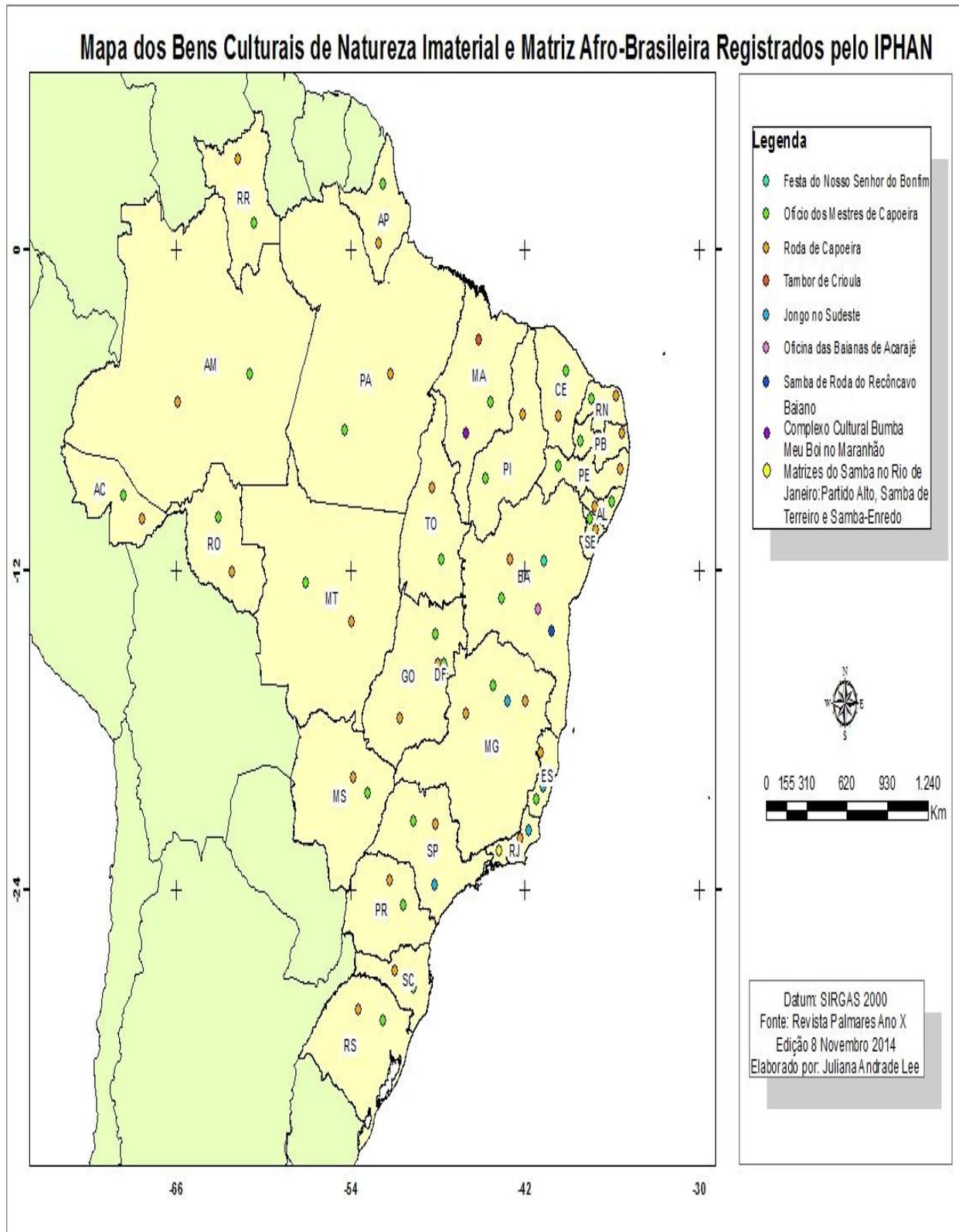
É fato que cremos muito em vida natural, vivermos simples, um pouco como os índios, que estiveram aqui primeiro, mas com uma cultura planetária e visão espiritual, cremos que Deus vive, não só nos livros, mas na própria existência, dentro de nós, dentro, e fora também... Difícil descrever esse grande espírito nem pretendemos, na verdade estamos nos descobrindo um pouco a cada dia. Valorizamos a harmonia, a solidariedade e o respeito. **BACUPARI**.

Os negros, no período da colonização, foram retirados de seu espaço, local de vivências e significados, e inseridos em outro espaço, dominado pelos colonizadores, sendo, portanto, destituídos de seu lugar de memória e realocados em outra dimensão espacial desconhecida (LIMA; NAZARENO, 2012).

As manifestações culturais, patrimônio imaterial das comunidades tradicionais está representado em todo o território nacional, movimento de reafirmação e identidade do grupo (MAPA 5)

As festas e celebrações na igreja evangélica ocorrem por meio da organização social de “mutirão”, ou seja, todos se unem em um só propósito. Semelhantemente nos outros cultos e ritos, a participação não se dá somente entre os adeptos, a comunidade compreende que todo “evento” religioso na Comunidade Tradicional do Moinho é importante para a reafirmação da identidade e cultura do quilombola, atrai turistas e “movimenta” os fins de semana.

MAPA 5 – Bens Culturais de Natureza Imaterial e Matriz Afro-Brasileira registrada pelo IPHAN



Fonte: Lee, (2016)

A convivência no mesmo espaço sagrado de diversas crenças religiosas e filosofias permite o estabelecimento da vida comunitária onde a partilha, comunhão, e a prática de “pequenos mutirões” se tornou habitual, permitindo assim que mutuamente a comunidade se ajude na construção e reforma das casas, na colheita, na coleta de frutas, no feitiço da rapadura, o atendimento ao turista o que movimenta a economia local de forma solidária, os bens culturais de uma comunidade quilombola estão nas manifestações religiosas, tradicionais e no cotidiano, esta riqueza de saberes e fazeres reflete a resistência da manutenção do conhecimento tradicional.

Tenho praticado e aprendido muito com as plantas, a medicina natural que é daqui do Moinho. Quanto conhecimento! Respeitamos todas as religiões “muitos aqui são evangélicos”. Embora não esteja ligado a nenhuma religião entendemos que há várias formas de busca espiritual, e a natureza faz parte disso, algumas pessoas vem aqui em busca do sagrado, que na verdade está dentro de nós. **BACUPARI.**

3.3.4. Educação.

A escola da Comunidade Tradicional do Moinho oferece ensino multisseriado até o 5.º ano do Ensino Fundamental. Uma única professora atende às crianças de diversas faixas de desenvolvimento e idade, Escolas multisseriadas são uma realidade no Interior do Brasil, muito comum em área rural.

Segundo Dona Flor, a Escola local foi uma grande conquista para a comunidade, semianalfabeta, ela define como importante os filhos todos terem estudado na escola local que atende agora a segunda geração de quilombolas e chegantes da Comunidade Tradicional do Moinho.

Escolas em comunidades quilombolas, indígenas ou no campo eram fechadas sem consulta prévia das famílias atendidas, demandando assim transporte público para viabilizar o ensino e acarretando inúmeros problemas aos locais, impactando na cultura e identidade de povos originários, sob o pretexto da contenção de despesas pelo município.

FOTO 13 - Escola Municipal Povoado do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, Escola Municipal, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Construída parte alvenaria, adobe e madeira, com características simples, a escola Municipal do Povoado do Moinho representa a infância de todos que lá vivem, os moradores têm seus filhos estudando em melhores condições, porém a percepção é que ainda são necessárias melhorias na qualidade do ensino, na formação dos professores e essencialmente na Educação Quilombola, que é regulamentada através da Resolução 08 de 20 de novembro de 2012, onde se define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, entende-se por escola quilombola aquela localizada em território quilombola.

A prefeitura quer por tudo fechar a escola, colocar todo mundo pra estudar em Alto Paraíso. Hoje, os maiores já estudam em alto Paraíso, o ônibus passa às 06h00 da manhã para pegar os meninos e chega meio dia e meia. Todos deveriam estudar aqui. Minha filha estuda na escola do Moinho, eu queria que ela estudasse só aqui, tinha que ter o ensino todo aqui, desde o jardim até a faculdade. Na cidade os valores vão embora muito rápido e o povo daqui quer ser igual ao povo de lá. **BURITI**

Em 2016, a escola atendia 15 crianças entre 5 e 12 anos de idade, e um adolescente autista todos moradores do Povoado do Moinho e de fazendas próximas. O

material escolar básico é fornecido pela prefeitura, a professora não recebe o piso nacional da Educação conforme determinação do governo federal embora possua formação formal.

PEQUI, também entrevistada foi professora da escola, hoje aposentada após 31 anos de regência em sala de aula na Educação básica, e, conhecendo todos os moradores do Moinho pelo nome, sejam nativos ou chegantes, ela relata que a comunidade mudou muito nos últimos 15 anos e a educação formal faz parte desta transformação.

O acesso à Educação hoje é diferente, meu genro saiu daqui do Moinho e fez faculdade de administração, trabalha hoje nos Correios, e querem fechar as escolas. Tem que reformar a daqui e trazer material tecnológico, computador e internet, a vida fora do Moinho está muito perigosa, é melhor o jovem ficar aqui! Me preocupa que as escolas do Campo estão todas sendo fechadas, ouço notícias de escola fechando o tempo todo e as crianças estudando em Alto Paraíso, isso não está certo. **PEQUI.**

A escola da Comunidade Tradicional do Moinho é vista pelos moradores como um espaço de convívio, de valorização da cultura e identidade quilombola, como descreve PEQUI:

Todo mundo aqui ou estudou ou tem os filhos estudando na escola do Moinho, as reuniões antigamente eram lá, as festas também eram lá, não houve muito investimento do governo na escola, a gente faz o que pode para manter os alunos estudando aqui, tudo sempre foi muito difícil. A escola não é só o ensino. A escola precisa ser o espaço para tudo: cultura, música, debates e estudo.

Nas entrevistas, momentos de convívio, conversas iniciais ficou evidente a unânime preocupação com a permanência da escola aberta no Moinho, isso se deve talvez ao desconhecimento da alteração na legislação ocorrida em 2014 que regulamenta e dificulta o fechamento das escolas do campo, de comunidades quilombolas ou indígenas.

FOTO 14 – Sala multiseriada.



Fonte: Associação Quilombola Povoador do Moinho, (2015).

De autoria do executivo e a partir da proposta do então Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a Lei 12.960¹⁰, de 27 de março de 2014, prevê critérios rígidos para o fechamento das atividades das escolas do campo, considerando a comunidade atendida, os conselhos de Educação e a comunidade escolar atores legítimos para discutir se há necessidade do encerramento de atividades escolares.

Outra preocupação dos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho é o posto de saúde, que possui poucos recursos, necessita de reforma e atende somente com um agente de saúde, com visitas médicas esporádicas. As atividades eram regulares quando Dona Flor atuava como agente de saúde. Com vidros das janelas quebrados e aspecto de abandono, o posto hoje recebe ações isoladas em períodos de vacinação.

¹⁰ Art. 28 da Lei 9393/96 em seu Parágrafo único, determina que o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar.

Médicos da secretaria de saúde de Alto Paraíso de Goiás ou do SUS atendem com regularidade somente no Hospital de Alto Paraíso, o que reforça a necessidade perpetuação da medicina ancestral quilombola, que em muitos casos é o único recurso.

Dona Flor possui uma grande preocupação em dar continuidade ao seu conhecimento, por isso tenta de todas as formas recrutar pessoas capazes de difundir sua sabedoria acumulada. Ela não quer que ocorra o fim da sabedoria popular, muito valorizada pelos moradores que, como ela mesmo afirma, é tão “humana e respeitosa”.

Aqui a gente cuida da saúde com chá, ervas, garrafada, mas eu primeiro converso com minha tia Dona Fulô. Eu sei muito e ela sabe mais. Quando a gente entende que a doença não vem sozinha fica mais fácil. Dor de estômago, dor de barriga, erisipela tudo eu curo com as ervas. Uso muito o tingui. O sabão de tingui cura as doenças da pele também, piolho, sarna, tanto em gente como no animal **BURITI**.

Neste sentido, algumas pessoas, que se interessaram pelo saber de Dona Flor e souberam de seu anseio, vincularam-se a ela e ajudaram-na na divulgação de seu conhecimento por meio de um método não tão “tradicional”. Trata-se de oficinas, que, hoje, são denominadas de “Vivências com Dona Flor”, as quais abordam sobre o preparo e uso de ervas medicinais e sobre os cuidados especiais durante a gestação, o parto e o nascimento. Essas oficinas foram iniciadas em 2003 e atraem pessoas de diversas formações.

CAPÍTULO 4. SABERES E FAZERES DO CERRADO: NARRATIVAS e EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO.

Neste capítulo, apresento o conhecimento tradicional, repassado de geração a geração sobre plantas ervas e seus usos praticado em diversos espaços e momentos na Comunidade Tradicional do Moinho em Alto paraíso de Goiás e as narrativas e experiências, memórias e impressões a partir de um recorte interpretativo que remete ao espaço vivido, ao cotidiano, uma Etnogeografia Quilombola.

4.1 Conhecimento Tradicional.

As comunidades tradicionais de matriz africana são representantes de um conhecimento ancestral muito importante sobre plantas, ervas e seus usos. Este conhecimento está ameaçado pela modernidade onde há a desvalorização da preservação do meio ambiente, constantemente perturbado pelas práticas agrícolas intensivas de alta tecnologia, como as que estão sendo implantadas nos cerrados. Entre as comunidades tradicionais reconhecidas segundo a Fundação Palmares, cerca de 2.697¹¹ possuem certificação de suas terras.

Para o povo quilombola o Cerrado é alimento e cura, fonte de trabalho, renda e lazer. Em comunidades tradicionais, cada indivíduo desempenha um papel importante para o grupo, sempre respeitando as lideranças, traço dos costumes repassados pela ancestralidade e pelo convívio que estabeleceram ancestralmente.

O conhecimento tradicional passado de geração a geração sobre plantas ervas seus usos, forma de produção, o cuidado com as ervas e a manipulação destes elementos transformando em xaropes e garrafadas, ou no sabão de tingui que agrega potencialidades medicinais para variados usos, são a principal riqueza de seu povo. O Cerrado e o povo do Cerrado seus saberes e fazeres tradicionais estão, sim, sob a ameaça do Agronegócio e da escassez de água.

¹¹ O Diário Oficial da União (DOU), de 30 de dezembro, publicou a Portaria nº 201, com dezessete comunidades remanescentes de quilombo, certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP-MinC), totalizando, 2.697 comunidades quilombolas certificadas. O governo federal mantém o programa Brasil Quilombola, que norteia ações relacionadas a esse público e tem o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. São eles: acesso a terra; programas de infraestrutura e qualidade de vida; inclusão produtiva e ações para o desenvolvimento local; e atividades de fomento de iniciativas de direito.

O conhecimento ancestral é, também, fruto das Histórias de Vida, da superação das dificuldades que enfrentaram durante muitos anos, e a reprodução dos mesmos desafios enfrentados por seus antepassados, a permanência segura no território e a busca por alternativas de produção e consumo que garanta a segurança alimentar e a perpetuação dos saberes e fazeres tradicionais.

Os povos tradicionais mantêm um estilo de vida modesto dentro do Cerrado. Deste bioma conseguem extrair diversos recursos para o atendimento de suas necessidades, manutenção dos seus saberes, replicação das suas crenças e o desenvolvimento econômico de suas famílias, possibilitando assim a permanência no território ancestral (FERREIRA, 2013).

Populações tradicionais mantêm uma cadeia de extração dos recursos naturais preservacionista, seu conhecimento é transmitido oralmente, intrinsecamente envolvidos com a natureza, pouca articulação econômico-política e ferramentas rudimentares com baixo impacto no meio em que vivem.

O conhecimento ancestral sobre plantas e os ciclos de produção indicam que os terrenos, mesmo os mais férteis também precisam de pausa na produção, rotação de culturas e adubos orgânicos, razão pela qual os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho, sejam os que possuem suas próprias roças ou os que trabalham “na meia” para outros, ou ainda empregados de produtores hoje compreendem que os ciclos de chuva estão alterados e há necessidade de compreender novas formas de produção de alimentos como os sistemas agrobiodiversos que não utilizam nenhum insumo externo, pois a floresta fornece os nutrientes necessários para a roça.

Dona Flor, principal expoente do conhecimento tradicional e líder intuitiva da comunidade ensina como fazer a rapadura e recomenda o alimento para doenças como anemia, para grávidas e mulheres que recentemente deram à luz, a preocupação com a alimentação da comunidade se apresenta como importante. A rapadura, o melado, o caldo da cana e o açúcar mascavo são alimentos diariamente consumidos na Comunidade Tradicional do Moinho, e as mulheres mais jovens procuram aprender o ponto da rapadura com Dona Flor.

Parte das famílias do Moinho se dedicam a produção de derivados da cana de açúcar, ao plantio, colheita e venda dos produtos na região.

É no fazer e aprender da roça que os conhecimentos tradicionais são repassados, mantendo assim os laços de ancestralidade e convívio na comunidade tradicional. O território quilombola é autossustentável quando observa o bioma onde está inserido e

suas características essenciais, tanto a agricultura quilombola que vende o excedente da produção e mantém o sistema florestal, fauna e flora como o ecoturismo são alternativas sustentáveis para o desenvolvimento das comunidades tradicionais.

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Uma importante diferença, no entanto, é que essa natureza diversa não é vista necessariamente como selvagem em sua totalidade; ela foi e é domesticada, manipulada. Uma outra diferença é que essa diversidade da vida não é vista como recurso natural, mas sim como um conjunto de seres vivos que tem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia (DIEGUES, 2000).

O conhecimento tradicional do uso, manipulação e propriedades das ervas e plantas do Cerrado, auxilia no desenvolvimento local sustentável, na manutenção das espécies nativas e na preservação dos costumes locais, banhos, chás, garrafadas e preparados fazem parte da cultura quilombola, são, portanto, patrimônio imaterial.

O cotidiano da Comunidade Tradicional do Moinho está diretamente ligado ao plantio e a colheita, a produção local atende ao consumo dos quilombolas, o que interfere no modo de vida das pessoas, nos costumes e transmissão oral do conhecimento. Toda família é envolvida nesse sistema que abastece o povoado e tem seu excedente como fonte de recurso para as famílias.

Na organização do trabalho da roça, a divisão de tarefas entre homens e mulheres aparece mais visível. Embora seja importante na maximização do rendimento e na economia de esforços, essa divisão traduz outro elemento funcional ao seu modo de vida: a integração de todos os membros da família na sua autorreprodução. Mesmo as crianças têm papel definido ao ajudar os pais em certas tarefas, participando de momentos de aprendizagem da cultura do grupo. Uma vez que a preparação da roça é estritamente atividade masculina, o trabalho familiar estende-se pelas fases do plantio, capina e colheita (CASTRO, 1998, p. 178).

O trabalho na roça de comunidades tradicionais tem como eixo a plantação da mandioca. A partir dela, o espaço é esquadrihado. Utilizando-se do conceito de quadra, identificam o espaço reservado à mandioca e às espécies: arroz, feijão, melancia, jerimum, cará, batata doce, macaxeira e outros. A preparação da roça no verão implica na seleção de sementes e de talos para o enxerto de certas espécies (CASTRO, 1998).

O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração (DIEGUES, 2000).

Na comunidade tradicional o conhecimento é repassado através da oralidade e convívio, de geração a geração e possui sempre um informante que se destaca, seja pela influência de exerce na comunidade como líder ou pelo respeito e sacralização do indivíduo.

Os manejos tradicionais das comunidades quilombolas podem contribuir na geração de novas tecnologias que ofereçam resultados eficientes, sustentáveis e apropriados para os camponeses. O conhecimento tradicional faz parte de um sistema de referências comunitárias mediante as quais a sociedade quilombola conseguiu resistir conservando por sua vez o seu entorno natural. Os padrões tradicionais de subsistência para o uso dos recursos naturais baseiam se no uso variado dos ecossistemas (LEFF, 2010).

O lugar possui características de pertencimento a partir das pessoas, a comunidade de lugar, onde o convívio e o cotidiano caracterizam e fornecem a relação de pertencimento aos locais.

A vila tradicional de uma sociedade agrária sedentária aparece como modelo de comunidade localizada. Nasce das frequentações múltiplas impostas pela coabitação. Os estilos de vida são semelhantes, o auxílio mútuo fácil. Os casamentos são frequentes com as famílias das vilas vizinhas, e os casamentos entre primos são a regra. (CLAVAL, 1999, p. 116).

No processo de territorialização do capital nas atividades agrícolas do Cerrado, financiado, sobretudo, pelo Estado e em especial pelo Estado do Goiás, demarcado como território fundamental para o avanço da fronteira agrícola, foi desconsiderado, de certa forma, a existência dos povos do Cerrado, comunidades tradicionais centenárias, indígenas e não indígenas.

Os incentivos por meio de financiamentos, programas e infraestruturas eram voltados principalmente para os produtores sulistas que já possuíam tradição e experiência na agricultura moderna. A expansão da agricultura moderna no Cerrado e em outras fronteiras agrícolas ocorreu em grande maioria por pessoas vindas das regiões Sul e Sudeste do país.

Esses povos são considerados por vários segmentos da sociedade (pesquisadores, políticos, produtores rurais...) como *pioneiros* e/ou *desbravadores* do Cerrado. “A forma como este mito é colocado e aplaudido por muitos desconsidera literalmente a existência de pessoas, hábitos e culturas anterior à chegada dos sulistas

para implantação das monoculturas”, enfim, faz o Cerrado ser visto como um local desabitado, sem presença de relações sociais (MATOS; SALAZAR, 2009, p.10).

A sobrevivência na comunidade está diretamente ligada à cultura dos quintais. Os quintais nas comunidades tradicionais são lugares onde as experiências, as práticas dos saberes e a vida acontecem. As reuniões familiares, produção artesanal da rapadura e outros doces, a farinha e a confecção de xaropes e garrafadas fazem parte do cotidiano dos quilombolas.

As mulheres podem deixar suas marcas ao perpetuarem os saberes sobre as plantas, passando-os para novas gerações. Ao entender o quintal como lugar, devemos levar em conta a afirmação de Tuan (1983) de que o valor do lugar depende da intimidade da relação humana, e que “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado”. Ou seja, as plantas têm sentido peculiar para as comunidades tradicionais.

A manutenção de seus saberes e fazeres perpetuam sua relação com o território, com suas utilidades, o conhecimento sobre o preparo e seus efeitos. Para essa pessoa o quintal tem um significado, pois os objetos – no caso, as plantas –, são comuns de sua vivência, ressignificam a relação de pertencimento e possibilitam a manutenção da família no lugar.

Sobretudo a Política Nacional de Comunidades Remanescentes Quilombolas, que contempla a manutenção da identidade e cultura e o direito territorial que como avanço dos direitos quilombolas hoje tem o desafio de manter o que foi conquistado.

As famílias da Comunidade tradicional do Moinho se dedicam a produção a partir da cana de açúcar como matéria prima, a rapadura e recomendada com o um importante alimento para doenças como anemia, para grávidas e mulheres que recentemente deram à luz. A rapadura, o melado, o caldo da cana e o açúcar mascavo são alimentos diariamente consumidos na Comunidade Tradicional do Moinho, as mulheres mais jovens procuram aprender o ponto da rapadura com Dona Flor, segue o seu feitoio¹²:

Primeiro corta-se a cana e leva para o picador, que divide o caule em pedaços de aproximadamente 1,5m. De dois em dois, eles são colocados no engenho

¹² Na cultura tradicional há uma preocupação com o que sobra na preparação dos alimentos, no caso da rapadura e derivados da cana de açúcar o bagaço é passado novamente no picador e serve de alimento para o gado ou ainda para fazer adubo. Folhas, cascas e bagaços são cotidianamente utilizados na alimentação animal, no preparo de adubos e na complementação de receitas diversas, nada é desperdiçado.

(moedor). Para não desperdiçar a garapa, o bagaço é passado novamente. Depois se apura o mel do caldo da cana da fornalha. A garapa é colocada em um tacho e levada ao fogo com bastante fervura para que a espuma suba para a superfície do recipiente. Essa espuma com impurezas vai sendo aos poucos retiradas com o uso da escumadeira, chegando ao ponto de mel. O segredo é acrescentar à mistura do caldo da mutamba uma fruta do cerrado. São de duas a três horas de fogo mexendo direto até a consistência de melado. O ponto é verificado colocando um pouco na água fria; se endurecer a mistura está pronto para ir para a amassadeira, onde é batido por mais de uma hora e logo após é enformado.

O conhecimento ancestral de Dona Flor se apresenta no preparo dos produtos à base de cana de açúcar, planta trazida pelos portugueses no início do século XVI inicialmente implantada no Nordeste do Brasil, e responsável pelas exportações de açúcar até o século XVIII. Matéria prima do etanol e do álcool a cana de açúcar se adapta melhor a áreas férteis e profundas. Na Comunidade Tradicional do Moinho a maioria dos quintais tem cana de açúcar plantado para o consumo da família, algumas famílias, entretanto se dedicam ao cultivo para a produção de produtos como a rapadura, o melado e a cana de açúcar, como ensina Dona Flor:

Para fazer o açúcar, o melado precisa ficar cerca de uma hora e meia a mais no fogo. Também é colocado na masseira e batido até chegar ao ponto de coar em uma peneira. A parte mais grossa é retirada e devolvida ao início do processo.

[...]é preciso paciência para fazer o melado, enquanto a gente mexe o melado no tacho vai pensando na vida, nos filhos, na natureza, é preciso pensar em coisas boas. As vezes quando eu vou fazer o melado ou a rapadura é porque eu preciso ficar sozinha, eu e meu Deus.

A opção por produção do doce agora em 2016 se deve também pelo fato da horta comunitária do Moinho não produzir com excedente este ano. Segundo Seu Nelson, a alteração das chuvas e o ciclo de produção levou a comunidade a pensar em novas possibilidades de produção de alimentos, para consumo interno e para a comercialização para turistas e em feiras:

Este ano não plantaram feijão, a horta não recebeu as sementes doadas como nos outros anos, e as chuvas não ajudaram a preparar o solo para receber a semente. Choveu pouco, choveu “fatiado”, choveu rápido. Não foi aquela chuva com tempo, demorada, de deixar o céu cinza. Tá tudo diferente agora. O pouco que deu não dá pra levar para a feira. E a gente precisa pensar em fazer alguma coisa.

O conhecimento ancestral sobre plantas e os ciclos de produção indicam que os terrenos, mesmo os mais férteis também precisam de pausa na produção, rotação de culturas e adubos orgânicos. Razão pela qual os moradores da Comunidade Tradicional

do Moinho, sejam os que possuem suas próprias roças, ou os que trabalham “na meia” para outros, ou ainda empregados de produtores hoje compreendem que os ciclos de chuva estão alterados e há necessidade de compreender novas formas de produção de alimentos como os sistemas agroflorestais, fruto das visitas da Emater- GO e extensionistas agrícolas que trocam conhecimento com a comunidade.

4.2 - SABERES E FAZERES DO CERRADO: o conhecimento tradicional o saber de Dona Flor

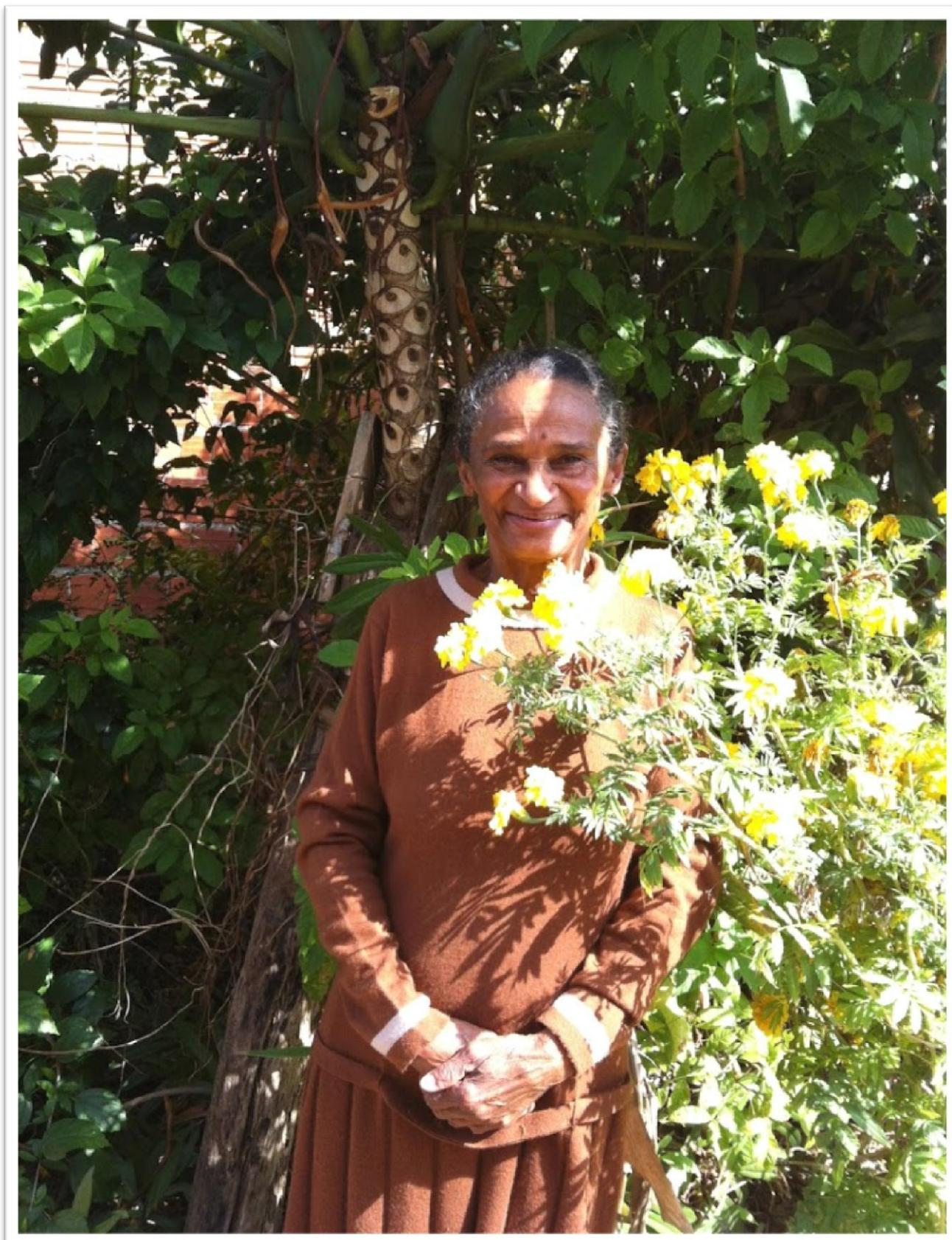
O conhecimento tradicional passado de geração a geração sobre plantas ervas seus usos, forma de produção, o cuidado com a manipulação destes elementos transformando em xaropes e garrafadas, ou no sabão de tingui que agrega potencialidades medicinais para variados usos, são elementos integrantes do conhecimento tradicional dos moradores do povoado do Moinho. O Cerrado e o povo do Cerrado, seus saberes e fazeres tradicionais estão sim sob a ameaça do Agronegócio e da ausência de água.

O conhecimento tradicional é também fruto das histórias de vida, da superação das dificuldades que enfrentaram durante muitos anos, e a reprodução dos mesmos desafios enfrentados por seus antepassados.

Na região da Chapada dos Veadeiros, os grupos humanos têm individualmente cultura e identidade própria. Sejam os remanescentes de garimpeiros que vivem no povoado de São Jorge ou em Alto Paraíso, ou ainda os quilombolas que estão instalados na região de Cavalcante as inúmeras manifestações culturais atraem turistas de diversos destinos para participar.

Mesmo entre quem chegou nos últimos vinte anos, novas construções sociais se apresentaram. A tradição oral de manipulação de ervas e “plantas do mato” é perpetuada pela comunidade, em especial Dona Flor, parteira, raizeira, mãe de 18 filhos, adotou outros 24 e realizou mais de 300 partos.

FOTO 15 - Dona Flor do Moinho.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, Dona Flor, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Dona Flor do Moinho é reconhecida como expoente do conhecimento de manipulação de ervas e plantas do Cerrado, que curam os males do corpo e da alma, conhecida pelas garrafadas e xaropes que produz e pelos mais de 300 partos naturais realizados. Dona Flor é muito procurada para hoje transmitir seu conhecimento ancestral através de oficinas e cursos de conhecimento e identificação das plantas e orientações às futuras mães que desejam um parto humanizado.

Por meio de oficinas¹³ realizadas próximas à sua casa, Dona Flor ensina o poder curativo de cada espécie, os diversos usos e tratamentos, os cuidados e a manipulação correta. Caso precise há já os preparados na “farmacinha”, logo atrás da igreja católica da comunidade, atendendo a todos que a procuram.

A qualidade das plantas medicinais está relacionada principalmente à identificação correta da espécie, ao seu cultivo orgânico ou ao seu extrativismo sustentável, ao processo de secagem em temperaturas adequadas, ao seu armazenamento adequado e ao transporte sem contaminações. Conhecer todo o caminho percorrido pela planta até chegar à farmacinha é um critério essencial para se assegurar a qualidade de um remédio caseiro (DIAS; LAUREANO, 2009).

O conhecimento tradicional, portanto é fruto da união dos povos indígenas e negros, oriundos da escravidão. Muitos escravos serviram nos garimpos e na corrida pelo ouro que se estabeleceu na região. O africano e o afro-brasileiro no Estado de Goiás desempenharam, desde os primórdios, um importante papel, colaborando na formação étnica e cultural da região, que se reflete nas receitas e preparos da medicina tradicional quilombola (BAIOCCHI, 2013).

A construção social entre os povos tradicionais e o meio ambiente em que vivem, ainda que de forma diversa, a sociedade tradicional e os lugares sociais concretos de suas comunidades existem também em função da cidade; de uma ou algumas cidades próximas, ainda quando situadas em suas fronteiras remotas, a cidade, o mundo urbano, o lugar social, vai além das teias do parentesco, constituem-se como cenários de desejada ou inevitável referência a seus ancestrais como povoadores do território.

Para tanto aparelhamento público de qualidade se faz necessário para garantir a saúde e bem estar dos moradores. O posto de saúde foi construído pela prefeitura no terreno de Dona Flor. Tal iniciativa se deu em virtude de Dona Flor perceber o aumento

¹³ Em anexo está o material publicitário, *folders*, que comunicam as oficinas de Dona Flor sobre plantas do Cerrado e sobre cuidados da gestante e parto natural. Com o advento das mídias sociais esta divulgação tem sido feita pela internet, que também veicula os vídeos das oficinas já realizadas. Para tanto, Dona Flor conta com o auxílio de diversas pessoas na divulgação e informação sobre os encontros.

do adoecimento dos moradores da comunidade. Nesta época realizou um treinamento e capacitação como agente de saúde e foi contratada para atender aos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho.

Pequenos curativos, medição de pressão e primeiros socorros eram oferecidos aos moradores e turistas, entretanto a parte médica ambulatorial sempre foi deficitária.

FOTO 16 – Posto de Saúde da Comunidade Tradicional do Moinho.



**Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, posto de saúde, dezembro de 2015.
Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.**

O posto de saúde¹⁴ com pouco recurso investido e com aspecto de não uso, e a atenção em saúde em Alto Paraíso também não consegue ser eficiente, situação que preocupa a comunidade como expressa Dona Flor:

¹⁴ Durante o período da pesquisa 2015 e 2016 discuti com todos os que entrevistei. Moradores que nasceram no Moinho e chegantes. É unânime a percepção de total ausência do Estado em virtude do não funcionamento do posto de saúde. A medicina tradicional praticada na comunidade surge inclusive em virtude desta ausência estatal que não oferece atendimento regular a saúde dos moradores. Ocasionalmente o posto funciona em campanhas de vacinação.

Aqui quem dá os primeiros socorros sou eu, seja mordida de cobra, arranhão, febre, diarreia, quem olha primeiro sou eu. O posto funcionava quando eu era agente de saúde: tinha tudo para os curativos; hoje, eu compro. Médico aqui não me alembro quando teve aqui, nem enfermeiro. Eles vêm na época da vacinação, mas não dão tudo, abaixo de Deus aqui sou eu.

Intuitivamente Dona Flor se aprimorou no conhecimento das ervas, cascas e plantas do Cerrado para o tratamento de diversos males. A medicina tradicional é objeto de procura de pessoas de diversos lugares, seja o preparado ou o conhecimento de manipulação das ervas do Cerrado, difundido através das oficinas¹⁵ de Dona Flor. Mesmo a comunidade tem na medicina natural o recurso mais utilizado, pois o acesso à saúde ainda é insuficiente.

4.3 Cerrado uma farmácia natural: os saberes e fazeres de Dona Flor.

Dona Flor, nascida em 02 de fevereiro de 1938, na fazenda Santa Rita, é moradora da Comunidade Tradicional do Moinho há mais de meio século. Conhecida por suas garrafadas milagrosas e por ter realizado centenas de partos, ela faz questão de compartilhar o que sabe com as novas gerações, a fim de que o conhecimento perdure e continue atendendo às necessidades de quem busque o tratamento alternativo (LARANJEIRA, 2012).

Aos 78 anos de idade, com boa saúde e recentes queixas da visão, mãe de 18 filhos paridos, outros tantos criados, realizou mais de 300 partos. Dona Flor do Moinho, aos nove anos de idade, já preparava chás e efusões sob a orientação da mãe e a partir do convívio com a avó. É raizeira, parteira, artesã, já foi garimpeira e tropeira, sempre alegre e bem-disposta ela relata as histórias desse tempo:

Eu já trabalhei de tanta coisa nessa vida, você vai dizer que é mentira, mas eu já fui até garimpeira, garimpei muito cristal por estas bandas. Já fui tropeira também, levava feijão, farinha, sabão, mandioca e o que tivesse, ia no cavalo pelas matas até Alto Paraíso.

[...]Tinha muito cristal por este cerrado, muito cristal bonito, as coisas eram muito difíceis e dinheiro quase não havia; então, a gente fazia de tudo para sobreviver, criar os filhos e vê eles na escola.

¹⁵ Vide, em anexo, *folders* e propagandas das oficinas de parto e conhecimento de ervas ministradas por Dona Flor. Há vários vídeos na internet de oficinas ministradas no Moinho, em especial eventos no Flor de Ouro.

[...]Onde eu morava era só floresta, só mato, não tinha estrada, o vizinho ficava a uma légua de distância, eu preocupava com os filhos, ai comprei aqui no Moinho, na época foi muito bom mudar para cá porque Alto Paraíso é mais perto, aqui eu criei meus filhos, todos estudaram, criei outros filhos que hoje meu filhos biológicos ajudam a criar, muitos foram embora para Brasília, eu ainda espero reunir todos juntos.

Dona Flor teve uma história de vida muito difícil, principalmente aos 11 anos de idade, quando seu pai foi embora de casa abandonando a família. Sem oportunidade de estudar, ajudou a mãe a criar os irmãos. Casou-se com seu Donato e foi morar no Moinho, onde comprou seu pedacinho de terra. Teve 18 filhos, todos seus partos foram feitos por ela mesma, em casa (SARAIVA; RODRIGUES; NOGUEIRA, 2011).

Há dois anos seu Donato faleceu de maneira natural; a família decidiu, então, ter sempre um filho morando com Dona Flor, que se queixa de não se acostumar sem o companheiro. Wilson um dos filhos hoje constrói no terreno da família uma residência para se fixar definitivamente próximo da mãe e Zita uma das filhas que trabalhava em Brasília hoje vive com Dona Flor e procura juntamente com Wilson aprender a confecção dos produtos e o conhecimento das ervas e plantas do “mato”.

FOTO 17 – Placa na entrada da residência da Dona Flor.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, casa de Dona Flor do Moinho, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Criou os filhos e muitos outros que ao ajudar a nascer percebia que o futura da criança estava ameaçado¹⁶, sem instrução educacional formal, Dona Flor fez através da Secretaria de Saúde de Alto Paraíso cursos de saúde, higiene, assepsia, primeiros socorros e cuidados de enfermagem. Trabalhou como agente de saúde no posto hoje desativado ao lado de sua casa. Atualmente aposentada do ofício de parteira, embora muito procurada para dar orientações sobre o parto, a gravidez e os cuidados do recém-nascido.

Sobre gravidez e parto normal, Dona Flor ministrou vários cursos que a auxiliou a conhecer ainda mais sobre este importante momento da Mulher. Embora tenha passado por muitas dificuldades, nunca perdeu suas alegrias, sua gentileza e seu bom humor. Gosta de ter atenções voltadas para si, principalmente quando está contando uma de suas histórias. Dona Flor também é uma bela contadora de história (SARAIVA; RODRIGUES; NOGUEIRA, 2011, p. 8).

FOTO 18 - Produtos da farmacinha de dona flor.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, bonecas de pano, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

¹⁶ Dona Flor se emociona e relata que meninas muito jovens e sem instrução a procuravam somente na hora do parto, sem condições de criar a criança muitas deixavam sob os cuidados de Dona Flor e sua família. Quando a grávida procurava no início da gravidez esta era orientada a fazer o pré-natal, todos os exames e somente assim combinavam o parto. A fala de Dona Flor demonstra a vulnerabilidade da mulher que, sem recursos financeiros, abre mão de criar seus filhos.

Pessoas de diversas localidades procuram Dona Flor para tratamentos alternativos. Para cada pessoa é um tratamento, mesmo ainda para a mesma queixa, ao conversar com a pessoa intuitivamente ela prepara o remédio. Outros medicamentos são por ela produzidos e revendidos em sua própria casa em um cômodo denominado de “farmácia”, ou ainda por expositores que vendem na feira de Alto Paraíso.

No quintal, a raizeira cultiva as ervas mais comumente utilizadas no dia a dia. Em outros momentos, Dona Flor recorria à floresta para colher as ervas, plantas ou raízes de que precisava para o feitiço de determinado remédio, hoje com o cultivo próximo e o aprimoramento da própria técnica ela armazena algumas ervas em casa e enfatiza a importância da cultura dos quintais, onde as ervas, horta e pequenos animais estão próximo à casa para ajudar no dia a dia da família.

Pela família e moradores ela é chamada de “Dona Fulô”, modo característico de denominá-la, conhecida e respeitada por todos na comunidade, líder nata que sempre tem uma opinião sobre qualquer assunto, de opinião firme e sabedoria que se destaca.

FOTO 19 – Vinhos artesanais.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, vinho artesanal, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Dona Flor é procurada também para aconselhar, orientar e quando necessário chama a atenção do ouvinte. Conhecedora das ervas do mato, das ervas do sertão, como ela gosta de se referir ao Cerrado, herança de seus antepassados indígenas e negros ela descreve como este conhecimento tradicional foi adquirido:

Sempre morei no mato, não tinha cerca, não tinha estrada, tudo era floresta, então eu pensava só tenho as ervas do mato para tratar das coisas, os remédios eu aprendi com o espírito Santo, eu via uma pessoa doente e pensava o que eu devo dar pra ele? Uma intuição me dizia o que fazer, mas eu sempre primeiro dava o remédio para alguém da minha casa. Nunca dei remédio que não experimentei. Primeiro na minha família depois para os outros.

Ela relata que as garrafadas começaram a ser feitas porque ela adoeceu e apareceu um ferimento que não cicatrizava, “fui no mato e peguei casca de angico, de tiu, de copaíba, jatobá, sucupira raiz de velame cozinhei tudo e lavei o local da ferida”.

FOTO 20 – Óleo de mamona – fabricação Dona Flor.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, remédio caseiro, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Com a cicatrização da ferida ela passou a experimentar várias combinações de cascas, entrecascas, raízes e folhas, ora socadas, ora cozidas ou ainda em emplastos, chegando aos preparados que ela tem hoje, os “remédios de pau” como ela se refere aos preparados com raízes e cascas foram aperfeiçoados e hoje compõem as garrafadas produzidas por Dona Flor.

O conhecimento tradicional em meio a uma sociedade que considera a natureza elemento comercial, subjugada e cuja finalidade é o lucro, tende a desaparecer caso não haja intervenções de manutenção da comunidade tradicional no campo e valorização da sabedoria ancestral, Castro descreve o cenário:

Hoje defrontamos com a urgência em redefinir os cânones pelos quais a sociedade ocidental concebeu sua relação com a natureza. A longa história da humanidade é a de transformação da natureza e de sua subjugação. A capacidade do homem de transformar suas relações com a natureza, ao mesmo tempo que transforma a própria natureza, esteve orientada por uma tendência de privatização de um bem, em princípio, patrimônio de todos. Um caminho de legitimação da propriedade privada do território assim como de aproveitamento de seus recursos (CASTRO, 1998, p. 4).

Toda comunidade tradicional possui uma referência e liderança que exerce a função de tratar dos males que acometem a comunidade. Nas sociedades quilombolas esta função é designada a raizeira, que recebe o conhecimento tradicional das mães ou de outro parente próximo, homens também exercem a função de raizeiros, mas esta atividade está relacionada à mulher quilombola pela íntima relação de pertencimento e capacidade de cuidado.

O conhecimento tradicional é repassado oralmente, pelo convívio e contato familiar, herança de antepassados que se aperfeiçoa em cada geração. A ancestralidade está diretamente ligada ao conhecimento tradicional, o quilombola tem no conhecimento da manipulação das ervas do “mato” uma herança que deve ser também repassada.

Dona Flor teve todos seus filhos de parto normal, em casa, e cuidou de si mesma e de outras mães com os preparados de ervas e plantas do Cerrado. Sobre este conhecimento e cuidado com a maternidade, ela explica:

Aprendi tudo olhando, sempre fui muito curiosa, queria saber o que acontecia quando a mãe ia ganhar a criança. Eu perguntava: por que eu não posso ver? Logo me ofereci para ajudar, era tudo muito normal. Tive meus filhos só, todos eles eu tive só! Com a ajuda de Deus.

[...]O barbatimão é a planta da mulher, não pode tomar muito não, mas antes de engravidar ele limpa tudo e depois do parto cicatriza.

O atendimento às pessoas que procuram a Comunidade Tradicional do Moinho em busca de tratamento para diversos males é feito através da Farmácinha natural de Dona Flor, localizada atrás da Igreja Católica no terreno da casa de Dona Flor. Em um cômodo em separado com diversas prateleiras é acomodado os remédios e tratamentos.

Todos possuem indicação, modo de usar e composição, mas é na cuidadosa orientação de Dona Flor que os adoentados mais confiam. Entre os remédios manipulados da farmácia instruções e receitas de diversos chás, emplastos, efusões que tem as plantas do Cerrado como princípio ativo.

FOTO 21 – Vermífugo e xarope caseiro.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, remédios da farmacinha de Dona Flor, dezembro de 2015. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Dentre os preparados de Dona Flor estão: xaropes, garrafadas, sabão, óleos e outros. Estes tratamentos segundo ela não substituem a medicina formal, auxiliam no trato dos males no cotidiano de uma comunidade quilombola onde o acesso à saúde é deficitário.

Dona Flor explica a cada visitante os benefícios das plantas do Cerrado, plantas “do mato” ou ainda plantas do Sertão. Reitera durante a entrevista que nunca “medicou” ninguém e que o uso da medicina tradicional deve ser sempre para aliviar sintomas e para um tratamento que engloba vários aspectos como alimentação, tranquilidade e estilo de vida, uma vida equilibrada segundo Dona Flor é um “santo remédio”.

Dois produtos muito procurados são a garrafada saúde da mulher e a pílula de babosa. Esta garrafada é indicada para problemas ginecológicos simples, do dia a dia da mulher e na prevenção de infecções e desconfortos. A planta utilizada é o barbatimão, que na cultura indígena significa árvore que aperta, o *Stryphnodendron barbatiman*, nome científico da planta que é nativa do Cerrado.

O barbatimão ou barbatimão é uma árvore de aproximadamente 3 a 5 metros de altura. A sua copa pode ser reta com os galhos apurados para cima ou ser aberta com os galhos espalhados para os lados. A entrecasca do barbatimão deve ser usada seca, pelo menos 3 dias depois de coletada: tempo mínimo necessário para a resina secar. A garrafada da entrecasca seca do barbatimão é preparada com cachaça ou vinho branco (DIAS; LAUREANO, 2009, p. 141).

O barbatimão é a “planta da mulher” porque trata, previne e alivia desconfortos ginecológicos, além de ser muito utilizada antes de engravidar e no pós-parto. Nos últimos anos Dona Flor tem percebido que cada mulher tem suas necessidades direcionando a garrafada para um tratamento individual, acrescentando a cada uma as ervas e plantas de acordo com os relatos de cada mulher.

Com a modernidade, outros adoecimentos têm surgido como queixas das mulheres que procuram Dona For, a ansiedade, tristeza, insônia, obesidade, falta de apetite, desânimo, cansaço, sobre o atendimento à mulher Dona Flor acrescenta:

É preciso consultar, ouvir as queixas da mulher, muitas hoje se queixam de dor de cabeça, cansaço, dor nas pernas e quando eu pergunto: e a sua saúde íntima? Elas dizem: vai de mal a pior! Com o tempo a gente vai percebendo que se a saúde da mulher, saúde íntima não vai bem tudo se atrapalha, aí eu digo: se apegue com Deus, tome os remédios e não se preocupe, Deus toma conta de tudo pra gente.

O saber/fazer de Dona Flor está ancorado em sua fé em Deus, demonstrado através de sua fala, ela demonstra muito temor a Deus. Ela deixa claro que é Ele quem a orienta em seu ofício terapêutico. Semelhante ao que ocorre com outros terapeutas populares, os quais tem uma base religiosa estruturando sua atenção à saúde. Dona Flor vincula seu ofício a um dom e orientação divina (CAMPOS, 2013).

O conhecimento tradicional de manipulação, coleta e seleção das ervas e plantas utilizadas na medicina natural são repassados sempre com a preocupação em relação a posologia e dosagem. Segundo Dona Flor remédio e veneno são muito próximos, dependendo então da dosagem.

O remédio caseiro preparado com a planta fresca fica muito forte e pode intoxicar, principalmente quando o uso for interno. Para uso externo, como em banhos locais, a entrecasca pode ser usada fresca, porém a quantidade utilizada da planta deve ser bem menor do que quando usada seca. Ao fazer o pó do barbatimão no pilão, é necessário cobrir o nariz e a boca com um pano ou uma máscara, porque a poeira que se solta do pó pode causar intoxicação (DIAS; LAUREANO, 2009, p. 141)

A tradição ensina que a coleta está diretamente ligada a qualidade da garrafada. É na seleção das ervas e no modo de preparar os remédios que se obtém o efeito desejado. Para Dona Flor é necessário ir longe, buscar as ervas “do mato” onde se tem naturalmente, em lugares isolados. Para tanto, em dia de coleta de ervas é necessário longo período no “Cerrado”, e caminhar longas distâncias dentro do “sertão” como costuma chamar Dona Flor os lugares mais distantes. Hoje, a distância que ela percorre para coletar ervas e raízes é muito maior. A ausência de espécies do cerrado antes abundante preocupa a raizeira.

Nesse contexto a companhia dos filhos, vizinhos e chegantes que procuram aprender sobre a medicina natural é sempre bem-vinda. Nas vivências por ela ministradas, a coleta das ervas é o ponto mais esperado. As caminhadas são alimentadas com a coleta de ervas, folhas, sementes, identificando cada espécie e informando suas propriedades terapêuticas.

A partilha do conhecimento tradicional é objeto de preocupação para Dona Flor, seu receio deste conhecimento se perder é demonstrado em cada oficina que ministra, seu trabalho como terapeuta atrai tanto quem busca saúde como quem quer ampliar o conhecimento.

Os terapeutas populares são sujeitos cognoscentes que detêm conhecimentos acerca do processo saúde-adoecimento-cuidado. Esses sujeitos dominam um conhecimento que se articula diretamente no processo saúde-adoecimento visando o completo e o complexo cuidado, estabelecendo vínculo entre eles e o agente que receberá o cuidado. No caso dos terapeutas populares, a formação e o nascimento do saber/ fazer se dá por meio de uma rede de sociabilidade onde eles se inserem, em uma relação dialógica estabelecida entre o sujeito e o cuidador (CAMPOS, 2013).

A garrafada de Dona Flor é também bastante conhecida e utilizada, não somente entre os mais tradicionais. Mulheres e homens, do campo ou da cidade, do Moinho, de Alto Paraiso e de outros lugares fazem uso delas. A garrafada serve como depurativo do sangue, para resfriado, dor de cabeça, anemia e como fortificante (SARAIVA; RODRIGUES; NOGUEIRA, 2011).

O conhecimento de Dona Flor sobre as plantas e ervas do mato estabelece as relações de partilha na comunidade. O adoecimento torna-se então conhecido e os relatos de cura e melhora no estado físico e emocional fazem parte do cotidiano do lugar. A relação de pertencimento do povo quilombola com o bioma Cerrado e os processos de resistência no território demonstram o grau de comprometimento do povo com o lugar.

O conhecimento tradicional não se estabelece somente pela identificação das plantas, mas pelo aprimoramento dos usos medicinais a partir dos relatos de cura partilhados entre todos da comunidade. Folhas, caules e raízes e a preparação dos remédios é repassado às gerações futuras pela experiência relatada.

As diferentes partes de plantas, usadas para elaborar fórmulas curativas, tal como folhas frescas ou secas, frutos ou parte deles, camadas específicas de cascas de caules, além de sementes e raízes são conhecimentos especiais de um raizeiro. Ao combinar uma variedade de plantas, o raizeiro faz “remédio” e não “chá”. A ênfase colocada no uso de raízes pode ser lida como uma maneira de Dona Flor marcar sua identidade, a particularidade de seu conhecimento guiado pelo saber detalhado sobre o que usar de que planta e como realizar seu preparo (ATTUCH, 2006, p. 56)

O conhecimento de Dona Flor se dá essencialmente por sua sensibilidade em relação ao sofrimento e adoecimento dos outros, seu aprendizado se deu por uma série de vivências e experiências que passou pelo seu corpo e pela observação de outros corpos. Além disso, ela detém conhecimento sobre o cerrado e suas plantas (Campos, 2013).

Essa sabedoria sobre as ervas e seus efeitos terapêuticos, a fez ser reconhecida e muito procurada por parte da comunidade que a cerca e por outras pessoas de localidades diversas.

A lógica do saber/fazer de Dona Flor perpassou por um processo de vivências e experiências que a auxiliou em sua formação como terapeuta popular, em que se sentiu impulsionada em suprir as urgências no cuidado mediante ferramentas as quais estavam disponíveis.

FOTO 22 – Sabão artesanal e medicinal de tingui.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, produtos da farmacinha de Dona Flor, abril de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

A terapeuta lamenta não ter tido a oportunidade de estudar e realizar um sonho antigo de ser médica, mas fala que a vida dura serviu como uma faculdade para seu atual ofício como terapeuta, que a fez ter sensibilidade para saber que o sujeito não pode ser fragmentado. Mas, é necessário entendê-lo como um todo para explicar de forma coerente o que está por detrás de seu sofrimento/adoecimento (CAMPOS, 2013).

Segundo Dona Flor o preparo do vinho de jabuticaba se iniciou porque ela percebeu sua utilidade na digestão de certos alimentos. Passou então a indicar o consumo da bebida para mulheres que procuravam seus tratamentos com queixas gastrointestinais. Para sua surpresa pessoas com anemia demonstraram fortalecimento e melhora significativa na queda de cabelo e nas dores musculares que também são sintomas da deficiência de ferro.

Este conhecimento sobre o fruto e o saber fazer do vinho e geléia de jabuticaba ela tem partilhado com as mulheres da comunidade. A preocupação com a sustentabilidade também está presente na coleta dos frutos sempre respeitando a necessidade da dispersão de sementes e alimentação da fauna nativa, não se colhe tudo diz Dona Flor: “é preciso alimentar o sertão”.

Quando falamos de preservação, reconhecer o trabalho das mulheres nestas localidades é fundamental. Os saberes femininos intimamente se relacionam com a conservação, apego e manuseio sustentável do meio ambiente. Com estas atribuições as mulheres trazem como retorno para a comunidade o aprendizado recebido, o cultivam e repassam para as futuras gerações. Pertence a estas mulheres saberes e ocupações referentes a fazeres que retornam como renda para a família (CRUZ, et. al., 2012).

Na fala de Dona Flor se apresenta a importância do conhecimento tradicional de ervas e plantas do Cerrado: “tudo na minha vida é o tingui”. O feitio do sabão do Tingui com suas propriedades medicinais e terapêuticas da comunidade do Moinho é uma tarefa feminina em que são observados os períodos de coleta, a forma do plantio e a preservação da semente em seu estado natural. É uma prática difundida por meio da oralidade, uma das formas de expor as riquezas e peculiaridades do povoado (SARAIVA; CRUZ; RIVEIRA, 2012).

O Tingui (*magonia pubescens*), planta endêmica do Cerrado, é utilizado por comunidades tradicionais no preparo do sabão, através de seu fruto, como repelente a partir de sua resina e no combate do piolho. Seu preparo exige planejamento e organização que vai desde a coleta dos frutos, seleção até o formato artesanal de cada sabão.

Segundo Dona Flor sua percepção sobre o poder curativo do tingui se deu ao acaso. Lavando roupas ela percebeu que o sabão que escorria eliminava a coceira e tratava cicatrizando feridas nos pés e na perna. Inicialmente o sabão de tingui¹⁷, muito utilizado pelos índios, tinha seu uso voltado para a limpeza de roupas e utensílios. Percebeu se então pelos relatos partilhados entre a comunidade que seus diversos usos se devem ao alto poder cicatrizante e bactericida.

A procura pelo sabão de tingui na feira de Alto Paraíso é constante. Hoje é um produto que tem valor agregado dado ao seu potencial terapêutico. Em 2012 o centro UnB Cerrado realizou uma oficina de sabão de tingui com Dona Flor.

Sobre o tingui e seu uso Dona Flor relata:

¹⁷ A oficina realizada pelo Centro UnB Cerrado, coordenada pelo tutor Rafael de Rivera demonstrou na prática todo o processo de produção do sabão desde a seleção da semente até o sabão confeccionado artesanalmente. Também conhecido como sabão de cinzas, o sabão de tingui é um produto produzido essencialmente pelas mulheres e reflete a partilha de conhecimento e vivência que se apresenta no feitio que demanda força e tempo. É no mexer a massa do sabão que os relatos das propriedades terapêuticas são compartilhadas. A experiência da oficina está disponível no blog do centro UnB Cerrado, disponível em <http://unbcerrado.blogspot.com.br/2012/11/o-centro-de-estudos-do-cerrado-da.html> acesso em julho de 2016. E através da cartilha Saberes e fazeres tradicionais do Cerrado: sabão do tingui de Regina Coely Fernandes Saraiva.

O primeiro banho da criança tem que ser com tingui. O umbigo cicatriza direitinho. A mulher depois de dar à luz também deve tomar banho com o tingui para aliviar o parto. A queda de cabelo se resolve com tingui também, unheiro, ferida que não cicatriza, frieira, erisipela e queimadura eu só uso tingui. Eu já lhe falei que eu curei “lepra”, Hanseníase? Pois é no tratamento também entrou o tingui. Eu já fiz uma oficina para ensinar como fazer o sabão de tingui, cada dia eu vejo mais uma coisa que o tingui ajuda. É uma planta do céu.

Segundo Saraiva et al. (2012, p. 22) assim como outras plantas do Cerrado, os frutos, sementes, e cascas de tingui são utilizados por povos e comunidades tradicionais em arranjos florais ou outras variedades de artesanato. As sementes também são utilizadas para o feitiço do sabão de tingui.

O sabão de tingui é utilizado por estes grupos para fins medicinais no tratamento da queda de cabelo, caspa, seborreia, corrimentos, herpes, queimaduras, assaduras, irritações da barba, contra piolhos, sarna e outros. Embora o uso medicinal seja o mais recorrente, o sabão é naturalmente utilizado para a higiene pessoal, para muitas comunidades o isolamento e a dificuldade de comprar outros tipos de sabão, geraram, por muito tempo, a necessidade do feitiço do sabão.

FOTO 23 – Tingui (fruto).



Fonte: UnB Cerrado (2016).

A coleta das ervas, plantas do Cerrado revela o ritual de respeito e reverência à natureza, representa o conhecimento indígena que foi repassado aos negros africanos que se refugiaram no lugar, sobre a forma de coletar plantas “do mato” para fazer os remédios Dona Flor explica: “Para buscar as plantas primeiro você prepara o coração e o espírito para trabalhar a natureza. Você não pode retirar uma folha, casca ou flor da floresta se você estiver com mal humor ou raiva senão a planta morre”.

O Cerrado é um dos mais importantes biomas do Brasil. Nele são encontrados uma rica biodiversidade em fauna e flora, é o segundo maior bioma em que diversos povos tradicionais se beneficiam e convivem harmoniosamente para manutenção de suas atividades econômicas e sua sobrevivência (SARAIVA; CRUZ; RIVEIRA, 2012).

Com o auxílio das plantas do Cerrado Dona Flor dedica as futuras mães e aos recém-nascidos um cuidado especial, este conhecimento tem sido partilhado através de oficinas também chamadas de “Vivências com Dona Flor”. A procura pelo aconselhamento e acompanhamento na gravidez traz à tona a discussão da função social das parteiras, hoje denominadas Doulas que acompanham a preparação e pós-parto de mães que optam pelo nascimento humanizado de seus filhos.

4.4 Conhecimento tradicional de Dona Flor sobre parto e medicina da mulher.

Os cuidados com a saúde da mulher, Dona Flor aprendeu muito jovem. Seja através da efusão de ervas em chá, os banhos, a alimentação, garrafadas ou preparados, a raizeira demonstra um cuidado e zelo especial com a maternidade. Não somente com a saúde da grávida, mas com os cuidados com o recém-nascido e o pós-parto. A saúde da mulher que pretende engravidar também é objeto de ensino nas Vivências com Dona Flor, o preparo para receber uma nova vida segundo ela é um dom sagrado.

Dona Flor foi se tornando uma terapeuta popular ao interiorizar de forma inconsciente princípios “manifestados no estado prático”, operacionalizando partos por muito tempo e ainda dispendo do ofício de raizeira (CAMPOS, 2013).

Para Dona Flor, ser uma terapeuta popular é uma dádiva divina, pois por meio do seu saber e prática ela se vê ajudando o outro em seu sofrimento/ adoecimento (CAMPOS, 2013). Segundo ela: “Ver o outro feliz, saudável é coisa melhor que tem e que o dom que Deus me deu que me permitiu fazer isso que eu faço”. A medicina natural

baseada no saber popular mantém-se viva no cotidiano da comunidade, fortalecendo os laços de afeto e convívio, perpetuando assim o conhecimento tradicional.

Hoje, Dona Flor é raizeira e professora, que realiza cursos, chamados de “Vivências com Dona Flor”, onde tenta passar conhecimentos sobre os cuidados especiais durante a gestação, o parto e o nascimento, formando parteiras e doulas e, também, sobre as ervas medicinais. As fontes de sustento de Dona Flor são esses cursos oferecidos esporadicamente, os remédios à base de erva que são preparados de forma singular e também licores e geleias. Antes de receitar algum remédio, Dona Flor dispõe de consultas, porém, essas não são cobradas a não ser que necessite de intervenção, que são as seções de lavagem intestinal (CAMPOS, 2013, p. 39).

Para a raizeira, trabalhar com partos e ervas é um dom de Deus. A preocupação com a saúde da mulher está presente no cotidiano das mulheres do Moinho, que compartilham com outras mulheres de sua família e amigos expressando a relação ancestral de cuidado e conhecimento sobre plantas e ervas do mato.

A medicina praticada por raizeiras tem seu olhar voltado para a pessoa e não para os sintomas do adoecimento. Dona Flor inicia a “consulta” com uma conversa descontraída, perguntando sobre a família, o trabalho e os desconfortos, nesses diálogos sempre está inserido sua experiência no trato dos males do corpo e da alma.

O conhecimento sobre plantas e ervas Dona Flor herdou da avó, que conhecia e manipulava diversas espécies, o que demonstra o cotidiano feminino caracterizado pela partilha dos saberes através da oralidade e convívio e na reprodução dos saberes e fazeres femininos, sobre as mulheres de seu convívio familiar ela relata:

Minha mãe fazia chá de erva cidreira, de melissa, de guaco, mas raiz ela não sabia nada não. Ela tinha medo da pessoa passar mal. Minha avó era mais “intendida”, conhecia raiz e folhas, ela sabia muito de folhas, conhecia as plantas do cerrado.

[...]Minhas filhas eu ensinei sobre as ervas do mato, chás e efusão, mas essa geração não importa com aprender essas coisas. Elas acham que tudo está nos livros. Eu sou analfabeta e digo: os livros não curam ninguém, Deus primeiramente e as plantas do sertão é que curam.

As mulheres da Comunidade Tradicional do Moinho desenvolvem tarefas domésticas na maior parte do tempo. Cuidam do quintal, das criações, da horta e produzem algo para ajudar no orçamento doméstico. Fazeres como cuidar das crianças, lavar, passar, fazer a comida, cuidar da casa fazem parte de seu cotidiano.

Os cuidados com a saúde são partilhados com Dona Flor, que pela tradição local é parteira e conselheira das mulheres. A pesquisa de campo demonstrou que a maioria das

mulheres do Moinho ou nascerão pelas mãos de Dona Flor ou tiveram seus filhos em parto humanizado com ela.

Dona Flor hoje não realiza mais partos, auxilia ainda na formação de futuras parteiras, também chamadas de Doulas. As informações sobre parto humanizado e cuidados com a gestante, a família e o recém-nascido são partilhados nas Vivências com Dona Flor, em oficinas organizadas por chegantes do Moinho, o que também ajuda na formação destas profissionais.

A origem das plantas medicinais utilizadas nas preparações de remédios caseiros é muito diversificada: elas são cultivadas ou coletadas no Cerrado, doadas por pessoas conhecidas, adquiridas através de troca por remédios caseiros, ou ainda compradas em mercados ou raizeiros. Plantas medicinais nativas do Cerrado são coletadas em áreas preservadas, que são colecionadas pela biodiversidade de interesse existente na área, pela proximidade da área com a comunidade e, geralmente pela permissão de acesso à área dada pelo proprietário da terra (DIAS; LAUREANO, 2010).

Tabela 3 - Conhecimento de Dona Flor sistematizado - Vivência com Dona Flor.

Planta	Indicação	Modo de preparo
Açafrão	Catapora, sarampo, inflamação no osso e tendão, cisto, febre, eleva imunidade e tempero.	Chá da raiz seca e moída Sarampo: chá composto com sabugueiro e folha de laranja para passar a febre.
Alfazema	Insônia, enema, incenso e perfume.	Efusão, folhas e flor desidratado.
Algodão	Anti-inflamatório, pressão baixa, estimula as contrações do parto, cólica, candidíase, inflamação no útero, períneo no pós-parto, mamilo rachado e garrafada da mulher.	Coloca as folhas na água quente e espreme, coloque 1 pitada de sal. Estimular as contrações do parto: 3 dedos de raiz, ferve 5 min., 1 pitada de sal.
Alecrim do campo	Cólica menstrual, afrodisíaco, sangramento e solta intestino.	Raiz e folha. Chá da folha solta o intestino.
Amor do campo	Afrodisíaco, enema,	Chá da folha ou raiz.

	garrafada, hemorróida, cicatrizante, constipação intestinal, rins, cólicas de bebê e assadura.	Cólicas de bebê: chá para a mãe ou para o bebê. Assadura: banho.
Angico	Infecção urinária, cicatrizante, anemia e doenças renais.	Colocar a casca em efusão de água fria. Se estiver grávida, tomar apenas a partir do 2º filho e após 3 meses.
Aroeira	Chá da folha para tosse, casca para garrafada da mulher e banho de acento, pós-parto, candidíase, cicatrizante e tireoide.	Folha, casca e resina. Tireoide: tomar água da resina 1 vez ao dia até desaparecer o sintoma. Pós-parto e candidíase: banho de acento.
Arruda	Cólicas no pós-parto, cólica menstrual, limpa o útero, coração e travesseiro.	Chá 1 vez por dia. Semente para o coração Cólica menstrual: Composto com alho, imburana, mastruz e noz moscada.
Artemísia (vento livre)	Teste de gravidez, cólica menstrual, dor no estômago, cólica intestinal, abortiva, prisão de ventre e enema.	Folha e flor. Cólica intestinal em bebê: chá da flor.
Barbatimão	Herpes, cicatrizante, períneo, útero e garrafada da mulher.	Herpes: lavar a ferida com barbatimão. Banho de acento para cicatrizar o períneo pós parto.
Baunilha	Licor, vinho e bolo.	Planta poderosa.
Burere (mamacadela, fruta de cera)	Depurativo do sangue, rins, reumatismo, anti-inflamatório, cicatrizantes, alergia e DST.	Raiz, fruto e folha.
Cagaita	Fruta, alimento, picolé, suco, geleia, sorvete, vinagre e rins.	Folhas chá para cálculo renal. Vinagre: coloca o pó da entrecasca no caldo de cana por 1 semana no sol.
Algodão/ barbatimão	Candidíase	Banho de assento.

Canela	Enjoo, garrafada da mulher, resguardo.	Abortiva.
Canela de Ema	HIV, rins, hérnia umbilical e inguinal e banho pós-parto.	Folha e flor.
Cânfora do Campo	Útero, ovário, depurativo do sangue, anti-inflamatório, cicatrizante, alergia e garrafada da mulher.	Chá e banho da folha.
Capim Caboclo	Útero, ovário, depurativo do sangue, anti-inflamatório, cicatrizante, alergia e garrafada da mulher.	Chá ou banho.
Cinco Folhas	Tosse, uso veterinário: para cachorro que está perdendo o pelo.	Casca.
Chapéu de Coro	Insônia, cálculo renal, infecção urinária, diurético, ovário, reumatismo, depurativo do sangue e pressão alta.	Chá da folha. Secar a folha ao sol.
Copaíba	Anti-inflamatório, garganta, tosse, diurético, DST, regulador menstrual, curativo para umbigo de bebê, garrafada da mulher e xarope.	Óleo, chá da casca para banhar machucado, pingar 3 gotas direto na garganta, 1 colher de sobremesa para constipação intestinal. Passar no peito da mãe.
Cravinha (Mama veado)	Febre, bronquite, asma, coqueluche.	Raiz.
Douradinha	Útero, infecção urinária, rins, próstata, insônia, calmante e pressão alta.	Chá da folha e raiz, garrafada.
Enxofrinho	Picada de cobra.	Leite da raiz, uso imediato.
Erva de Bicho	Infecção urinária, vermífugo, enema e garrafada da mulher.	Folhas e flor, tomar o chá ou banho.
Erva Cidreira	Pressão alta, enema, banho em recém-nascido e travesseiro.	Tomar o chá ou banho.

Erva de São Caetano	Anticoncepcional, verme, queda de cabelo.	Tomar o suco da folha fresca. Tomar logo após a relação.
Favela	Calmanete e insônia.	Folhas para travesseiro e o tronco para cortiça.
Febre	Flor de sabugueiro, marcela e marcelinha.	Inalação de chá de Marcela.
Guaco	Gripe, pulmão, expectorante, depressão, tranquilizante e travesseiro.	Tomar o chá.
Guiné do Mato	DST, dente, veneno de cobra, trombose e garrafada.	Emplasto, colocar na ferida.
Hortelã	Resguardo, gases, prisão de ventre de bebê e gravidez.	Tomar o chá.
Imburana	Dor, cólica menstrual.	Cólica menstrual: chá
	prisão de ventre, pós-parto e rapé.	composto com alho, mastruz, arruda e noz moscada.
Ipê Roxo	Anemia, anti-inflamatório, cálcio, fortificante e garrafada da mulher.	Infusão da casca.
Jatobá	Tônico, ferro, expectorante, anemia, cálcio, pneumonia, imunidade, colesterol e garrafada da mulher.	Alimento: biscoito, pão de queijo, picolé, sorvete, mingau, vitamina, farinha e tapioca.
Língua de Tucano	Dor de garganta, amidalite, dor de dente.	Chá para gargarejo.

Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, Saber sistematizado, setembro de 2016. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Foto 24 - Registros fotográficos – Vivências com Dona Flor, conhecimento de plantas e ervas do cerrado realizado na Unidade Com Gaia em Setembro de 2016.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, vivência em saúde da mulher com Dona Flor. Mestrado em Geografia, Brasília, 2017.

Foto 25 - Registros fotográficos – Vivências com Dona Flor, conhecimento de plantas e ervas do cerrado.



Fonte: Eliana Aparecida Silva Santos Feitosa, vivência em saúde da mulher com Dona Flor. Mestrado em Geografia, Brasília, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa permitiu compreender como os moradores da Comunidade Tradicional do Moinho mantiveram e ainda mantêm suas práticas culturais na reafirmação de seu território, construindo sua identidade cultural sob diversas influências, uma vez que adotaram a religiosidade católica como cerne de suas manifestações culturais, recorrendo ao mesmo tempo a saberes trazidos de suas terras de origem ancestral e ao conhecimento adquirido no território que ocupam e hoje constroem novos traços culturais.

No processo de territorialização do capital nas atividades agrícolas do Cerrado, financiado, sobretudo, pelo Estado e em especial no estado do Goiás, demarcado como território fundamental para o avanço da fronteira agrícola, foi desconsiderado, de certa forma, a existência dos povos do Cerrado, comunidades tradicionais centenárias, indígenas e não indígenas.

Os incentivos por meio de financiamentos, programas e infraestruturas eram voltados principalmente para os produtores sulistas que já possuíam tradição e experiência na agricultura moderna. A expansão da agricultura moderna no Cerrado e em outras fronteiras agrícolas ocorreu em grande maioria por pessoas vindas das regiões Sul e Sudeste do país que diretamente interferem no cotidiano das comunidades tradicionais quilombolas na região da Chapada dos Veadeiros, em especial a Comunidade Tradicional do Moinho em Alto paraíso de Goiás.

As comunidades tradicionais hoje são considerados por vários segmentos da sociedade (pesquisadores, políticos, produtores rurais...) como *pioneiros e/ou desbravadores* do Cerrado. “A forma como este mito é colocado e aplaudido por muitos desconsidera literalmente a existência de pessoas, hábitos e culturas anterior à chegada dos sulistas para implantação das monoculturas”, enfim, faz o Cerrado ser visto como um local desabitado, sem presença de relações sociais (MATOS; SALAZAR, 2009, p.10).

Na região da Chapada dos Veadeiros, onde a Comunidade Tradicional do Moinho está localizada são comuns os ofícios de mateiros, raizeiras, benzedeiras, coletores de frutos exercidos por ambos os sexos. Estas pessoas detém um profundo conhecimento sobre o cerrado e hoje são muito procuradas por adeptos do viver natural mesmo em meio a pouca valorização dos ofícios tradicionais, da cultura de irrelevância em relação a medicina natural quilombola e a desvalorização do natural.

Há uma tendência que estas profissões ou ocupações, ganho, forma de trabalho e renda representem duas importantes características locais: a valorização do

conhecimento tradicional pelos moradores e a importância do Cerrado no contexto de quem vive na região e dele depende economicamente.

Através desta pesquisa para fins de dissertação, compreendeu-se que os modos de vida e o conhecimento tradicional transmitidos no dia a dia da Comunidade Tradicional do Moinho, são o patrimônio imaterial que corre o risco de não se perpetuar pela ausência de uma política de incentivo cultural quilombola que atenda especificamente os saberes e fazeres tradicionais sobre plantas, ervas e seus usos, parte da medicina natural quilombola.

Percebeu-se ao longo dos momentos de convívio que na Comunidade Tradicional do Moinho a aprendizagem ocorre em todos os convívios e espaços. A escola, a igreja, os festejos e celebrações são oportunidades para o convívio e aprendizado através da oralidade. Experiências, receitas e “modos de fazer” são compartilhados entre nativos e chegantes.

Todo este conhecimento está ameaçado pela modernidade, que se caracteriza pelo uso extensivo dos recursos naturais, pelo avanço da fronteira agrícola na região e na alteração nos sistemas hídricos que abastecem o lugar, influenciando diretamente o território utilizado para coleta de ervas. Hoje se caminha até 12 km para coletar as “ervas do mato” utilizadas na preparação de remédios da medicina ancestral quilombola.

É preciso ressaltar que povos tradicionais de matriz africana estão inseridos no Brasil em todas as regiões, Hoje muitas comunidades quilombolas são certificadas, o que deveria garantir o direito à territorialidade e acesso as políticas públicas de proteção e preservação dos remanescentes de quilombos, identidade e cultura deste grupo.

Na prática há pouca mudança, haja vista que a comunidade não recebe capacitação para compreender os direitos que a certificação garante. Este conhecimento é transmitido na maioria das vezes pelos movimentos sociais, atores sociais engajados na luta da reafirmação da negritude, sobretudo os integrantes do Movimento Negro Brasileiro e a academia que através de pesquisas de graduação e pós graduação minimizam a invisibilidade social destes grupos e faz a ponte entre a comunidade e o conhecimento de direitos e garantias constitucionais.

Recomendamos, que se observe a nomenclatura da comunidade, pois a palavra “povoado” remete a um povo que se reúne, uma micro significação de território, a conotação da palavra inferioriza os arranjos sociais existentes na Comunidade Tradicional do Moinho.

Outro elemento importante identificado na pesquisa é a necessidade de valorização da escola quilombola como lugar de saber e repasse de conhecimento formal e

tradicional. O risco de desativação da escola e transferência dos alunos para Alto Paraíso paralisa o movimento de compreender a escola como o lugar de memória afetiva para todos que nela estudaram, lugar que reafirma a identidade de uma comunidade que tem grande prazer no conhecimento e recebe diferentes grupos em busca de novas aprendizagens. É imperativo que definitivamente os processos, “tentativas” de fechamento das atividades escolares se finde, dando lugar a valorização da escola quilombola como lugar de saberes e troca de saberes, onde se aprende com quem quer ensinar, onde a cultura e identidade façam parte do currículo e do cotidiano.

A capacitação dos professores para atuar em uma escola quilombola deve ser realizada e a formação continuada deste profissional precisa ser prioridade. Implantação de EJA, Educação de Vens e Adultos também é importante, assim como oficinas de ofícios para os jovens da comunidade.

As comunidades tradicionais não recebem informações sobre seus direitos ao território, na Comunidade Tradicional do Moinho não foi diferente, a contribuição externa para disseminar o conhecimento jurídico e social dos direitos dos remanescentes quilombolas iniciou um processo de autorreconhecimento social antes do autorreconhecimento racial. ONGs, e a academia tiveram e ainda tem um importante papel na conscientização social deste grupo, fato social que se iniciou na década de 1980 com a atuação do WWF na região.

Entretanto, cabe ressaltar que a permanência dos moradores na Comunidade Tradicional do Moinho está diretamente ligada ao desenvolvimento rural sustentável e da manutenção de uma economia solidária que priorize as tecnologias sociais, a conscientização ambiental e as relações de pertencimento de quem vive no território tradicional, garantindo assim que suas terras tradicionalmente ocupadas perpetuem a identidade e cultura do povo quilombola.

Os saberes e fazeres tradicionais hoje estão sendo repartidos com nativos e chegantes, com o objetivo de promover a manutenção do patrimônio imaterial da Comunidade Tradicional do Moinho, o conhecimento tradicional. Recomendamos também auxílio e fomento através a troca de conhecimento através de oficinas, encontros, palestras que buscam disseminar estas informações e práticas, demonstradas no anexo através dos diversos folders que divulgaram tais eventos.

Dona Flor, os demais moradores da Comunidade Tradicional do Moinho compreendem que o ecoturismo pode ser uma alternativa de trabalho, renda e permanência no povoado, sobretudo os jovens que necessitam de capacitação para melhor atender aos turistas, para tanto, recomendamos que a secretaria de turismo

capacite os jovens da comunidade e implante um CAT, centro de atendimento ao turista na entrada da comunidade, interligado as redes sociais e com site próprio.

A região onde está a Comunidade Tradicional do Moinho possui inegável beleza cênica do Cerrado de altitude, as nascentes, córregos, rios e cachoeiras do lugar atraem turistas do Brasil e do Exterior, é preciso que divulgação do lugar tomar as proporções necessárias para a identificação não somente da beleza do bioma mas, da identidade e cultura dos grupos humanos que nele vivem, especialmente o quilombola, inaugurando na região o etnoturismo, o turismo científico que proporciona ambientação e análise prévia para estudos futuros.

Para tanto a organização social, seja pela Associação de Moradores da Comunidade Tradicional do Moinho, ou pelas lideranças femininas que intuitivamente já pensam na organização das mulheres, tem se reunido para discutir estratégias de desenvolvimento local, a partir da vocação para o ecoturismo, característica de comunidades distantes dos grandes centros que não deve camuflar a realidade ambiental atual.

É perceptível o entusiasmo local com estas novas possibilidades. Cada família tem buscado alternativa de fornecer algo que “agrade” aos turistas. Geléias, doces, pães, bolos, rapadura, melado, são alternativas, assim como as Vivências de Dona Flor, cursos e experiências vivenciadas, a visitação na cachoeira Anjos e Arcanjos podem se tornar elementos de um projeto de atendimento ao turista que tenha como escopo a qualidade e as características socioambientais do lugar.

Reiteramos que o acesso a Cachoeira Anjos e Arcanjos, que hoje é cobrado deve oferecer uma contrapartida aos moradores através da Associação Quilombola Povoado do Moinho, este recurso pode ser usado na organização de ações que desenvolvam o turismo local.

O conhecimento tradicional pode agregar valor ao que é produzido na Comunidade Tradicional do Moinho se esta capacitação e treinamento for oferecida à comunidade. O país neste momento passa por dilemas na administração dos recursos federais. Comunidades tradicionais de matriz africana possuem um histórico de abandono governamental, necessitam de políticas públicas que ofereçam estratégias de desenvolvimento rural sustentável, que priorizem a permanência das comunidades tradicionais em seu meio ancestral.

Manter os povos tradicionais no bioma em que vivem proporciona a manutenção do conhecimento sobre plantas e ervas e a preservação dos ecossistemas. Nas narrativas

percebe-se que os moradores do Povoado possuem grande preocupação com as futuras gerações, emprego e renda sempre estão nas conversas como motivo de reflexão.

O papel da Associação de moradores e dos líderes locais da comunidade como um todo hoje é de promover novas possibilidades de desenvolvimento sustentável para a Comunidade Tradicional do Moinho, a partir do repasse e manutenção do patrimônio imaterial, o conhecimento tradicional.

O conhecimento tradicional sobre plantas, ervas e seus usos, forma de produção, cuidado e manipulação que são repassados de geração a geração, porém quando sistematizados passam a ampliar a histórica invisibilidade social de comunidades tradicionais e é uma importante ferramenta do desenvolvimento sustentável local, assim como o artesanato, a confecção de bonecas, o tear, os tapetes, artesanato com cascas e flores secas do Cerrado, geleias, compotas e doces como a rapadura também são elementos do conhecimento repassado de geração a geração.

As receitas e forma de preparo são herdadas, os utensílios como tacho, colher de pau, formas de madeira também são compartilhados entre as famílias, parte de um patrimônio imaterial que precisa ser amplamente divulgado, sob pena de se perder no tempo.

A sabedoria de transformar os elementos naturais em xaropes e garrafadas e agregar potencialidades medicinais para variados usos são uma atividade importante econômica para as comunidades tradicionais e hoje é fonte de renda e atração turística para aqueles que buscam tratamentos alternativos e naturais. Na Comunidade Tradicional do Moinho à venda na “farmacinha de Dona Flor” reflete o potencial econômico para remédios de plantas “do mato”, e expressa a identidade e cultura de quem vive no Cerrado.

Mas, o que é o Moinho? Sua beleza local remete às riquezas e belezas do Cerrado. Sua importância não está somente no convívio do morador com a natureza, na simbiose e o respeito que se nutre pelas belezas naturais do lugar. A beleza está no convívio: nativos e chegantes são os moradores da comunidade, o quilombola é quem se auto-identifica como quilombola, quem compreende o que é ser quilombola dentro deste contexto de retirada de direitos e perda gradativa e pontual do seu território, e não são negros fugidos! são camponeses negros, ser quilombola é uma estratégia de afirmação.

Cabe observar e recomenda-se a ampliação das estratégias reafirmação social, muitos ainda estão no processo de identificação social e racial. Somos todos quilombolas!

Não se distingue, nem separa-se o quilombola de seu lugar, seu território, ambos vivem em relação sinérgica com o bioma em que estão inseridos, oferecendo assim,

sobretudo um importante aprender a pesquisadores, moradores locais, estudantes de graduação e pós-graduação e apreciadores das belezas e riquezas do Cerrado: resistir e viver na pós-modernidade, a partir da compreensão da Etnogeografia Quilombola.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ludmila Moura de Souza; CAMARGO, Amábilio José Aires. **Cerrado**: ecologia e Caracterização. Planaltina –DF, Embrapa Cerrados, 2004.

AGUIAR, Vinicius Gomes de. **Sítio histórico Kalunga (GO)**: relevo e sua relação com o uso e a ocupação das terras. Disponível em <https://www.odonto.ufg.br/up/133/o/vinicius_territorio.pdf> 2011

ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV. 2004. Disponível em <http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>, acesso em 05 jun. 2016.

ALBUQUERQUE, José Augusto Martinez. A construção do espaço na Chapada dos Veadeiros. In DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Tristes Cerrados** – sociedade e biodiversidade. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto Editora, 2005.

ALENTEJANO, Paulo Roberto; ROCHA LEAO, Otavio M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, jul, 2006, n° 84, pp. 51-69.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil Sertanejo. In, (ORG). SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online] EDUFBA, 2008. Disponível em < <http://static.scielo.org/scielobooks/bk/pdf/serpa-9788523211899.pdf>> acesso em janeiro de 2017.

ALTIERE, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Cidade: Editora Expressão Popular, 2012.

AMARO, Luiz Carlos. (org). **Afrobrasileiros**: história e realidade. Porto Alegre: Est. 2005. Disponível em <w.scielo.br/img/revistasww/ensaio/v23n88//1809-4465-ensaio-23-88-0567-gf01> acesso em janeiro de 2016.

ANJOS. Rafael Sanzio dos. **Africabrazil**: atlas geográfico. Brasília. Mapas: editora e consultoria LTDA, 2014.

_____. **Cartografia e cultura**: territórios dos remanescentes dos quilombos no Brasil, in VIII Congresso Luso- Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro de 2014. Disponível em

SERPA, Angelo (org). **Espaços Culturais vivências, imaginações e representações. Espaços Culturais vivências, imaginações e representações.** Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/bk/pdf/serpa-9788523211899.pdf>> acesso em janeiro de 2017.

ANJOS, Rafael Sanzio dos. **A utilização dos recursos da cartografia conduzida para uma África desmistificada.** Revista Humanidades. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 6, n. 22, p. 12-32, 1989.

ANJOS, Rafael Sanzio dos. **Quilombolas: tradições e cultura da resistência.** São Paulo: Aori Comunicação, São Paulo: Petrobras, 2006.

_____. **Cartografia da diáspora: África Brasil.** Revista da ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out. 2011.

_____. **Geografia, Cartografia e o Brasil africano: algumas representações.** Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume Especial Cartogeo, p. 332-350, 2014.

_____. **Sítio histórico kalunga (go): relevo e sua relação com o uso e a ocupação das terras.** Disponível em <https://www.odonto.ufg.br/up/133/o/vinicius_territorio.pdf> 2011

ANJOS, Rafael Sanzio dos; CYPRIANO, André. **Quilombolas – tradições e cultura da resistência.** Aori Comunicações. São Paulo: Petrobras, 2006.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e história no processo de formação quilombola.** Editora Edusc, 2005.

ATTUCH, Iara Monteiro. **Conhecimentos tradicionais do cerrado sobre memória de Dona Flor, raizeira e parteira.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social, 2006. Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2549/1/2006_laraMonteiroAttuch.pdf> acesso em agosto de 2016.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga Povo da Terra.** 3º edição, Editora UFG, 2013.

_____. **Negros do Cedro.** São Paulo: Ática: Pró-Memória- INL, 1983.

_____. **Kalunga: Liberdade e cidadania.** Revista do ICHL, Goiânia, v4, n2 jul/dez 1984.

BEVILLAQUA, Gilberto Antônio Peripolli. (ORG.) **Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2007, Disponível em <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/994218/1/Art.007.2013AGRICULTORES_GUARDIOES_DE_SEMENTES.....pdf> acesso em dezembro de 2014.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 10 de outubro de 2015.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Biodiversidade do Cerrado e Pantanal: áreas e ações prioritárias para conservação** – Brasília: MMA, 007.50 p.:il. color. (Série Biodiversidade 7), 2007.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Uma história do povo kalunga** / Secretaria de Educação Fundamental - MEC; SEF, Brasília. 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001936.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2015.

BURSTYN, Marcel. Prefácio *in* DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Tristes Cerrados** – sociedade e biodiversidade. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participativa**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Nome completo

BONNEIMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In. Correa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny. **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2002 p. 83-132.

CAMPOS, Tamara Correia Alves. **Conhecimento Popular de Dona Flor, Raizeira e Parteira: Efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito**. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Saúde Coletiva.- Universidade de Brasília, 2013. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6928/1/2013_TamaraCorreiaAlvesCampos.pdf> acesso em janeiro de 2016.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Quilombo, território e Geografia**. Revista Agrária, São Paulo, nº 3 pp. 156-171, 2006. Disponível em <<http://www.journals.usp.br/agraria/article/viewFile/92/91>> acesso em dezembro de 2016.

CASTRO, Edna. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais.** Papers do NAEA Nº 092. ISSN 1516-9111 Belém, 1998.

CHAIM, Marivone Mato. **Aldeamentos indígenas em Goiás.** Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, 1973.

CHIZOTTI, Antonio. **A pesquisa em ciências humanas e sociais.** SÃO PAULO: Cortez, 1991.

CLAVAL, Paul. **Geographie Culturalle.** Paris: Nathan, 1995.

_____. **A Geografia Cultural.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

_____. **La géographie du XXI siècle.** Paris: L' Harmattan, 2003.

_____. Introdução, uma, ou algumas abordagem (ns) cultural (is) na Geografia Humana? ISERPA, Angelo (org), **Espaços Culturais vivências, imaginações e representações,** SERPA, Cidade: EDUFBA, 2008. Disponível em <<http://static.scielo.org/scielobooks/bk/pdf/serpa-9788523211899.pdf>> acesso em janeiro de 2017.

_____. **O território na transição da pós modernidade.** Geographia, Rio de Janeiro, ano 1. Nº 2. P. 7-26, 1999.

CLAVAL, Paul e SINGAREVELOU. **ETHNOGEOGRAPHIES.** Paris, L' Harmattan. 1995. Revista Espaço e Cultura, UERJ. RJ, N. 7, p 81-82. jan/jun de 1999.

CRUZ, Valter do Carmo. **Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia.** IN: ARAÚJO, Frederico G. B. Haesbaert, Rogério. Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acesso, 2007, p.93-121.

CORREA, José Lobato. **A dimensão cultural do espaço.** Revista Espaço e Cultura, 1995. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/3479/2409>> acesso em março de 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa qualitativa:** em busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Revista latino americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, abr, 1988, v6, n.2, pp. 89104.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Farmacopeia Popular do Cerrado**. Articulação Pacari, 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação**; novos rumos para a proteção da natureza nos tópicos. 2º Edição, Editora Hucitec, 2000.

DUARTE, Laura Maria Goulard e Braga; SANTANA, Maria Lúcia. **Tristes Cerrados: Sociedade e Biodiversidade**. Brasília, 1998.

ERRANTE, Antoinete. **Mas afinal a memória é de quem?** Histórias orais e Modos de lembrar e contar: História da educação/ ASPHE, Pelotas: Ed. Da UFPd, nº 8, p. 140174, 2000.

FARIA, Magda Eva de. Agricultura moderna, Cerrados e meio ambiente. *In* DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Tristes Cerrados – sociedade e biodiversidade**. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998.

FERREIRA, Jonathas Felipe Aires. **A Economia Solidária na Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso/GO**. Monografia apresentada ao Curso de Gestão Ambiental da Universidade de Brasília. 2013. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6068/1/2013_JonathasFelipeAiresFerreira.pdf> acesso em agosto de 2015.

FEITOSA, Eliana Aparecida Silva Santos. **Dona Flor: Cerratense, Raizeira e Parteira do Moinho**. *In* Revista Xapuri Socioambiental, edição. Disponível em <<https://www.xapuri.info/conhecimento-tradicional/dona-flor-cerratenseraizeira-e-parteira-do-moinho/>> acesso em agosto de 2016.

HALL, Stuart - **A Identidade em Questão: Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 2005.

HAESBAERT, R. (1999). Identidades Territoriais. *In* Z. Rosendahl & R. L. Corrêa (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço** (pp. 169- 190). Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

HISSA, Carlos Eduardo e OLIVEIRA, Janete R. **O Trabalho de campo**: reflexões sobre a tradição geográfica. Boletim goiano de Geografia, Goiânia, jan-dez. 2004, v.24 pp, 31-41.
HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia humanista**. TERRITÓRIO. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 77-85, jul/dez, 1997.

LARANJEIRA, Nina Paula; MEIRELES, Cristiane da Costa; GASPARINI, Carla Beatriz. (Org.). **Povoado do Moinho**: Alto Paraíso de Goiás. Brasília: Universidade de Brasília,

Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros, 2012. 32.p; 15 cm (Coleção Riquezas da Chapada dos Veadeiros; 3).

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural- algumas concepções. IN **Geografia Cultural uma antologia** V.II, Editora UERJ, 2013.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental**. 2º Edição. Cortez Editora, 2010.

LIMA, Luana Nunes Martins. NAZARENO, Elias. **Manifestações culturais em território Kalunga**: A festa de nossa senhora de aparecida como elemento de (re)afirmação identitária e reaproximação étnica. REMIE - Multidisciplinary Journal of Educational Research Vol. 2 No. 1 February 2012. pp. 105-127

LIMA, Luiz. **Entre Cimos Nublados, uma solidão selvagem, uma coreografia contemporânea da Chapada dos Veadeiros**. 2º Edição, 2001.

MAZZETO SILVA, Carlos Eduardo. Ordenamento territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. In. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 19, jan-jun, Curitiba: Editora UFPR, 2009, pp. 89-109. Disponível em: <
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/16407/10887>> acesso em 25 de novembro de 2014.

MENDES, Xiko. **Eco-história Local**: Formoso em Sala de Aula, Formoso-MG: Unifam, 2007.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **OS QUILOMBOS E A REBELIÃO NEGRA**. Tudo é história. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

MUNANGA, Kabelele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, v. 28, p. 56-64, 1995.

NELSON, Bob. LUNDIN. Stephen. **Ubuntu!**: An Inspiring Story About an African Tradition of Teamwork and Collaboration. Editora Norma, 2010.

NEVES, M. W. M. (2007). **Festa do Vão Moleque**: religiosidade e identidade étnicocultural. Unpublished master's thesis, Universidade Católica de Goiás, Goiás, Brasil.

NOGUEIRA, Mônica. **Gerais a dentro a fora. Identidade e Territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais.** Coleção Mil saberes, 2014.

O`DURYER, Eliane Cantarino. **Territórios negros na Amazônia:** práticas culturais, espaço memorial e representações cosmológicas. IN SIGNIFICADOS DA TERRA. Woortmann, Ellen F. (org.) Editora universidade de Brasília, 2004.

OLIVEIRA, Fernando Bruno. **Espaços negros na região metropolitana de Goiânia:** um estudo etnogeográfico da comunidade jardim cascata. V Simpósio Nacional de ciência e Meio Ambiente – Anais eletrônicos. PPSTMA – Unievangélica – 2014. Disponível em <http://ppstma.unievangelica.edu.br/sncma/anais/anais/2014/2014_st12_008.pdf > acesso em dezembro de 2016.

PAULILLO, M. A. S. **pesquisa qualitativa e história de vida.** Serv. Soc. Ver. Londrina, v. 2, n.2, p. 135-148, 1999. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/n1v2.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar; RAMIRES, Júlio César de Lima. **Amostragem em pesquisa qualitativa:** subsídios para a pesquisa qualitativa. IN, pesquisa qualitativa em Geografia, Editora Faperj, 2013.

POUPART, Jean. **A entrevista de tipo qualitativo:** considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In. POUPART, Jean (Org.). A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos, tradução de Ana Cristina Arantes Nasser, Editora Vozes, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RETAILLE, D. **Etnogeographie:** naturalismo des formes sócio-espaciales. IN CLAVAL. Paul. Singaravelou, (Orgs) Etnogeographies. Paris: L. Harmattan, 1995. P.17-38.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, J. F. et al. **Os principais tipos fitofisionômicos da região dos Cerrados. Planaltina:** EMBRAPA/CPAC, 2001. (Boletim de pesquisa, 21).

RISSO, Luciene Cristina. **Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural.** Revista Terraplural, Ponta grossa, v.8 p. 309-339, jul/dez. 2014. Disponível em < <file:///C:/Users/ISCP-DEC/Downloads/6438-26062-1-PB.pdf> > acesso em dezembro de 2016.

RODRIGUES, Ludmila de Miranda; DEUS, José Antônio de Souza de Deus; BARBOSA, Liliâne de Deus. **Reafirmação da Identidade Étnica, Etnossustentabilidade e Reterritorialização Quilombola no Vale do Jequitinhonha:**

Estudo de Caso do Sítio Histórico de Alto dos Bois – Município de Angelândia – Minas Gerais/ Brasil. Nas perspectivas etnogeográficas e etno-histórica. 2014 Disponível em <

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/04.pdf> > acesso em dezembro de 2016.

ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural**. Editora UERJ, 2013.

SACK, Robert David. **Human Territoriality**. Its teory and history. Cambridge: University Press, 1986.

PESSOA, Salazar Vera Lúcia; MATOS, Patrícia Francisca. **Territorialização da agricultura moderna na região da estrada de ferro (Goiás) e as modificações no espaço agrário**. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRARIA, São Paulo, 2009, pp. 1-

18. Disponível em <
http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Matos_PF.pdf>2009.

SALGADO-LABOURIAU, Maria Léa. Alguns aspectos sobre a paleoecologia dos Cerrados. In: SCARIOT, Aldicir; SOUSA-SILVA, José Carlos; FELFILI, Jeanine M. (orgs.) **Cerrado: ecologia, biodiversidade e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005, pp. 108-118.

SANTOS, Izequias Estevam. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**, Niterói, R.J., 2013.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes; RODRIGUES, Livia Penna Firma; NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Saberes e Fazeres tradicionais do Cerrado: A experiência de Dona Flor**. Decanato de Extensão, Universidade de Brasília, 2011.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes; Monica C.R. Nogueira; CRUZ, T. C. S. ; RIVERA, R. **Saberes e fazeres tradicionais do Cerrado: sabão de tingui (Magonia pubescens)**. Brasília, DF: Decanato de Extensão, Universidade de Brasília, 2012 (Cartilha).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Cortez, 2007

SILVA, Tomaz Tadeu da (org), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. Editora Vozes, 2014.

SILVA, Giselda Shirley, SILVA, Vandeir José. **Quilombos brasileiros**: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. Revista Mosaico, v 7, n.2, p. 191-200, jul/dez. 2014. Disponível em < <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/viewFile/4120/2352>> acesso em maio de 2017.

SILVA, Cleide Bezerra da. **Chapada dos Veadeiros: uma utopia em construção ou um novo discurso para velhas práticas?** In DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Tristes Cerrados** – sociedade e biodiversidade. Brasília: Editora Paralelo 15, 1998.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007, Disponível em< <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>, acesso em maio de 2016.

SPÍNDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida**: percalços de uma pesquisa (dora ?). Revista da escola de Enfermagem da USP 2003 pg. 119 -128. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000200014>. Acesso em 20 de dezembro de 2016).

TEIXEIRA, Karla. **Tantos cerrados legitimam o eu Kalunga – uma análise a partir dos usos e ocupação do território quilombola Kalunga do nordeste goiano**. 2015. Blog Ser Geógrafo. Disponível em< <http://geografiaminacu.blogspot.com.br/p/karla-teixeira.html>> acesso em maio de 2017. Acesso em maio de 2016.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. **Trabalho de campo**: o laboratório por excelência do geógrafo. Geografia passo a passo (ensaios críticos dos anos 1990). Presidente Prudente: centelha, 2005, pp. 31-39.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, YI-FU. Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, Difel, 1980.

WOORTMANN, Ellen F. **Significados da terra**. Editora Universidade de Brasília, 2004.

WWF Brasil . **Fitofisionomias do Cerrado**, 2017. Disponível em < http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/bioma/cobertura_vegetal/> acesso em 20 de março de 2017.

ZAGO, Nadir. **A entrevista e seu processo de construção**: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir et all. *Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro; DP&A, 2003.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org): **Geografia Cultural: Um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp.111-167, 2000 (originalmente publicado em inglês em WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin (org): *Readings in Cultural Geography*. Chicago: University of Chicago Press, 1962).

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

APENDICES

APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA MORADORES DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DO MOINHO.**

1-NOME:

2-IDADE:

3-NASCEU NO MOINHO? () SIM () NÃO.

4-TEM FILHOS?

5-PROFISSÃO (OCUPAÇÃO):

6-RELIGIÃO:

7-COMO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE UTILIZOU ERVAS E PLANTAS DO 8-8-

8-CERRADO COMO REMÉDIO?

9-QUAIS ATIVIDADES DESENVOLVE NO MOINHO LIGADA AO TURISMO?

**10-QUAIS OS PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS NA
COMUNIDADE?**

**11-O QUE É PRODUZIDO, EM TERMOS DE HORTALIÇAS E VERDURAS NA
COMUNIDADE?**

12-QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A ESCOLA DO MOINHO?

ANEXOS

ANEXO 1 – Comemoração Dia Internacional da Parteira.

ANEXO 2 – Convite Título de Celebridade do Alto conferido a Dona Flor.

ANEXO 3 – Oficina conhecimentos sobre parto e nascimento.

ANEXO 4 – Convite vivência com Dona Flor no Flor de Ouro.

ANEXO 5 – Verso do convite Vivência com Dona Flor no Flor de Ouro.

ANEXO 6 – Vivências com Dona Flor.

ANEXO 7 – Oficina de cuidados.

ANEXO 8 – Ata da Associação Quilombola do Povoado Moinho.

ANEXO 9- Autorização Dona Flor.

5 de Maio

Dia Internacional das Parteiras

No mundo todo, elas são as *comadronas, nanas, midwives, sage-femmes.*

Nos interiores do Brasil, são as pegadoras de menino, comadres, aparadeiras, mães de umbigo, detentoras dessa arte de botar

gente no mundo, por solidariedade ou para suprir uma necessidade da comunidade onde vivem.

Grande parte aprendeu sozinha a partejar, apalpando e escutando barrigas, observando, investigando e experimentando, como Dona Flor, do Moinho.

No Brasil, são cerca de 60 mil parteiras.

Ajude a contar a história de Dona Flor, parteira e raizeira que vive na Chapada dos Veadeiros, Goiás.

<https://www.catarse.me/pt/flordomoinho>



ANEXO 2- Convite Título de Celebridade do Alto conferido a Dona Flor.



CELEBRIDADES DO ALTO

A Associação Veadeiros irá conferir à parteira, raizeira e agente de saúde conhecida como Dona Flor, 77 anos, o título: **CELEBRIDADE DO ALTO**, por ser matriz e fonte de riqueza sociocultural da Chapada dos Veadeiros. Convidamos todos para participar dessa grande celebração.

Música ao Vivo e Participação da produção do documentário "Flor do Moinho"

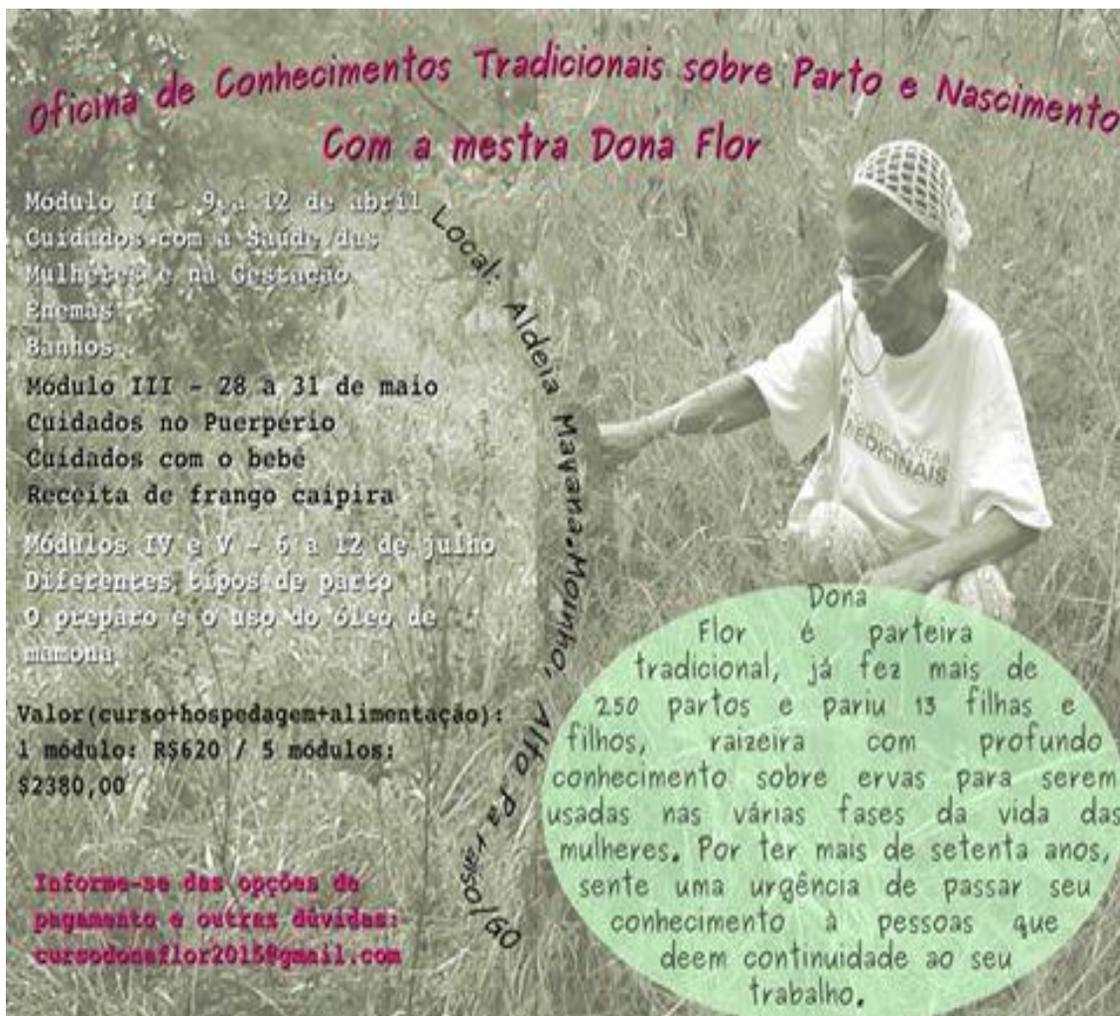
22/11/2015 - Domingo / 09:45h
Local: Auditório da Associação Veadeiros , ao lado do Restaurante Tapindaré
Entrada Franca

O título CELEBRIDADE DO ALTO é ofertado pela Veadeiros aos homens e mulheres que contribuem para o desenvolvimento cultural, social, ambiental e inclusivo na Chapada dos Veadeiros.

ASSOCIAÇÃO
Realização: **Veadeiros**

Dona Flor

ANEXO 3 – Oficina conhecimentos sobre parto e nascimento.



Oficina de Conhecimentos Tradicionais sobre Parto e Nascimento
Com a mestra Dona Flor

Módulo II - 9 a 12 de abril
Cuidados com a Saúde das Mulheres e na Gestação
Enemas
Banhos

Módulo III - 28 a 31 de maio
Cuidados no Puerpério
Cuidados com o bebê
Receita de frango caipira

Módulos IV e V - 6 a 12 de julho
Diferentes tipos de parto
O preparo e o uso do óleo de mimonha

Local: Aldeia Maviana, Moinho, Alto da Raíssa / 091

Valor (curso+hospedagem+alimentação):
1 módulo: R\$620 / 5 módulos:
\$2380,00

Informe-se das opções de pagamento e outras dúvidas:
cursoadonaflor2015@gmail.com

Dona Flor é parteira tradicional, já fez mais de 250 partos e pariu 13 filhas e filhos, raizeira com profundo conhecimento sobre ervas para serem usadas nas várias fases da vida das mulheres. Por ter mais de setenta anos, sente uma urgência de passar seu conhecimento à pessoas que deem continuidade ao seu trabalho.

ANEXO 4- Convite vivência com Dona Flor no Flor de Ouro.

Dharma Filmes, Savana Brasil, Flor de Ouro e Central de Turismo fraternamente organizam e orgulhosamente apresentam:

“Jardim dos Cuidados da Mulher” VIVÊNCIA COM DONA FLOR NA CHAPADA DOS VEADEIROS/GO

O PROGRAMA

30/03, sexta-feira, final de dia
Chegada no Flor de Ouro, acomodação e jantar de boas vindas com rede de apresentação. Festa de cinema espiritual.

31/03, sábado, dia inteiro
De manhã com Dona Flor, vamos fazer coleta e identificação de ervas na cidade. De tarde: Vamos aprender a manipular as ervas e fazer a garrafada para a cidade feminina.

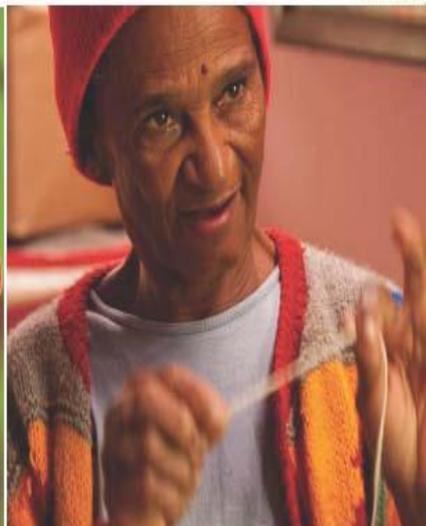
01/04, domingo, até a tarde
De manhã visita com Ellen, do Flor de Ouro. Tratamento com orquídeas e ervas, sauna e banho de rio. Tarde de confraternização e encerramento.



Uma oportunidade única. Vivência para grupo de mulheres no Flor de Ouro, uma comunidade de vida natural e holística estabelecida desde o s anos 80 na região do Moinho, Chapada dos Veadeiros. Garanta já sua presença!

ANEXO 5 – verso do convite Vivência com Dona Flor no Flor de Ouro.

Data: de 30 de março (chegada no fim do dia) a 1^o de abril de 2012 (término após o almoço)
Local: Flor de Ouro - Povoado do Moinho, Alto Paraíso/GO - Chapada dos Veadeiros (flordeourovidanatural.blogspot.com)
Investimento: R\$ 250, com depósito/sinal de R\$ 125. Inclui duas diárias de hospedagem em quarto coletivo (com late check-out no domingo) ou acampamento (se preferir), alimentação completa (café da manhã, almoço, lanche e janta), material utilizado nas vivências (argila, vinho doce, ervas e óleos) e energia de troca financeira para a Dona Flor.
Forma de pagamento: R\$ 125,00 de sinal para garantia da vaga, a ser depositado no Banco do Brasil, agência 4546-2, Alto Paraíso/GO, conta corrente 7722-4, em nome de Paulo Alexandre Medeiros. O restante no ato de inscrição, na chegada.
OBS: Traga 02 garrafas de vidro com tampa ou rolha para fazer sua garrafada (serve de suco, vinho ou cerveja).



SOBRE A DONA FLOR

Dona Flor é parteira tradicional residente no Moinho, em Alto Paraíso, na Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Já atendeu mais de 300 partos e pariu sozinho 13 dos seus 18 filhos. Também é raizeira com um profundo conhecimento sobre as ervas indicadas para serem usadas nas várias fases da vida da mulher. Com pouco mais de 70 anos de idade, diz que quer transmitir o que sabe para que outros homens e mulheres possam ajudar no parto e nascimento.

CONTATOS

Conteúdo: Ana Cristina - Fone Vivo: (061) 9409-9612 / Tim: (062) 9107-5285 / Email: anacristina@delarmofilmes.com.br

Logística: Paulo Alexandre - Fone Vivo: (062) 9602-9849 / Tim: (062) 9236-8397 / Email: pauloalex@hotmail.com

Divulgação: Melissa Maurer - Fone Vivo: (062) 9619-8103 / (062) 3449-1146 / Email: centralsturimo@gmail.com

ANEXO 6 - Vivências com Dona Flor.

Ciclo de Vivências com a Parteira e Raizeira Dona Flor

Dona Flor,
quilombola do Moinho/ Alto Paraíso-GO, pariu 18 filhas e filhos, acompanhou 324 partos como parteira, cuidou de inúmeras crianças e adultos/as. Trabalha com plantas medicinais do Cerrado e de quintal, com amor e fé em todos os aspectos da saúde, especialmente da saúde das mulheres.



1ª Vivência: Saúde das Mulheres

- ** Preparo e modo de uso da Garrafada da Mulher
- ** Conversas sobre menstruação, infecções, miomas, cistos, preparo pra gravidez.

30 de abril
1º de maio

Moinho, Alto Paraíso/GO

Valor de Troca: 500,00

Inclui: Hospedagem a partir de sexta à noite, alimentação e material virtual.

Temos Bolsas!

Informações e inscrições até 27 de abril:

grupomatriusca@gmail.com (61) 30281455

Matriusca

ANEXO 7 – Oficina de cuidados.

OFICINA DE CUIDADOS NATURAIS PARA AUXILIAR NOS PRIMEIROS SOCORROS

Trabalho feito com: ervas, entre casca, sementes, argila, florais e óleos medicinais, com a pureza dos cristais da Chapada dos Veadeiros, com conhecimentos ancestrais e populares, aprenderemos a nos fortalecer e auxiliar com técnicas de alongamentos, Pranayamas (técnicas de respiração) preparação de remédios para os cuidados em primeiros socorros domésticos para adulto e crianças

Vivência inclui:

12 horas de curso prático e teórico;

Material do curso e ao final todos levarão uma mostra da vivência para casa.



Jeanaina

Antonio

Dona Flor

Dona Flor, conhecimento popular, raizeira e parteira da tradição.

Jeanaina Subiabre Calderon, terapeuta holística, profª de Kundaline Yoga e Numerologa Tântrica, doula.

Antonio Carlos Pires Ferreira

Mestre em Pediatria pela Escola Paulista de Medicina Universidade Federal de São Paulo
Especialista em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)
Especialista em Terapia Intensiva Pediátrica pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)
e Associação de Medicina Intensiva Brasileira (AMIB)

Data: 11 de Julho Sábado de 08:30 às 12:30 hs / 14:30 às 18:00 hs

12 de Julho Domingo de 09:30 às 13:30 hs

Valor: R\$ 440,00 parcelado em até 3x de R\$ 160,00

Contato: Jeanaina 62-9601 8313 ^{vivo} musicoterapiasur@yahoo.es

Face Book: Adi Shakti Brasil

Mel: 61-9826 9311 ^{vivo} 61-8319 2883 TM

Pousada **ADI SHAKTI** Alto Paraíso de Goais
Chapada dos Veadeiros

ANEXO 8 – ATA DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO POVOADO MOINHO

Ata nº2

Da Eleição e posse da Diretoria da Associação Quilombola do Povoado Moinho

Aos vinte e três dias do mês de Agosto de dois mil e quatorze, às dezesseis horas e cinquenta minutos, na CEPRODEUS (Comunidade Evangélica Projeto de Deus) situada no Povoado Moinho, Município de Alto Paraíso de Goiás. Reuniu-se em Assembleia Geral a Comunidade para eleição e posse da diretoria da Associação Quilombola do Povoado Moinho. O senhor Mariano de Almeida Falcão Bispo Presidente da Comunidade Evangélica Projeto de Deus fala sobre o compromisso de se assumir um cargo do Conselho Executivo Geral e a senhora Marta Ivone de Oliveira Ferreira, Superintendente para a Promoção da Igualdade Racial, fala que é muito sério esse compromisso, pois a pessoa terá que representar a Comunidade em Congressos, Seminários e em outros lugares em que for chamado. O Bispo Mariano Almeida Falcão explica para a comunidade o que uma diretoria de uma Associação faz. Em seguida é apresentada a diretoria para eleição: presidente: Noabio Luiz de Moura; vice-presidente: Lucas Luiz Gomes; primeiro secretário: Marcelo Inácio Moura Cruz; segunda secretária: Glessiana Luiz Gomes; primeiro tesoureiro: José Bernardes Dias; segundo tesoureira: Helena Maria da Conceição Gomes; conselho fiscal: Raferson de Moura Ferreira; Andréia da Cruz Moura; Carlos Mariano de Souza. Em seguida deu-se a votação da diretoria apresentada sendo unânime a aprovação pelos presentes na Assembleia. Em seguida deu-se a posse da mesma. Não havendo mais nada a relatar dou por encerrada a presente ata a qual eu, Marcelo Inácio Moura Cruz, secretariei, redigi e assino. Abaixo assinatura da atual diretoria eleita. Em anexo lista de presença

1. Presidente: *Noabio Luiz de Moura*
2. Vice- presidente: *Lucas Luiz Gomes*
3. 1º Secretário: *Marcelo Inacio Moura Cruz*
4. 2º Secretária: *Glessiana Luiz Gomes*
5. 1º Tesoureiro: *Jose Bernardes Dias*
6. 2º Tesoureiro: *Helena M^o da C. Gomes*
7. Conselho Fiscal:
 1. Andréia da Cruz Moura *Andréia da Cruz Moura*

SERVIÇOS DE NOTAS

[Assinatura]
2014-08-23

02

- 2. Raferson de Moura Ferreira *Raferson de Moura Ferreira*
- 3. Carlos Cezar Mariano de Sousa *Carlos Cezar Mariano de Sousa*

Irany de Almeida Campos, Andreia Cruz Moura, João da Cruz Moura, Hélio de Moura Santos, Juraci Xavier Gonçalves, Rosimeire Xavier, Ananias Borges Santana, Rosimeire R. Borges, Elisangela Borges Santana, Ieda Maria Borges Santana, Albino Xavier, Aridiano Xavier, Inocencio Xavier, Marcos de Moura Ferreira, Noábio Luiz de Moura, Lucas Luiz Gomes, Raferson de Moura Ferreira, Maria Sebastiana F. Morais, Ermiro Leite de Morais, Abadio Almeida, José Bernardes Dias, Marcelo Moura Cruz, Gabriel R. da Costa, Talita Luiz de Moura, Natanael Santana dos Santos, Raquel Moura Ferreira, João Paulo de Almeida Moura, Raimundo Ferreira da Costa, Nelson Santina Luiz de Moura, Denezita Leite de Morais Sodré, Sayla Katrine Dias Saraiva, Silvani Luiz de Moura, Leonardo Xavier Gonçalves, Gessé Garcêz Borges, Marcondes Dias Bernardes, Silvana de Moura Santos, Delvani Luiz de Moura Xavier, Santina Luiz de Moura, Eber de Almeida Gonsalves, Expedito Xavier Gonsalves, Cireny Neres Bernardes, Hildo Fernandes Crisostomo, Rozidelma Xavier Gonçalves, Roberto de Moura, Valdireny Neres Santiago Gonçalves, Elizabete Xavier Gonçalves, Deilson Luiz de Moura, Gleice Aparecida Falcão Bernardes, Ana Maria Ribeiro Falcão, Alessandra Almeida Falcão, Mariana Almeida Falcão Bastos, Janaina Ribeiro dos Santos, Lourenço de Farias Sodré, Maine F. Moura, Franciele F. Moura, Florentina Pereira Santos, Ines Xavier Gonsalves, Delvani Gomes Pereira, Diraci Luiz de Moura, Elaine Luiz de Moura, Tatiele Luiz de Moura, Mariana Ramos de Oliveira, Gean Pedroso da Silva, Mardonio Dias Bernardes, Carlaille Gabrielle Almeida Carvalho, Maria Helena da Conceição Gomes, Neuza de Moura Santos Costa, Carlos Cesar Mariano de Sousa, Maria Conceição de Moura Gomes, Glessiana Luiz Gomes, Ana Glecia Luiz Gomes, Domingos Luiz Gomes, Eduardo de Moura Ferreira, Dariana Luiz de Moura, Alaine de Moura Ferreira, Gerson de Moura Santos, Samire Nadine Falcão Bernardes, Jaqueline de Oliveira Santos, Vanusa Mendonça Silva Gomes

[Handwritten signature]
015/60 31-748

REGISTRO DE IMOVEIS E ANEXOS - COMARCA DE AITO PARAÍSO DE GOIÁS - Serviços de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos, das Pessoas Jurídicas, das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas de Apto Paraiso de Goiás - Oficial Designada ALESSANDRA RODRIGUES DINIZ

00441309434526094000051 - Consultar em: <http://extrajudicial.tpo.luz.br/leis>

Protocolo: 3.797 - Registro: 1734

Alto Paraiso de Goiás - GO, 05 de setembro de 2014

Alessandra Rodrigues Diniz - Oficial Designada





**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Anexo 8 – autorização de uso de imagem, voz e relato.

TERMO DE ANUÊNCIA

A presente pesquisa de campo feito junto aos moradores da Comunidade Tradicional do Moinho desenvolvido pela estudante de pós-graduação **ELIANA APARECIDA SILVA SANTOS FEITOSA** é parte da dissertação **Identidade e Cultura: estudo etnogeográfico da Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás**, não tendo uso para fins econômicos, reiteramos que qualquer uso de informações contidas neste estudo necessita da autorização prévia dos moradores da comunidade, esclarecendo ainda como deverá ser a repartição de benefícios sobre tais usos conforme a lei Lei nº 13.123, de 2015. O referido estudo está vinculado à Universidade de Brasília - Departamento de Geografia, sob a orientação da prof.ª Drª Marília Luiza Peluso. Para tanto solicitamos autorização dos moradores (informante) para uso da imagem, fala e depoimento para esta pesquisa.

Morador(a) Florentina Raíssa Santos

Endereço _____

Telefone: _____

Data: _____